

CHARITAS

PUBLICAÇÃO RESERVADA AOS SERVOS DA CARIDADE

ESORTAÇÃO AOS COIRMÃOS APÓS A CELEBRAÇÃO
DA VI CONSULTA GERAL

MENSAGENS DO SANTO PADRE

COMUNICAÇÕES

DECRETOS

DOCUMENTOS

COIRMÃOS DEFUNTOS

Redação: Casa Geral - Vicolo Clementi, 41 - 00148 Roma

EDIÇÃO PORTUGUESA

Ano LXXXVIII - Abril de 2010 - N. 225

CHARITAS n. 225
RISERVADO OS SERVOS DA CARIDADE
ANO LXXXVIII - ABRIL DE 2010

Índice

CARTA DO SUPERIOR GERAL

Esortação aos coirmãos após a celebração da VI Consulta geral	5
---	---

MENSAGENS DO SANTO PADRE

Mensagem do Papa Bento XVI para o XVIII Dia Mundial do doente 2010	27
--	----

COMUNICAÇÕES

A. Coirmãos	30
B. Eventos de consagrações	33
C. Fatos e acontecimentos importantes	36

DECRETOS

1. Alienazione di immobili del patrimonio stabile della Congregazione	86
2. Erection of a new Religious House at Thaladavi (T.N. - India)	87
3. Dimissione dalla Congregazione	88
4. Chiusura della Comunità di Coyhaique (Chile)	89
5. Erezione giuridica di Casa religiosa a Skawina (Polonia)	90
6. Erezione di Casa di Noviziato	91
7. Nomine	91
8. Passaggio di Provincia	95
9. Uscite - Esclaustrazioni - Permessi	96

DOCUMENTOS

1. A vocação e a formação do leigo cristão guanelliano	98
2. A carta de apresentação do Documento MLG: “Fazer da Caridade o coração do mundo”	104

3. O futuro chama-se comunhão, fraternidade	106
4. Incarico di Assistente generale dei Cooperatori a don Umberto Brugnoni	124

COIRMÃOS DEFUNTOS

1. Pe. Josef Lorenz Sgier	125
2. Irmão Arnaldo Della Bella	128
3. Pe. Gianni Battista Piatti	131
4. Pe. Antonio Filippi	134
5. Pe. Luigi Reali	137
6. Pe. Emilio Canosi	139
7. Pe. Giuseppe Rossi	141
8. Pe. Emidio Di Nicola	142
9. Pe. Romolo Cogliati	146
10. Pe. Ruggero Baldan	148
11. Pe. Paolino Bonomo	151
12. Pe. Mario Uglietti	153
13. Pe. Gaetano Chinaglia	155
14. Irmão Luigi Pisoni	157
15. Pe. Giuseppe Marangi	160
16. Pe. Salvatore Guida	163

CARTA DO SUPERIOR GERAL

ESORTAÇÃO AOS COIRMÃOS APÓS A CELEBRAÇÃO DA VI CONSULTA GERAL

Caríssimos coirmãos

com o momento de graça da VI Consulta Geral, celebrada em Roma de 11 a 17 de janeiro passado, o Conselho Geral, ouvindo os Superiores Provinciais e os coirmãos que participaram da Consulta, teve a oportunidade de refletir sobre o caminho percorrido nos três anos e meio desde o último Capítulo Geral (2006). O clima de fraternidade e de diálogo que caracterizou este nosso Encontro nos torna confiantes em continuar no nosso caminho de animação e de Governo, porque nos sentimos sustentados, antes de tudo pela graça de Deus, pela presença estimuladora do Fundador, mas também pelo senso de responsabilidade que percebemos nos coirmãos, verdadeiramente desejosos de manter vivo o fogo da caridade que o Senhor nos confiou chamando-nos a uma ‘missão altíssima’ e a desfrutar da beleza da nossa vocação.

Verbos que caracterizam a finalidade da Consulta: tratar das questões mais importantes, avaliar, estimular, trocar experiências, os podemos resumir na experiência que vivemos com o vivo desejo de promover a unidade e o maior bem da Congregação e o fervor do nosso zelo apostólico.

A principal tarefa que a Consulta nos confiou é, portanto a de reavivar e sustentar o nosso compromisso de fidelidade aos dons que o Senhor nos deu no decurso da nossa história.

Com esta carta exortativa, em correspondência ao sentido que a nossa Constituição dá à Consulta, estou fazendo, de certa forma, como a Igreja faz depois dos Sínodos dos Bispos que tratam de algum particular aspecto da vida da Igreja: um caminho a ser percorrido juntos, depois de ter tomado maior consciência “das luzes e das sombras”, presentes nas nossas Comunidades.

Às vezes, em referência a um acontecimento social ou eclesial (e algumas vezes, também, em referência a uma pessoa em particular), surgem expectativas de mudança que depois, ao não se realizarem na medida desejada, alimentam uma desilusão. É necessário, em vez disso, convencer-se de que as mudanças se conquistam com a colaboração de todos e na fidelidade perseverante de um compromisso cotidiano que, embora em pequenos passos, faz crescer o bem que já experimentamos e supera as lacunas e as fragilidades que impedem o nosso progresso.

A Consulta nos permitiu olhar com serenidade ‘as luzes e sombras’ da nossa realidade.

Dos relatórios dos Superiores Provinciais, sobre a situação da própria Província ou Delegação, acolhemos com alegria tudo o que de bom, de grande e de belo está se realizando na Congregação.

Talvez ficaram mais “escondidas” as nossa fragilidades e lacunas, que emergiram particularmente quando, com cada um dos Superiores provinciais, analisamos mais concretamente os problemas das nossas Comunidades. E, se é preciso agradecer a Deus pelo compromisso de tantos nossos coirmãos no seu testemunho exemplar de vida e na paixão com que praticam a caridade, é também preciso evidenciar as preocupações do momento que estamos vivendo. Isto não para nos desencorajar, para julgar, ou para condenar as nossas faltas, mas para sentirmo-nos ainda mais responsáveis pelos irmãos e pelo progresso de toda a Congregação.

Não pensem que seja inoportuno, antes de passar a expor os temas tratados na Consulta, que eu partilhe com vocês também as maiores preocupações que emergiram nestes dias e que tornam menos fácil, também para os Superiores, a sua delicada tarefa de animação e de governo. Devo reconhecer que nos Superiores provinciais eu vi o entusiasmo e o amor pela Congregação juntamente com as dificuldades em afrontar certas situações concretas de desconforto, fruto, muitas vezes, de respostas e de atitudes que não sempre correspondem ao espírito religioso. É sempre difícil chamar a atenção sobre pontos negativos ou problemáticos (especialmente a religiosos adultos), quer porque não é certo generalizar, quer porque o perigo de focalizar demais a nossa atenção (ou curiosidade) so-

bre aquilo que não funciona e não perceber e ressaltar o positivo sobre aquilo que se pode construir o bem.

A realidade, todavia, deve ser afrontada com serenidade, com o consolo que muitas das dificuldades que vivemos nós guanelianos hoje são comuns à vida religiosa em geral que, neste tempo de incerteza, está vivendo um período de desafio em definir a sua identidade, em buscar modelos novos para tornar mais querida a sua profecia diante de uma cultura relativista que está abandonando a referência a Deus e ao verdadeiro bem comum.

É precisamente este o maior perigo que está na base também das nossas preocupações. Chamo a atenção sobre algumas, para nos ajudar a compreender o dever da vigilância mas, de modo particular, para suscitar em todos nós um maior compromisso de fidelidade à nossa Constituição evitando assim que o relaxamento de alguns se torne causa de incerteza para outros, especialmente para os coirmãos jovens.

- A facilidade com que alguns coirmãos chegam a prospectar ou pedir aos Superiores para deixar a Congregação para entrar numa Diocese; e isto, muitas vezes como consequência de dificuldades pessoais no âmbito da obediência ou da vida comunitária.*
- O fraco sentido de pertença à Congregação ou de identidade guaneliana; em alguns mesmo depois de diversos anos de formação.*
- Resistências para cumprir uma obediência, aduzindo muito facilmente motivos somente humanos, frequentemente superáveis.*
- Um certo relativismo e, às vezes, imprudência em interpretar e viver os deveres inerentes ao voto de castidade.*
- A construção do próprio ninho num ambiente particular ou a aprovação de uma função que faz esquecer a Comunidade e que torna mais difícil as atividades do coirmão em outra comunidade ou função a aceitação de coirmãos novos na Casa.*
- Percebe-se em alguns coirmãos uma resistência injustificada à mudança de mentalidade ou à acolhida de ‘inovações’ ou propostas estimulantes, novas, necessárias à missão da comunidade. Tudo isto somente por viver na quiete ou na inércia.*
- Aquilo que mais atrapalha é, sobretudo, a falta de comunhão que se manifesta de várias formas também entre nós: particularismos, estranhezas, insensibilidade, preconceitos, às vezes também conflitos sem querer se reconciliar.*

Aproveitamos o que nos propõe a Consulta para um novo impulso em caminhar sobre os passos do Fundador. Tivemos muita esperança na

tão desejada canonização, que parece muito mais lenta do que as nossas expectativas. Agora a perspectiva parece definitivamente adiada para o próximo ano, 2011. Que isto se torne estímulo para nos preparar melhor para esta graça.

Seguindo o esquema de reflexão que retoma o do último Capítulo Geral, eu gostaria de apresentar agora uma visão dos principais pontos tratados na VI Consulta, e propô-los como indicadores do caminho para o período que ainda falta do sexênio.

CARISMA E ESPÍRITO

1. Objetivos e motivações

Existe em geral e especialmente entre os coirmãos jovens um bom desejo de aprofundamento do nosso carisma, que se percebeu como rico de uma espiritualidade específica, apreciado tanto nas Igrejas locais quanto na sociedade civil. Muitas vezes se ouve dizer que é um carisma difícil de ser acolhido, assimilado, vivido, talvez porque a caridade é o compêndio de todos os carismas... ou talvez porque não é fácil ver no serviço aos nossos pobres o caminho da nossa realização humana... ou talvez porque não conseguimos compreender este dom em toda a sua potencialidade ficando apenas na superfície do fazer a caridade ou de um eficiente serviço nas nossas obras... Estamos conscientes de dever aproximar-nos do Fundador mais profundamente, superando os fáceis slogans que, por sua vez, parecem palavras que não provêm do coração nem chegam a ele, porque não profundamente fundados numa experiência de fé, como Ele a viveu, capaz de dar sentido completo ao nosso agir.

Acrescente-se, além disso, que o carisma não é algo estático, mas que deve ser continuamente dinamizado, encarnado no contexto cultural e social em que nós o queremos exprimir e propor, é consequência lógica a insistência que temos retomado, também nesta Consulta de um duplo e sério compromisso a ser continuado sobre o caminho positivo do nosso passado:

- o aprofundamento do carisma, dom do Espírito ao Fundador e à Congregação. Entender a sua essência (também e especialmente a mística), mas também as aplicações e o desenvolvimento histórico em coerência com a época e com as outras orientações da Igreja.*

- *A assimilação vital do carisma, para que se torne caminho de santidade pessoal, de alegria comunitária e força evangelizadora na missão. Para a assimilação do carisma, além de uma robusta espiritualidade, é importante valorizar a presença dos pobres na nossa vida. Deus nos chama para eles e em favor deles realizamos a nossa vocação, e eles próprios nos fazem compreender a riqueza do carisma: são os nossos mestres e evangelizadores...*

Outro elemento de vitalidade do carisma é o fato da expansão da Congregação em novos países, que nos compromete a transmiti-lo fielmente aos jovens coirmãos e, ao mesmo tempo a acolher como ele mesmo pode enriquecer-se com novas sensibilidades e com novas expressões culturais.

2. Situação e as instâncias que acolhemos na Consulta

- *Tornar a nossa espiritualidade mormente específica e inspirada ao carisma; não porém vivida somente em nível pessoal, mas também a ser proposto como caminho de fé àqueles a quem dedicamos o nosso cuidado apostólico e como método pedagógico de relação que torna visível o carisma na nossa vida comunitária e nos nossos serviços apostólicos e de caridade (nos perguntamos quais são os indicadores concretos para perceber e difundir o carisma!)*
- *Estarmos atentos no discernimento dos nossos serviços de caridade, nas modalidades e também nas escolhas estruturais e organizativas com que os realizamos, porque estamos respondendo à cultura e realidade social do território.*
- *Naquilo que se refere à transmissão e ao aprofundamento do carisma a Consulta estimula a valorizar o rico patrimônio que já possuímos e a repropo-lo para favorecer nos coirmãos uma identidade carismática mais forte.*
- *É o mesmo carisma, como dom de Deus a toda a Igreja, que nos pede mais coragem e compromisso para fazê-lo conhecido e vivido pelos leigos que colaboram em diferentes modos à nossa missão, para que seja, por eles mesmos enriquecido com a vivência da sua vocação laical.*

3. Propostas operativas

- *Os Governos da Congregação, e em particular modo o Centro de Estudos Guanellianos de Roma, em coordenação com os Centros provinciais, já existentes ou a serem instituídos, continuem a oferecer iniciativas para o aprofundamento e a formação ao carisma: - semanas guanellianas para coirmãos e leigos, - escola Guanelliana sobre o carisma, etc..., com particular atenção aos nossos Seminários teológicos e à formação carismática dos Formadores.*
- *Exprime-se também o desejo de conseguir ter na Congregação Instituto científico de Estudos Guanellianos...*
- *Incrementar boas traduções dos textos ou documentos fundamentais que se referem ao carisma, à história, aos subsídios formativos ou de animação. Mas também insistir e favorecer aos coirmãos de outros países a que aprendam bem a língua italiana.*
- *Favorecer a participação dos leigos guanellianos às várias iniciativas de formação ao carisma, organizados pela Congregação ou por cada Província.*

COMUNHÃO FRATERNA E COMUNHÃO COM DEUS

1. Objetivos e motivações

Iniciamos a Consulta com meio dia de retiro espiritual precisamente sobre este tema. O Pe. Rovira nos deu uma bela palestra: “O futuro se chama Comunhão, Fraternidade”. Ele tratou particularmente das relações que existem entre autoridade e obediência, entre Comunidade e quem a preside, na lógica do compromisso comum a realizar a vontade de Deus. A razão de ser do serviço da autoridade e da obediência reside na comunhão.

Ofereceu-nos um “decálogo”, muito concreto, sobre como deveriam ser as relações comunitárias a fim de que a fraternidade seja sinal visível de comunhão evangélica. (Remeto ao texto da conferência que será reportado nos Atos da Consulta).

Limito-me a chamar a atenção a alguns aspectos da meditação:

- *Hoje não poucas pesquisas nos dizem que o elemento de maior dificuldade na vida religiosa é a fraternidade, a fadiga de viver juntos.*
- *Hoje os jovens que se aproximam da vida religiosa esperam poder encontrar uma vida verdadeiramente fraterna e muitas vezes ficam desiludidos; e não poucos coirmãos adultos ou idosos vivem com resignação uma experiência fraterna pouco estimulante.*
- *A graça e a realização da vocação à santidade para nós passa através da missão e da comunhão com os irmãos. Isto deve nos levar a confiar nos irmãos que o Senhor nos dá.*
- *Com a profissão religiosa nós alargamos o nosso horizonte humano e espiritual acolhendo no nosso modo de pensar e de agir o dos nossos irmãos: cada um deve se sentir um ‘Nós’. Enquanto não chegamos a isto ainda não teremos ‘começado’ a fazer parte da Comunidade.*
- *À tarefa jurídica da autoridade, e da obediência formal é necessário infundir autoridade por parte do Superior e co-responsabilidade por parte de todos... mesmo em lavar-se os pés reciprocamente.*
- *Entre as características mais importantes do Superior ele nos lembrou o dever de acompanhar espiritualmente e carismaticamente os coirmãos na realização da vocação de todos à santidade.*
- *Um dos problemas, (que também nós vivemos hoje), é o da motivação à obediência. Ela deve ser sempre razoável, mas não pode ser simplesmente racional, porque excluiria o papel decisivo da fé.*

2. A situação... os desafios... e as instâncias

Na análise da nossa situação, especialmente na conversa com os Superiores provinciais, constatamos várias lacunas da nossa vida fraterna, às vezes considerada pouco importante em relação à missão e evidenciando as dificuldades a acolher, por um lado, a obediência com o espírito de fé e, por outro, a aceitar a responsabilidade o serviço da autoridade.

Como foi indicado pelo Capítulo Geral, paramos para refletir sobre pontos concretos para reviver a nossa vida de fraternidade:

- *O Projeto comunitário, como instrumento importante para superar o individualismo, a superficialidade e a falta de relações profundas, o excessivo ativismo a carga de trabalho de alguns coirmãos e a falta de co-responsabilidade e envolvimento de outros...*
- *A preparação dos Superiores, na sua fundamental missão de acompanhantes espirituais da Comunidade e animadores da missão na Comunidade educativa. É muito sentida, a respeito, a necessidade de acompanhar os coirmãos jovens, particularmente nos Países de recente expansão, e que necessariamente se confia este serviço, e que muitas vezes devem exercê-lo entre os coirmãos da sua idade.*

A respeito, pois, da vida espiritual, depois que o Pe. Wladimiro apresentou o Plano Pastoral para o ano de 2010-2011, se acolhe o convite para aprofundá-lo e fazer dele uma aplicação atenciosa e convicta.

Durante o diálogo na Assembleia emergiram dois pontos importantes para estimular a nossa vida espiritual (e que são desenvolvidos também no Plano Pastoral):

- *a prática da meditação cotidiana, que está perdendo importância nas nossas Comunidades; não seja deixada à iniciativa pessoal, mas seja recuperada na sua dimensão comunitária.*
- *a necessidade sempre mais urgente, para nós como para os leigos, de um acompanhamento para aprofundar e viver a nossa típica espiritualidade e a percorrer caminhos de santidade guanelliana.*

3. Propostas operativas

- *Reafirma-se a importância do projeto comunitário, sobre o qual fazer uma constante avaliação. No projeto comunitário faça-se particular atenção à pastoral vocacional, para que cada Comunidade saiba atrair, acolher e promover nos jovens o sentido vocacional da sua vida.*
- *Com uma entrega adequada de tarefas econômicas e de gestão aos leigos, os coirmãos saibam se reservar momentos regulares para vida espiritual e para a fraternidade.*
- *Na formação inicial cuide-se de promover a atenção ao crescimento do sentido fraterno e de pertença à própria comunidade. É necessário, portanto, que em todas as fases formativas os jovens*

- em formação possam experimentar uma concreta vida comunitária também com um número adequado de coirmãos no caminho formativo.*
- *Dada a crescente idade média dos coirmãos, torna-se necessária uma atenção particular para com os coirmãos idosos e doentes para que não se sintam excluídos da vida e da missão da comunidade. Tenha-se particular cuidado de assegurar-lhes além dos cuidados necessários, um ambiente comunitário em que se sintam acolhidos como verdadeira “porção eleita do Instituto e fonte de bênção” para a Congregação.*
 - *Para a **formação dos Superiores** no seu serviço de animação se organize um Curso específico com uma primeira etapa fundamental para todos na Itália, a serem continuadas depois com aplicações necessárias em cada Província ou áreas geográficas de pertença.*
 - *O Plano Pastoral seja assumido como guia para os encontros de comunidade.*
 - *Pede-se ao Conselho geral de rever o manual de orações para a Congregação.*

VIDA DE CONSAGRAÇÃO

O tema da Vida de consagração não foi aprofundado pela Consulta. Aflorou como pano de fundo quando se falou do Carisma e do Espírito, da vida de comunhão fraterna e mais concretamente no encontro com cada provincial (como foi evidenciado acima no elenco de algumas preocupações de Congregação).

Existe uma convicção de base que o testemunho alegre da nossa opção vocacional é o fundamento da eficácia da nossa missão. Mas esta convicção deve ser reforçada continuamente para acolher e viver com alegria este dom, colocado em frágeis vasos de argila. Imersos numa cultura secularizada e muitas vezes hostil ou indiferente aos valores evangélicos nós religiosos precisamos chegar a uma sólida maturidade pessoal e espiritual; ela deve ser cuidada e inculcada de forma experiencial na primeira formação, e sustentada num contínuo crescimento na formação permanente e na conversão pessoal.

PASTORAL JUVENIL-VOCACIONAL E FORMAÇÃO

1. Objetivos e motivações

Os Superiores provinciais apresentando o quadro da situação, com as iniciativas atuadas nestes anos para dar impulso à pastoral juvenil-vocacional e à formação na própria Província, evidenciaram a prioridade dada a este setor.

Não sempre e não em todos os lugares porém se alcançou um bom envolvimento dos coirmãos neste campo. Poder-se-ia fazer muito mais nas nossas Paróquias, quer com a abertura das nossas Comunidades aos jovens por motivos de voluntariado, de experiências de oração, de desejo de acompanhamento espiritual, quer em acompanhar mais de perto “aqueles que mostram interesse pela nossa vida e missão” (C 87) com a finalidade de um crescimento espiritual e carismático mais profundo e maduro.

A coragem da proposta vocacional interpela e compromete a todos nós a dar um alegre testemunho de vida e a contagiar os jovens com a nossa paixão por Deus e pelos mais pobres manifestada na missão guaneliana.

Para a formação todos concordam a respeito da validade da Ratio como instrumento para realizar uma boa formação guaneliana e dar unidade, coordenação e continuidade a todo o processo formativo. A Ratio deve se tornar para todos um instrumento a ser aprofundado e assimilado para tornar efetivas as potencialidades nela contidas.

2. A situação... os desafios... e as instâncias

Na Congregação temos consciência de que se está vivendo um momento histórico particular para acolher e formar um bom número de vocações, provenientes de países e culturas diversas daquelas tradicionais. Dentro de poucos anos o “centro gravitacional” da Congregação mudará decisivamente para o Leste e para o Sul do mundo.

É um desafio importante que exige, desde já, atenção por parte de todos, para assegurar a fidelidade ao carisma e uma adequada organização que leve em conta a pluralidade das culturas.

Deve-se considerar também o “desequilíbrio geracional” que estamos vivendo na Congregação: em algumas áreas predominam os jovens

coirmãos, em outras a idade dos coirmãos é elevada. Por isso, durante a Consulta se evidenciou a necessidade de disponibilizar formadores com maior experiência nos Seminários da África e da Índia.

Foram muitos os temas que os coirmãos da Consulta quiseram tratar: a formação permanente; a escolha e formação dos formadores; o Seminário Teológico internacional de Roma; o projeto de pastoral juvenil e vocacional da Congregação; a necessária coordenação das várias etapas formativas; o ano de tirocínio a ser cuidado com maior atenção.

As urgências maiores foram as da preparação dos formadores e do acompanhamento formativo dos jovens coirmãos nos seus primeiros anos de inserção no apostolado (Tutorado) e também no período do tirocínio.

Particularmente a estes temas fazem referência as seguintes propostas operativas que a Consulta nos confia. Essas propostas refletem as diferentes realidades da Congregação, por isso devem ser aplicadas considerando as situações particulares nas quais somos chamados a desenvolver este ministério de animação vocacional e de formação. De fato também a reflexão sobre estes temas foi realizada por áreas geográficas homogêneas.

3. Propostas operacionais (Algumas se referem a situações particulares, outras representam estímulos válidos para todos)

Grupo da área européia (As duas Províncias italianas)

- Continuar no caminho de colaboração entre as duas Províncias italianas a respeito das iniciativas da pastoral juvenil e vocacional, entre as quais a de levar a cabo o estudo do Projeto de PJV que, na parte inspirativa, possa servir também para as outras Províncias.*
- Requalificar a nossa presença na ação pastoral da Igreja local em favor do mundo juvenil, valorizando a nossa espiritualidade e inspiração carismática e oferecendo aos jovens acompanhamento espiritual e experiências comunitárias de serviço aos pobres.*
- Oferecer itinerários de formação permanente para os coirmãos, levando em conta a idade e as dificuldades que no passado não favoreceram a adesão às iniciativas propostas.*

- *Cuidar particularmente da formação dos superiores locais para sustentá-los na sua missão a serviço do crescimento espiritual dos coirmãos e da animação vocacional da própria Comunidade.*
- *Quanto à experiência do **tirocínio** se reitera a necessidade de acompanhar mais de perto os coirmãos e particularmente os que provêm de outras áreas geográficas, para que a experiência aumente neles o espírito guanelliano e uma frutuosa metodologia no serviço aos pobres.*

Grupo ibero-americano

- *Continuar a favorecer a coordenação da pastoral juvenil e vocacional em nível ibero-americano com a ajuda recíproca e o intercâmbio de experiências.*
- *Chegar a ter orientações gerais e subsídios comuns, para que em cada Província se elabore e se atue um projeto provincial de pastoral juvenil-vocacional, com o apoio do Conselho Provincial.*
- *Nas reuniões provinciais dos Párocos seja considerado muito importante o tema da pastoral juvenil-vocacional.*
- *Cuide-se que os coirmãos jovens encarregados da formação sejam ajudados por coirmãos com mais experiência, também através do intercâmbio entre Províncias.*
- *Favorecer o estudo e a assimilação da Ratio nas Comunidades, não se contentando só de uma apresentação.*

Grupo de língua inglesa (Província “Divina Providência” e “Delegação Nossa Senhora da Esperança”)

- *Sente-se uma forte necessidade de serem ajudados pelos coirmãos mais experientes para acompanhar os formandos e os jovens coirmãos perpétuos especialmente no aspecto carismático guanelliano. Os Superiores competentes concordem entre si para facilitar esta ajuda. De acordo com o Conselho Geral, se continue a programar a presença nas várias Províncias da equipe itinerante que foi constituída para a apresentação, o aprofundamento e a aplicação da Ratio.*
- *Os Superiores se empenhem em escolher algum jovem coirmão para se preparar com um estudo de aprofundamento do carisma*

guanelliano (Escola guanelliana com a colaboração do Centro de Estudos de Roma) para que se torne estímulo para os jovens coirmãos da própria Província.

- *Possivelmente se ofereça aos futuros formadores a oportunidade de experimentar a missão apostólica antes de entrar plenamente no campo formativo.*

Para todos

- *Aproveitar da ocasião da próxima Jornada mundial da juventude, de 16 a 21 de agosto de 2011 em Madrid, para propor aos jovens guanellianos um caminho de preparação e de participação àquele evento.*

MISSÃO

1. Objetivos e motivações

Com a nossa missão, nós nos tornamos partícipes da missão evangelizadora da Igreja Universal. Em base às diferentes situações sociais em que a Congregação atua ela adquire, assim, uma fisionomia particular, mas ao mesmo tempo, exige um sério discernimento para que a inculturação do carisma nos velhos e nos novos contextos ou com novos modelos e métodos, mantenha a fidelidade fundamental ao próprio carisma.

Para que seja mais evidente no território a específica identidade da nossa missão evangelizadora é necessário reatualizar a finalidade fundamental de dar “pão e Senhor” de forma visível, especialmente onde existe uma forte presença de agentes leigos e também onde estão inseridos em contextos não cristãos.

A Congregação, como a Igreja, não pode calar o próprio fundamento original e vinculante sob pena de se reduzir apenas a uma sociedade filantrópica.

Outra perspectiva da nossa missão hoje é a da abertura ao território eclesial e social para trabalhar em “rede” com as outras Congregações ou Entidades semelhantes empenhados na promoção integral do homem, e assim incidir mormente na sociedade e sobre as Instituições a favor dos

pobres e das marginalizações antigas e novas, com uma visão mais “globalizada” e integral da caridade.

2. A situação... os desafios... as instâncias

Em algumas áreas a missão sofre por causa da falta de novas vocações, cuja carga de responsabilidades para dar continuidade às nossas obras (algumas das quais muito complexas) cai sobre um número cada vez mais limitado de coirmãos.

Em outras áreas geográficas, ao contrário, seria necessário expandir os nossos serviços de caridade para dar opções concretas de envolvimento apostólico às novas vocações, mas volta o mesmo problema não indiferente hoje da auto-sustentabilidades econômica destas novas obras. Não sempre é possível superar este desequilíbrio, mesmo que algumas iniciativas de partilha de pessoal religioso são feitas como também parece necessário manter estruturas já consolidadas que por sua vez garantam a possibilidade de sustentar as nossas missões em territórios mais pobres.

A respeito das obras, aparece também o problema da dependência dos Órgãos públicos que impõem modelos organizativos e exigências de qualidade de serviços empenhativos, reduzindo muitas vezes a contribuição necessária. Isto torna mais difícil aos coirmãos e às Comunidades realizar a instância, muitas vezes repetida, de ser ‘núcleo animador’ mais que gestores e administradores das nossas atividades caritativas. Preocupações de gestão e econômicas às vezes se tornam dominantes nos encontros de Conselho em diversos níveis.

Os Superiores, no seu Relatório sobre este ponto, afirmam que cresceu nos coirmãos esta sensibilidade, embora admitindo que existe ainda um bom caminho a ser percorrido especialmente em fazer com que não seja somente o coirmão diretamente responsável na atividade a realizar este compromisso, mas que se perceba mais claramente a presença animadora de toda a Comunidade religiosa.

Outra avaliação feita pela Consulta foi a que se refere à dinamicidade da nossa missão. Por lado verificou-se uma certa estaticidade, especialmente nas nossas macroestruturas condicionadas pela elevada idade média dos coirmãos e também pelas dificuldades econômicas (mas, de qualquer forma, consideradas válidas pelo seu serviço qualificado) e por outro se aprecia o dinamismo de algumas iniciativas especialmente nas

regiões de nova presença. Se for partilhado e sustentado também pelas Províncias historicamente mais consolidadas, este dinamismo poderá proporcionar nova vitalidade para todos.

3. Propostas de ação

- Continuar a insistir para que as nossas comunidades realizem na prática (e de forma diversificada segundo as várias situações culturais) o modelo “núcleo animador”;*
- individuar para os coirmãos, além dos papéis de responsabilidade organizacional, também papéis mais de tipo pastoral e de animação (ministério da escuta e apoio às famílias dos nossos assistidos, proximidade aos nossos operadores, catequese específica, formadores ao carisma, ministério do sofrimento...)*
- Retomar o Documento Base para Projetos Educativos Guanellianos e os vários projetos de setor como instrumentos para inculcar a pedagogia guanelliana nas nossas Comunidades educativas, particularmente quando entram novos operadores e nos contextos culturais onde ainda se usam métodos pedagógicos não totalmente conformes ao nosso método preventivo e ao nosso estilo familiar de se relacionar.*
- Nas novas realidades em que se está se expandindo a nossa presença estudem-se formas novas de resposta às necessidades dos pobres, sem copiar modelos estruturais tradicionais. Embora tendo que levar em consideração a sustentabilidade das novas obras até se chegar à autonomia econômica, não falte a confiança na Providência, a ser solicitada também com o empenho da nossa criatividade de buscar in loco os recursos necessários em favor dos pobres.*
- Também onde existem estruturas já consolidadas, a Comunidade Religiosa esteja aberta a serviços mais simples, realizando aquilo que a nossa tradição chama ‘cantinho da caridade’ ou ‘tetos fraternos’ segundo a experiência latino-americana.*
- As nossas Paróquias se identifiquem sempre mais como “Paróquias samaritanas” favorecendo experiências e “micro-projetos” que envolvam os leigos a manter viva a atenção para com as novas pobreza que muitas vezes ficam escondidas no tecido paroquial e sensibilizando-se em relação às novas presenças missionárias (grupos missionários).*

O LAICATO GUANELLIANO

1. Objetivos e motivações

Seguindo as orientações da Igreja e o exemplo do Fundador, também a nossa Congregação, do Vaticano II em diante, está levando a sério o dever de tornar os leitores sempre mais partícipes ao nosso carisma e o compromisso a desempenhar com incisividade a sua colaboração na nossa missão.

Os leigos, vivendo a sua vocação batismal e segundo o seu estado de vida e de responsabilidade na sociedade civil, podem enriquecer o carisma sob aspectos até agora desconhecidos por nós e podem dar à nossa missão um verdadeiro impulso com as suas competências e o seu empenho e contribuição para “tornar a Caridade o coração do mundo”.

Precisamos uns dos outros para tornar o nosso testemunho e o nosso apostolado mais visível num mundo que tende a colocar à margem da sociedade tanto os valores religiosos quanto os pobres e as pessoas menos eficientes.

O caminho de comunhão para realizar esta sinergia passa necessariamente através de uma mudança de mentalidade por nossa parte que favoreça uma relação de maior conhecimento e estima das nossas respectivas identidades, conjuntamente à diversidade das tarefas ou ministérios a que somos chamados a desenvolver na Igreja e no mundo.

Na complementaridade das vocações e no intercâmbio recíproco dos diferentes dons tornaremos possível uma eficaz participação e partilha da nossa missão para alcançar assim a co-responsabilidade concreta na organização das iniciativas para ampliar ‘a tenda da caridade’.

Chegaremos a esta co-responsabilidade se formos capazes de atuar as experiências graduais sempre mais comprometedoras para nós e para os próprios leigos.

Em referência ao laicato guanelliano existem vários modos de participação ao carisma e de colaboração na missão e isto exige nos religiosos um vivo sentido de responsabilidade para considerar parte essencial da nossa missão a promoção da partilha dos leigos na nossa espiritualidade.

Entre os próprios leigos guanellianos os Cooperadores devem ser ajudados a tomar consciência de que são o coração e o motor do MLG, junto às Filhas de Santa Maria da Providência e aos Servos da Caridade.

Uma ulterior forma de proximidade e partilha da nossa Congregação é dada pela possibilidade de se tornar “membro associado” da mesma, assumindo compromissos específicos de vida e de participação numa nossa Comunidade Religiosa.

2. A situação... os desafios... as Instâncias

Chegados à aprovação do Documento “Tornar a Caridade o coração do mundo”, por todos apreciado, estamos empenhados agora em difundir-lo e em promover o seu espírito, esclarecendo a todos que o MLG não é uma sobre-estrutura que ofusca a organização e a identidade de cada grupo já existente, mas é uma coordenação e um serviço de intercomunicação e de estímulo para que todos os leigos guanellianos vivam os valores próprios do espírito guanelliano e se sintam partícipes da grande família guanelliana.

A Consulta, como também a Assembleia do MLG do fim de janeiro (Roma, 23-24), foi marcada pela necessidade de os leigos de serem acompanhados e formados por nós, religiosos, no seu caminho de partilha do carisma, com coragem por parte nossa de «pedir mais aos leigos que desejarem viver mormente o espírito guanelliano e praticá-lo no cumprimento das suas funções com os nossos pobres, além de assumi-lo como inspirador da sua vida familiar e social».

3. Propostas operativas

- Fazer algo mais decidido como proposta da vocação do Cooperador guanelliano nos vários grupos de MLG.*
- Ajudar os Cooperadores, além de querer o reconhecimento civil em cada país, a se coordenarem entre eles em nível de áreas geográficas para chegarem também a uma organização em nível mundial.*
- Favorecer a implantação do MLG ao reder de cada uma das nossas Comunidades Religiosas, envolvendo diretamente um coirmão (não a título pessoal mas como representante da Comunidade) e responsabilizando para este compromisso os Cooperadores guanellianos, para que se tornem o “núcleo animador” do MLG.*

- *Observar os critérios e as modalidades de escolha para os operadores das nossas Casas, indicados no livrinho “Com fé, amor e competência” pedindo para quem desempenha serviços relacionais com os assistidos a partilha dos valores do nosso carisma e a quem desenvolve serviços de direção assumir o carisma e a pedagogia guanellianos como referências fundamentais do seu serviço.*
- *Atuar concretamente na formação dos colaboradores leigos das nossas Obras, em coordenação com as FSMP e os Cooperadores Guanellianos onde possível e com os respectivos Conselhos do MLG.*
- *Onde existe a delegação de funções de gestão, de organização o de direção, o Superior local (e em alguns casos o Superior provincial) é sempre o último responsável pela atividade da obra.*
- *Que saiba envolver, em espírito de verdadeira co-responsabilidade, os vários órgãos que se consideram necessários para a animação e o bom funcionamento dos nossos serviços caritativos: Conselho da obra, Equipe diretiva, Equipe de coordenação, etc...*
- *Manter presente a possibilidade que temos de acolher uma pessoa como ‘membro associado’ da comunidade e, correspondentemente, definir num Diretório Provincial as condições, os direitos e os deveres em base às Normas preparadas pelo Conselho Geral.*

GOVERNO

1. Objetivos e motivações

A Consulta, com a presença dos Superiores provinciais e dos representantes de cada Província, nos permitiu fazer uma avaliação sobre modalidades de relação vivida no triênio entre o Governo Geral e cada Província e entre Províncias.

Já no início do nosso mandato tínhamos colocado como objetivo das nossas relações equilibrar da melhor forma possível o princípio da “unidade de direção” com o da subsidiariedade e da adequada autonomia de cada Organismo de Congregação, de modo a favorecer a responsabilidade de todos.

Hoje a complexidade de certas situações exige que todos tenhamos uma atitude interior que nos torne capazes de reconhecer os nossos limites, pedir conselho e sustentação para alcançar um correto discernimento. Com o diálogo franco que favorece também a correção fraterna poderemos assumir melhor a nossa responsabilidade com tudo aquilo que ela comporta de sacrifício, de constância e, às vezes, também de incompreensões.

Na tarefa de animação e de governo os Superiores devem saber equilibrar misericórdia e justiça, caridade e verdade, especialmente nos casos em que a misericórdia pode dar ocasião ao relaxamento. É chato que em certos momentos tenha-se chegado a decisões drásticas. Exorto a todos a não considerar algumas atitudes de paciência por parte dos superiores como postura de mediocridade.

2. A situação... os desafios... as instâncias

Em geral foi avaliado positivamente o relatório e a comunicação entre os diferentes Organismos de Governo, mas que ainda precisa melhorar.

Algumas vezes, não foi fácil respeitar as competências próprias e as necessárias modalidades de ação quando se deveram tomar decisões que implicaram diferentes Organismos, que podiam ter diferentes visões sobre a realidade em questão. Por isto é importante sermos fiéis ao que foi indicado na nossa Constituição ou Regulamento para assumir cada um, as próprias responsabilidades, transmitindo confiança aos nossos coirmãos do próprio Conselho, em diferentes níveis: Conselho de casa conselho provincial, Conselho geral.

Normalmente, como resulta das Atas, chega-se à unanimidade nas decisões através do diálogo e do confronto sereno, porém, às vezes, tomada uma decisão, surgem dificuldades em aceitá-la na prática e se gostaria de rediscuti-la, talvez em assembleia, com o perigo de que poucos coirmãos possam convencer outros.

Isto cria incerteza e também divisões.

3. Propostas de ação

- *Melhorar, em alguns casos, a elaboração das atas, para que fique mais claro o parecer de cada membro do conselho e as motivações de uma decisão.*

- *O Conselho Geral continue dando apoio aos Governos provinciais, intensificando onde foi um pouco descuidado, sem, porém substituir-se nas decisões ou orientações que competem ao Conselho Provincial.*
- *Esclarecer melhor as funções do Diretor de atividades, onde ele é diferente do Superior. Poderá ser muito útil codificar estas funções e explicá-las aos nossos colaboradores leigos.*

ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

O ecônomo geral apresentou aos coirmãos da Consulta um amplo fascículo sobre a programação econômica da Congregação, com: – a Revisão de como foram aplicadas até agora as moções e propostas do Capítulo Geral; – o programa econômico da Cúria Geral; – o manual econômico e Administrativo; – o perfil do administrador leigo nas nossas Casas.

O ecônomo geral desenvolveu este último tema, para fazer-nos compreender os requisitos necessários a serem respeitados quando se confiam tarefas de responsabilidade em matéria econômica, mas também, em geral, quando se confiam responsabilidades de direção nas nossas atividades.

- *A frágil situação econômica que estamos vivendo na Congregação, consequência da crise econômica mundial, mas também das dificuldades de gestão das nossas Obras, especialmente as mais empenhativas, que no passado podiam contribuir para o sustento das Casas mais necessitadas está trazendo preocupação para a Congregação, além do fato de não poder sempre dar as contribuições estabelecidas pelo Capítulo Geral. Torna-se necessária muita confiança na Providência e também muito empenho para resolver esta dificuldade.*
- *A necessária criatividade por parte de todos para alcançar a autonomia econômica da própria Casa ou de cada Província. Apóiamos neste compromisso, a colaboração por parte de Organizações guanellianas (ASCI, Puentes ONG, Procura Missioni na Alemanha... e tantos benfeitores que estão assumindo com o coração, especialmente as nossas missões.*

- *O financiamento e sustentabilidade das nossas obras mediante a criação de um fundo de segurança, obtido pela alienação ou gestão de imóveis da Congregação. Nestes casos é preciso se ater escrupulosamente às orientações dos Superiores competentes.*
- *A necessidade de melhorar ulteriormente, pelo menos em algumas Províncias, a formação dos coirmãos e dos leigos na sua competência de administrar convenientemente os bens materiais e na observância das normas administrativas, que estão se codificando no manual econômico administrativo, que logo será distribuído.*

CONCLUSÃO

Um reconhecido obrigado a Deus que nos acompanhou nestes dias e apoiou o compromisso para discernir o bem da nossa Congregação na fidelidade ao Fundador e ao nosso carisma.

Um vivo obrigado aos participantes, a quem preparou com cuidado neste momento, a quem nos acompanhou com a oração e com o encorajamento.

Experimentamos se sentimos muito vivo o coração universal da nossa Congregação, nos impele a uma sempre maior abertura e comunhão.

Desejo a todos os coirmãos de acolher com ânimo generoso as orientações expressas nesta Consulta.

Elas têm um caráter exortativo, que nos remete e nos ajuda a aplicar os nossos textos normativos: a Constituição, o Regulamento e a tudo o que foi decidido nos nossos Capítulos Gerais. Nos poucos dias do nosso trabalho na Consulta Geral certamente não se podiam aprofundar todos os aspectos da nossa vida e da nossa missão, mas somente os mais fundamentais e urgentes.

Além de tudo, não sempre é possível dar indicações válidas para todas as culturas, para cada Província deverá ser criativa em aplicar estas orientações à sua específica realidade.

Às vezes nos encontramos diante da necessidade de definir melhor alguns pontos importantes para adequar as nossas normas às mudanças. Esta, porém é tarefa do Capítulo Geral, ao qual será bom chegar preparados, também mediante experiências bem ponderadas e autorizadas (me

refiro em particular modo às experiências de maior envolvimento e coresponsabilidade dos leigos na missão e a algumas atualizações referentes à comunhão dos bens ou a organização das nossas Comunidades).

A desejada canonização do Fundador, que finalmente procedeu positivamente, ainda que um pouco atrasada a respeito da nossa vontade, nos encontre melhor preparados para honrá-lo com a vivacidade e o fervor dos nossos compromissos apostólicos e, acima de tudo, com a nossa santidade de vida.

No dia em que celebramos a Apresentação de Jesus no Templo e a Jornada da Vida Religiosa, confiamos a Maria os nossos propósitos de bem.

Roma, 2 de fevereiro de 2010, Jornada Mundial da VC.

Padre ALFONSO CRIPPA
Superior Geral

MENSAGENS DO SANTO PADRE

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O XVIII DIA MUNDIAL DO DOENTE 2010

Caros irmãos e irmãs

No próximo dia 11 de Fevereiro, memória litúrgica da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes, celebrar-se-á na Basílica Vaticana o XVIII Dia Mundial do Doente. A feliz coincidência com o 25º aniversário da instituição do *Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde* constitui mais um motivo para dar graças a Deus do caminho até agora percorrido no sector da pastoral da saúde. Formulo votos de coração a fim de que esta celebração seja ocasião para um impulso apostólico mais generoso ao serviço dos enfermos e de quantos se ocupam deles.

Efectivamente, com o anual Dia Mundial do Doente a Igreja tenciona sensibilizar profundamente a comunidade eclesial a respeito da importância do serviço pastoral no vasto mundo da saúde, serviço que faz parte integrante da sua missão, uma vez que se inscreve no sulco da mesma missão salvífica de Cristo. Ele, Médico divino, «passou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo Diabo» (*Act 10, 38*). O sofrimento humano tem sentido e é plenamente esclarecido no mistério da Sua paixão, morte e ressurreição. Na Carta Apostólica *Salvifici doloris*, o Servo de Deus João Paulo II usa palavras iluminadoras a este propósito. «O sofrimento humano escreveu ele atingiu o seu vértice na paixão de Cristo; e, ao mesmo tempo, revestiu-se de uma dimensão completamente nova e entrou numa ordem nova: ele *foi associado ao amor...* àquele amor que cria o bem, tirando-o mesmo do mal, tirando-o por meio do so-

frimento, tal como o bem supremo da Redenção do mundo foi tirado da Cruz de Cristo e nela encontra perenemente o seu princípio. A Cruz de Cristo tornou-se uma fonte, da qual brotam rios de água viva» (n. 18).

Na Última Ceia, antes de voltar para o Pai, o Senhor Jesus inclinou-se para lavar os pés aos Apóstolos, antecipando o supremo acto de amor da Cruz. Com este gesto, convidou os seus discípulos a entrar na sua mesma lógica do amor que se entrega, especialmente aos mais pequeninos e aos necessitados (cfr. *Jo* 13, 12-17). Seguindo o seu exemplo, cada cristão é chamado a reviver, em contextos diferentes e sempre novos, a parábola do bom Samaritano que, passando ao lado de um homem abandonado meio morto pelos salteadores na margem da estrada, «vendo-o, encheu-se de piedade. Aproximou-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria vontade, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele, e o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”» (*Lc* 10, 33-35).

Na conclusão da parábola, Jesus diz: «Vai, e também tu faz do mesmo modo» (*Lc* 10, 37). Ele dirige-se também a nós com estas palavras. Exorta-nos a inclinar-nos sobre as feridas do corpo e do espírito de muitos dos nossos irmãos e irmãs que encontramos pelas estradas do mundo; ajuda-nos a compreender que, com a graça de Deus acolhida e vivida na vida de cada dia, a experiência da enfermidade e do sofrimento pode tornar-se escola de esperança. Na verdade, como afirmei na Encíclica *Spe salvi*: «Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com amor infinito» (n. 37).

Já o Concílio Vaticano II evocava a importante tarefa da Igreja, de cuidar do sofrimento humano. Na Constituição dogmática *Lumen gentium*, lemos que «tal como Cristo... foi enviado pelo Pai “para anunciar a boa nova aos pobres, para proclamar a libertação aos cativos” (*Lc* 4, 18), “para procurar e salvar o que estava perdido” (*Lc* 19, 10), de modo semelhante a Igreja ama todos os angustiados pelo sofrimento humano, reconhece mesmo a imagem do seu Fundador, pobre e sofredor, nos pobres e nos que sofrem, esforça-se por aliviar a sua indigência e neles deseja servir a Cristo» (n. 8). Esta acção humanitária e espiritual da Comunidade eclesial para com os doentes e os sofredores, ao longo dos séculos, manifestou-se de múltiplas formas e em numerosas estruturas médicas, também de cariz institucional. Gostaria de evocar aqui aquelas que são geridas directamente pelas dioceses e as que nasceram da generosidade de vários Institutos religiosos. Trata-se de um “património” precioso, correspondente ao facto de que «o amor tem necessidade também de organização enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado» (Encíclica *Deus caritas est*, 20). A criação do

Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, há vinte e cinco anos, faz parte de tal solicitude eclesial pelo mundo da saúde. E apraz-me acrescentar que, no actual momento histórico-cultural, se sente ainda mais a exigência de uma presença eclesial atenta e escrupulosa ao lado dos doentes, como também de uma presença na sociedade capaz de transmitir os valores evangélicos de maneira eficaz, em vista da salvaguarda da vida humana em cada uma das fases, desde a sua concepção até ao seu fim natural.

Gostaria de retomar aqui a *Mensagem aos pobres, aos doentes e a todos aqueles que sofrem*, que os Padres conciliares dirigiram ao mundo, no encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II: «Ó vós todos, que sentis mais duramente o peso da cruz – disseram eles – ...vós que chorais... vós, desconhecidos da dor, tende coragem, vós sois os preferidos do reino de Deus, que é o reino da esperança, da felicidade e da vida; vós sois os irmãos de Cristo sofredor; e com Ele, se quiserdes, salvareis o mundo!» (*Ench. Vat.*, I, n. 523* [pág. 313]). Agradeço de coração às pessoas que, todos os dias, «desempenham o serviço em prol dos doentes e dos sofredores», fazendo com que «o apostolado da misericórdia de Deus, ao qual se dedicam, corresponda cada vez melhor às novas exigências» (JOÃO PAULO II, Constituição Apostólica *Pastor bonus*, art. 152).

Neste Ano sacerdotal, o meu pensamento dirige-se particularmente a vós, queridos sacerdotes, “ministros dos enfermos”, sinal e instrumento da compaixão de Cristo, que deve chegar a cada homem assinalado pelo sofrimento. Estimados presbíteros, convido-vos a não vos poupardes no gesto de lhes oferecer cuidado e conforto. O tempo transcorrido ao lado de quem se encontra na prova revela-se fecundo de graça para todas as demais dimensões da pastoral. Enfim, dirijo-me a vós prezados doentes, enquanto vos peço que rezeis e ofereçais os vossos sofrimentos pelos sacerdotes, a fim de que possam manter-se fiéis à sua vocação, e o seu ministério seja rico de frutos espirituais, em benefício da Igreja inteira.

Com estes sentimentos, imploro sobre os enfermos, assim como sobre aqueles que os assistem, a salvaguarda materna de Maria, *Salus Infirmorum*, e a todos concedo de coração a Bênção Apostólica.

Vaticano, 22 de Novembro de 2009, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

BENEDICTUS PP. XVI

COMUNICAÇÕES

A) COIRMAOS

a) PRESENZE ALLA FINE DI DICEMBRE 2009

	Vescovi	Sacerdoti	Chierici	Fratelli	Totale
Perpetui	1	319	12	33	365
Temporanei	—	—	115	7	122
Novizi	—	—	—	—	32
Aggregati	—	1	—	1	2
Totale	1	320	127	41	521

b) NELLA GEOGRAFIA DELLA CONGREGAZIONE

Nazione	Comunità	Professi perpetui				Temporanei		Novizi	Aggregati	Totali
		vescovi	sacerdoti	chierici	fratelli	chierici	fratelli			
Argentina	6	—	20	—	4	2	—	4	—	30
Brasile	11	1	31	—	5	2	1	—	—	40
Cile	3	—	7	—	6	2	—	—	—	15
Colombia	1	—	3	—	—	—	—	—	—	3
Filippine	2	—	9	—	—	3	—	—	—	12
Ghana	1	—	4	—	1	1	—	—	—	6
Guatemala	1	—	3	—	1	—	—	—	—	4
India	5	—	26	11	—	37	—	15	—	89
Israele	1	—	1	—	1	—	—	—	—	2
Italia (S. Cuore)	20	—	96	—	10	4	1	—	—	111
Italia (Romana)	12	—	58	—	1	—	—	—	2	61
Italia (Curia)	2	—	11	—	—	25	—	—	—	36
Messico	2	—	8	—	1	—	—	—	—	9
Nigeria	2	—	7	—	2	34	1	12	—	56
Paraguay	3	—	8	—	—	—	—	—	—	8
Polonia	1	—	2	—	—	—	—	—	—	2
R.D. Congo	2	—	5	1	1	5	4	—	—	16
Spagna	2	—	6	—	—	—	—	—	—	6
Svizzera	1	—	5	—	—	—	—	—	—	5
U.S.A.	2	—	9	—	—	—	—	1	—	10
Totale	80	1	319	12	33	115	7	32	2	521

c) LIETE RICORRENZE NELL'ANNO 2010

1. Novanta e oltre		Anni
Romanò don Luigi	09-03-1916	94
Bredice don Armando	22-08-1917	93
Nervi fratel Battista	29-06-1920	90
Cantoni don Giuseppe	16-07-1920	»
2. Ultra-ottantenni		
Credaro don Tito	11-02-1922	88
Vaccari don Danilo	01-12-1922	»
Invernizzi don Antonio	06-12-1922	»
Altieri don Vincenzo	11-12-1922	»
Nesa don Nino	11-01-1923	87
Belotti don Francesco	06-02-1923	»
Di Ruscio don Romano	24-04-1923	»
Franzi don Luigi	30-03-1924	86
Barindelli don Carlo	05-04-1924	»
Fogliamanzillo fratel Salvatore	05-04-1924	»
Antonini don Alberto	12-05-1924	»
Moroni don Angelo	25-09-1924	»
Altieri don Marcello	27-12-1924	»
Ottaviano don Antonio	27-12-1924	»
Rizziero don Giuliano	29-12-1924	»
Castelnuovo don Mario	23-08-1925	85
Matteazzi don Matteo	15-12-1925	»
Maglia don Carlo	21-07-1926	84
Liborio don Battista	05-09-1926	»
Della Morte don Loreto	26-01-1927	83
Maniero don Pietro	18-05-1927	»
Pasquali don Pietro	09-10-1927	»
Nastro don Antonio	17-11-1927	»
Gandossini don Anselmo	22-07-1928	82
Gridelli don Tonino	13-12-1928	»
Duratti don Giovanni	10-06-1929	81
Scano don Pietro	15-06-1929	»
Bianchi Mordini don Maurizio	26-09-1929	»
Tamburini don Antonio	23-10-1929	»

3. Ottantesimo compleanno

Mattiuzzo don Celio	31-01-1930
Saginario don Domenico	07-02-1930
Casali don Tarcisio	10-02-1930
Cornaggia don Franco	11-12-1930

4. Cinquantesimo compleanno

De La Torre Carbonero don Fernando	26-03-1960
Maesani don Marco	28-06-1960
Cecchinato frater Mauro	25-09-1960
Maidana frater Hugo	01-12-1960

5. Cinquantesimo di professione

Camurri don Dante	24/09/1960
Di Tullio don Pietro	24/09/1960
Vismara don Calimero	24/09/1960

6. Venticinquesimo di professione

Contreras frater Rolando	01-03-1985
Leiva don Cesar	01-03-1985
Silguero don Cecilio	01-03-1985
Vera Morel don Alberto	01-03-1985
Cecchinato frater Mauro	07-09-1985
Minuzzo frater Giulio	07-09-1985
Pallotta don Fabio	07-09-1985

7. Cinquantesimo di ordinazione

Bini don Giuseppe	26-06-1960
Cornaggia don Franco	26-06-1960
Dall'Amico don Guido	26-06-1960
Rossetti don Alfredo	26-06-1960
Ostinelli don Antonio	17-12-1960

8. Venticinquesimo di ordinazione

De Melo Viana don Antonio	07-12-1985
Mapelli don Mario Lino	08-06-1985

B) EVENTOS DE CONSAGRAÇÕES

a) NOVIZI

1. Bangalore

(Divine Providence Province)

Antony Samy Antony Arockia Vanathaiyan,
Arockia Samy Michael Durai Samy,
Augustine Joseph Abraham Amala Selvam,
Badugu Christuraju,
Jesudoss Arockia Doss,
Joseph Xavier Robert,
Maria John Joseph Periyanyagam,
Pascas Leobin Regith Kumar,
Peddarappu Joseph,
Ratna Pandi Antony Xaviour
Sammanasu Nathan Joseph Fernandez,
Thumma Maria Dileep Joseph Reddy,
Vissampalli Maria Bala Yesu,
Yohan Jonnalagadda,
Xavier Thambusamy,

2. Lujan (Provincia Cruz del Sur)

Barraza Diaz Alexis André
Sosa Gimenez Pedro
Franco Martinez Javier
Mardones Rojas Edurado Antonio

3. Nnebukwu

(Delegazione N. S. della Speranza)

Apen Sunday
Bampempe Ndomba Alex
Bokafo Betoko Jean Pierre
Eke Donald Chibuike
Ibrahim Ali Moses
Nwobi Francis Chukwuemeka
Lukumu Ladzus Philèmon
Mata Mbunga Arnold

Nkiere Mbo Deudonnè
Nlemvo Diasolua Matthieu
Onwukwe Bonaventure D.
Sieta Mbalanda Sylvain

4. Springfield (Divine Providence Province)

Niemeyer Robert Francis

b) PRIMA PROFESSIONE RELIGIOSA

Aguilera Gerardo Sebastian	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Caceres Lescano Carlos Cesar	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Rivera Luis Geronimo	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Muller Darlan Jose' Lantana	<i>Provincia Santa Cruz</i>
Abah Idioko Francis	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Ebalasani Giscara	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Ekoue Daniel	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Emerite Chikwado Achillus	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Iwuchukwu Jerome	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Kibwamusitu Bruno	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Mgbechi Ukachukwu Pul Leonard	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Ntambo Enewa Gedeon	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Oguejifor Chukwudi Vincent	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Ozokoye Chijioko	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Alamer Alfredo	<i>Divine Providence Province</i>
Amico Giovanni	<i>Provincia San Giuseppe</i>
Jaroslav Januszewski	<i>Provincia San Giuseppe</i>

c) PROFESSIONE PERPETUA

Adones Contreras Carlos	(Chile)	a San Ramon de la Nueva Oran	14-03-2009
Bravo Julio	(Spagna)	a Roma Trionfale	21-03-2009
Kingo Mabwata Georges	(R.D. Congo)	a Kinshasa	18-04-2009

d) PROFESSIONE PERPETUA E DIACONATO

Selvaraj Vincent	(India)	a Cuddalore	11-02-2009	12-02-2009
John Samson Rajasegaran	(India)	a Cuddalore	11-02-2009	12-02-2009
Bente Di Giambattista Sebastian	(Italia)	a Roma Trionf.	21-03-2009	22-03-2009
Da Costa Ferreira Helio	(Italia)	a Roma Trionf.	21-03-2009	22-03-2009
Mora Gelvez Pablo Emilio	(Italia)	a Roma Trionf.	21-03-2009	22-03-2009
Owamanam Leonard Emeka	(Africa)	a Kinshasa	18-04-2009	03-05-2009
S. Antony Lourdu Raj	(India)	a Cuddalore	18-06-2009	20-06-2009
Irudayaraj Constantain	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Selvaraj Francis	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Antony Francis Assisi	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Irudayasamy George Vensula	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Antony Irudayaraj Jerin Prasenna	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Savarirayar John Kennedy	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Mathew John Paul	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Rosario Lawrence Thambusamy	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Chinnappan Lourduraj	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Kaspar Raj Maria Paul Raj	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009
Xavier Sahaya Rajesh	(India)	a Cuddalore	08-12-2009	09-12-2009

e) DIACONATO

Antonysamy Selvaraj	(India)	a Cuddalore	20-06-2009
---------------------	---------	-------------	------------

f) PRESBITERATO

Rossi Roberto	(Italia)	a Como	18-04-2009
Selvaraj Vincent	(India)	a Cuddalore	06-08-2009
John Samson Rajasegaran	(India)	a Cuddalore	06-08-2009

Pitchai Paul Raj	(India)	a Cuddalore	06-08-2009
Mora Gelvez Pablo Emilio	(Colombia)	ad Aguachica	05-09-2009
Ferreira Da Costa Helio	(Brasile)	a Fortaleza	19-09-2009
Antony Durairaj	(India)	a Thannuthu	24-09-2009
Bente Sebastian	(Argentina)	a Tapiales	17-10-2009
Singarayar Antony Loudu Raj	(India)	a Cuddalore	09-12-2009
Antonysamy Selvaraj	(India)	a Cuddalore	09-12-2009
Owamanam Leonard Emeka	(Nigeria)	a Nnebukwu	12-12-2009

C) FATOS E ACONTECIMENTOS IMPORTANTES

Premissa

Também o ano de 2009, como todos os anos, foi denso de fatos e acontecimentos em âmbito mundial, nacional e de Congregação: catástrofes enormes, como o terremoto do Haiti, de Áquila, o tufão de Manila, juntamente a tantas guerras e diversos genocídios, tanto comuns e habituais como, terrível dizer, já não são importantes. Mas foi também um ano de grandes acontecimentos de fé, como a conclusão do Ano Paulino, a abertura do ano sacerdotal, o Sínodo dos bispos da África, a visita do Papa à África...

Entrando mais em detalhes e sobretudo em referência à nossa Congregação, 2009 levou ao Céu um relevante número de coirmãos, jamais tão numerosos: 16 que sobem a 18 se forem lembrados, como deve ser lembrados pelo menos na lista se não no coração, Pe. Mario Merlin, Fundador da Congregação Mariana “Opus Mariae Reginae” e Pe. Cipriano Vianini. Acrescentados aos diversos coirmãos, sobretudo noviços e professos temporários, que deixaram a Congregação, o número total não mudou: 521. Foram somente 17 os jovens que emitiram a sua primeira profissão, enquanto professaram perpetuamente 22 coirmãos e 11 se tornaram presbíteros. Um bom número de jovens, complexivamente, que se acrescentam aos atuais 31 noviços constituem indubitavelmente um bom grupo que faz elevar a média de idade que hoje está em cerca de 47 anos!

Momento importante para as duas novas Províncias, a da Divina Providência e a de Nossa Senhora de Guadalupe. Foi o desenvolvimento dos respectivos primeiros Capítulos provinciais. Foram dois capítulos de programação para encerrar o futuro cheio de esperanças.

Nas várias comunidades da Congregação o testemunho da vida religiosa e de serviço de caridade são bons. Obviamente, sobretudo, nas Províncias italianas, se sente o peso da idade de diversos coirmãos que com mais de oitenta e noventa anos já chegam a mais de quarenta e diversos deles estão ainda no campo de trabalho. O peso das macro-estruturas se faz sentir um pouco por toda parte.

A atenção às emergências, ensinadas por Dom Guanella, nos faz correr como Congregação ao terremoto de Aquila, onde administramos por diversos meses nas tendas de Fontecchio: diversos coirmãos se fizeram presentes para assistir e animar pastoralmente aquele pobre povo provado pelo cataclismo.

Assim não faltou a nossa presença entre as dezenas de milhares de refugiados e sem casa em Goma, na República Democrática do Congo: uma vasta reportagem foi feita sobre isto no nosso site.

E os nossos coirmãos de Quezon City ofereceram imediatamente alimento e abrigo a diversas centenas de pobrezinhos que perderam tudo por causa do tufão. Agora estão empenhados, com a contribuição recebida pela CEI, a reestruturar um certo número de casas desastreadas.

O trabalho do Superior Geral e do seu Conselho, neste ano, além da “normal administração”, foi projetado em vista da VI CONSULTA GERAL que teve a sua atuação nos primeiros dias do novo ano. Em outro lugar, neste Charitas, é reportada a crônica deste importante acontecimento.

Além disso as viagens do Superior assumiram a característica de uma visita “especial”, às comunidades, que continuará ao longo de 2010. Os seus Conselheiros procuraram dar o melhor de si mesmos para manter a Congregação unida nas várias partes do mundo: estamos presentes em 19 países, se se levar em conta a nossa novíssima presença em Saigon (Vietnã) com um coirmão indiano que, hóspede dos Salesianos, está estudando a língua e a cultura do lugar com a particular atenção às necessidades mais emergentes daquele povo.

Também a presença de alguns dos nossos coirmãos nos Conselhos diretivos da CISM e da CHARITAS foi assumida com sério empenho. Prova disso é o Convênio CISM – USMI-FIRAS “O Evangelho nas obras de caridade e nas atividades sociais dos religiosos na Itália” em cuja organização tiveram parte notável os nossos coirmãos.

A conclusão do ano Centenário da nossa Congregação assumiu aspectos de solenidade e participação um pouco em todas as Províncias. Em todos os lugares se buscou enfocar a fidelidade ao Carisma do Fundador, não para receber aplausos, mas para se sentir solidários com a Igreja na Evangelização e na caridade. Em Roma, Coirmãs, Coirmãos, Cooperadores e amigos fecharam o Centenário com uma solene celebração na Basílica de São Paulo, que seguiu com a distância de poucos meses, a peregrinação na Terra Santa.

É muito bom, nestes momentos solenes de vida da nossa grande família, ver-nos circundados por um grande número de leigos que constituem o Movi-

mento Laical Guanelliano. E precisamente a propósito deste Movimento, querido pelo Capítulo de 2000 e reforçado pelo de 2006, que neste ano viu o alcance de uma etapa importantíssima, o **documento** identificado que terminou o longo caminho na Festa de Maria, Mãe da Divina Providência, a 12 de novembro. É um fruto que eu definiria, bem maduro, com todas as advertências da sua novidade, término de um itinerário de reflexão partilhado pelas Congregações das Filhas de Santa Maria da Providência, dos Servos da Caridade, dos Cooperadores e do Movimento Laical Guanelliano.

Foi distribuído na Assembleia Nacional do MLG, que se realizou em Roma, na Domus Urbis, a 23 e 24 de janeiro de 2010. Deste momento iniciou a segunda fase do Movimento: envolver as várias realidades laicais e encarregar-se disso e assumir como uma etapa importante para os próximos anos.

Finalmente, a alegre notícia da acolhida, por parte da Comissão médica, ocorrida em Roma, a 12 de novembro, do milagre realizado pela intercessão do nosso amado Fundador e do reconhecimento do mesmo por parte da Consulta dos teólogos a 30 de janeiro, abre, enfim, o último trecho do caminho da tão suspirada canonização. Fica-se agora na expectativa do Consistório dos próximos meses e, depois, o selo definitivo do Papa.

Il Segretario generale
DON PIERO LIPPOLI

1. VI Consulta geral

Teve-se em Roma, de 11 a 16 de Janeiro de 2010, na Casa das Pias Discípulas, em via Portuense.

Acorreram de todas as partes do mundo 20 coirmãos, representantes de 19 nações, das 6 províncias e da Delegação, aonde encontram-se as nossas Obras. Todos sentiram-se imediatamente em casa, mesmo se se encontram num lugar não guanelliano, mas a casa não a fazem as paredes, mas antes os corações... e os corações não mentem. O comentário foi: “...Parecia quase que tivéssemos vivido sempre juntos, jovens e menos jovens, Indianos, Sul-americanos, Africanos e Italianos”. Todos, de resto, sentiam-se unidos pelo único carisma do qual, pela graça do Espírito, são portadores no mundo.

A manhã de 11 de Janeiro foi empregada para o Retiro espiritual, animado pelo Pe. José Rovira, dos Padre Claretianos. Submeteu à nossa atenção e meditação uma brilhante relação com o título “O futuro chama-se comunhão, fraterni-



dade”. Interessantíssimos os primeiros 4 pontos: *No princípio era a comunhão - A comunhão razão de ser do serviço da autoridade e da obediência - O serviço de quem preside a fraternidade - As relações justas entre superior e coirmãos em favor da comunhão*. Um belo decálogo depois das relações comunitárias em favor da comunhão foi enfim desenvolvido no 5º ponto.

Depois de um bom espaço dedicado à reflexão pessoal e à adoração seguiu-se a Santa Missa, presidida pelo Pe. Rovira. De tarde, às 15:30 h, abriu-se propriamente a VI CONSULTA GERAL, com a saudação do Superior geral que se introduz invocando a presença do Espírito Santo sobre a nossa assembléia. Dirige uma afetuosa e fraterna saudação a todos e depois passa a traçar um pouco de linhas de programa e a metodologia desta Consulta que se quer ágil e sobretudo concreta.

Toda a primeira parte da tarde vem empregada na «*Avaliação analítica das Moções e Propostas do XVIII Capítulo geral*», distintas segundo o esquema do documento final do mesmo Capítulo: *Carisma e Espírito - Vida de Comunhão Fraterna - Carisma e vida de consagração - Pastoral juvenil e vocacional e Formação - Carisma e Missão*. Segue o Ecônomo Geral que conclui com as *Moções e Propostas acerca do Carisma e administração*. No final de cada temática foi dado espaço a intervenções de esclarecimento.

No dia 12 de Janeiro, abre-se a jornada com a S. Missa, presidida pelo Vi-gário geral, Pe. Umberto Brugnoni. Hoje é previsto o trabalho em grupos. Com

efeito, os Padre da consulta dividiram-se em três grupos para discutirem e proporem linhas operativas sobre as primeiras três temáticas enunciadas acima.

Antes, porém, de enfrentar o trabalho de grupo, o Pe. Wladimiro Bogoni apresentou o Plano de Pastoral para 2010-2011, com o título «*Reaviva a tua oração nas fontes do Carisma*». Aos Padres foi pedida a colaboração no indicar aspectos concretos e práticos relativos a esta temática.

Seguiram-se depois as breves relações dos 6 Provinciais e do Delegado, que mostraram o que se fez ou que ainda resta a fazer em mérito às três temáticas. E depois, finalmente, o trabalho de grupo. De tarde, às 17:00 h, ainda todos em assembléia para escutar a relação dos três secretários dos grupos, que referem em mérito ao trabalho realizado.

Emergiram importantes idéias e propostas para intensificar não só o conhecimento do Carisma, mas sobretudo como vivê-lo. Assim foram reafirmados os princípios acerca da importância da comunhão fraterna e da comunhão com Deus, mas deram-se também aqui bons estímulos para que sejam verdadeiramente vividas nas nossas Comunidades.

O dia 13 de janeiro abre-se, como de costume, com a celebração da S. Missa, presidida pelo Pe. Carlos Blanchoud. Na Aula estão presentes também o Pe. Alessandro Allegra e o Pe. Nico Rutigliano, para tratarem de duas importantes temáticas: “Formação e Pastoral juvenil/Vocacional”. Com efeito, o Superior geral apresenta estes temas e depois escutam-se os Superiores provinciais e o Delegado.

De tarde, ainda todos em assembléia para a relação dos três secretários e as intervenções para correção ou integração. Os três argumentos são muito importantes e os Padres da Consulta intervêm numerosos. As propostas vão para um mais intenso trabalho no plano da pastoral juvenil e sobre a necessidade de uma aprofundada formação especialmente para os jovens coirmãos das Províncias emergentes.

O 14 de janeiro é dedicado aos leigos: já na homilia da concelebração, presidida pelo Pe. Wladimiro Bogoni, vem dado um bom argumento de reflexão que convida a bem abordar o trabalho desta jornada. Na aula o Superior geral expõe quanto escrito sobre este argumento na sua relação e depois deixa, como sempre, a palavra aos Superiores provinciais e ao Delegado.

Prima do trabalho de grupo, o Pe. Wladimiro Bogoni apresenta o novíssimo documento do MLG, antepondo alguns acenos interessantes sobre a história do MLG. No final abre-se o discurso precisamente em mérito a este documento. O superior se introduz afirmando que “...em nenhuma parte da Congregação poder-se-á agir de agora em diante, remando contra este documento e o que é o seu conteúdo. Todos os Superiores aqui presentes, devem ser firmes a exigir dos próprios coirmãos a adesão a este e o respeito”. Da discussão que segue se deduz claramente que todos estão de acordo com o Superior geral e todos asseguram

compromisso para que o MLG proceda mais rapidamente seguindo os trilhos indicados pelo Documento. De noite, terminados os trabalhos de grupo volta-se para a aula para escutar as relações: em geral, os coirmãos encontram-se de acordo com quanto exposto pelos secretários.

Aos 15 de janeiro, inicia-se com o tema da Economia, relaciona o Pe. Mario Nava, o ecônomo geral que sempre presidiu a Eucaristia. Terminada a exposição das temáticas, abre-se a discussão não nos grupos, mas na aula. As intervenções são numerosas: todos aplaudem não só a relação do Pe. Mario, mas também o bom trabalho levado adiante neste campo não fácil. A possibilidade de iniciar a experiência de algum ecônomo leigo, nem todos estão de acordo, preferindo continuar como no presente com administradores leigos, em dependência sempre do ecônomo local; todavia, alguma experiência de um autêntico ecônomo leigo é aceita.

De tarde, deixa-se a palavra ao Secretário geral que apresenta algumas comunicações e alguns importantes relevos normativos acerca da comunicação, das traduções e do envio de documentação.

O dia 16 de janeiro é a jornada conclusiva, preside a concelebração Pe. Piero Lippoli. Na aula o Superior apresenta o último argumento para tratar: o Governo. Depois de alguns minutos de reflexão silenciosa, abre-se a discussão. Os Superiores apresentam a situação da suas Províncias e Delegação em mérito a este argumento: emerge, um pouco em todas as partes, um certo individualismo que às vezes torna-se também recusa da obediência. Mas, evidenciase também tantos aspectos positivos, tanto a nível de governos provinciais como locais, com uma boa dedicação de tantos coirmãos que se sentem comprometidos no cotidiano “sim” no serviço aos pobres.

No final das intervenções, o Secretário geral, Pe. Piero Lippoli, apresenta os pontos operativos, como por ele recolhidos, tendo presente as relações dos grupos de trabalho e as intervenções na aula. Seguem-se algumas intervenções de esclarecimento e de integração. Detemo-nos sobretudo sobre o problema das traduções: que coisa traduzir e quem deve traduzir. Os padres da Consulta ficam de acordo em confiar ao Centro de Estudo de Roma a tradução dos documentos “clássicos” do Fundador ou, em todo caso, quanto estritamente a ele ligado. À Cúria generalícia e às Províncias, ao invés, as traduções dos documentos correntes informativos (Guanella News – Charitas) e aqueles de pronta animação da vida religiosa.

Terminadas as intervenções e tomadas algumas decisões, *o Superior geral encerra esta VI Consulta Geral*, agradecendo a todos pelo grande compromisso posto nestes dias de trabalho e fazendo votos que quanto proposto, e que depois será recolhido num breve documento, torne-se verdadeiramente operativo em todas as nossas zonas de serviço de caridade.

Pe. PIERO LIPPOLI

2. Os Capítulos provinciais

A) Primeiro Capítulo provincial da Província Divina Providência «A Caridade de Cristo nos impulsiona»

Abertura com um dia de retiro espiritual, animado por dois competentes salesianos, com aprofundamento do carisma, vida comunitária e formação à luz do tema paulino do Capítulo: «*A Caridade de Cristo nos impulsiona*».

À noite, após a janta, os primeiros passos para iniciar o Capítulo com o registro dos Capitulares. Todos presentes, exceto Pe. Silvio De Nard em visita aos familiares, na Itália, junto à mãe enferma em estado grave, e Pe Joseph Rinaldo, que está para chegar ainda naquela noite.

No total, 22 capitulares (incluído o Pe. J. Rinaldo), mais o Superior geral, Pe. Alfonso Crippa, Pe. Piero Lippoli, Pe. Nico Rutigliano e Pe. Giancarlo Frigerio.

Após a saudação de felicitações do Padre Geral, passou-se à eleição dos 2 moderadores, dos 2 secretários e dos 2 escrutinadores.

São eleitos, respectivamente, Pe. Soosai Rathinam e Pe. Omodei Battista como moderadores; como secretários: Pe. Dennis Weber e Pe. Benson; escrutinadores, os dois coirmãos ainda não ordenados sacerdotes: Selvaraj e Samson. Após uma breve discussão no tocante à programação do dia seguinte e à formação dos grupos de trabalho, dá-se por encerrada essa atividade inicial do Capítulo.

Dia 18 - a maior parte do dia vem a ser ocupado pelos relatórios do Superior provincial, do ecônomo provincial, Pe. Joseph Rinaldo, e do Tesoureiro das tres Sociedade hindus, Fr. P. Sebastian. Após cada relatório, tempo suficiente para os devidos esclarecimentos. O relatório do Provincial fundamenta-se no aspecto prático da Constituição, apontando luzes e sombras nos dois anos da Província. Os coirmãos apreciaram o relatório. Bom o relatório do Pe. J. do ponto de vista dos estímulos apresentados, a serem integrados na própria atividade.

Dia 19 - dá-se continuidade à análise do aspecto econômico-administrativo, pendente do dia anterior. Em seguida, trabalhos em grupo.

Tres os grupos. Eles trabalham baseados em tres aspectos fundamentais: *identidade carismática - comunhão fraterna - missão*. Cada grupo aprofunda apenas um destes aspectos e prepara algumas moções e propostas a respeito do que se discutiu. E reservam-se duas horas, à noite, para o relatório dos secretários. Conseguem-se abordar os dois primeiros aspectos. A *missão* fica para ser apresentada no dia seguinte.

Dia 20 - retoma-se o trabalho de grupo em tempos diferenciados para analisar outros dois assuntos importantes: *a) promoção vocacional e formação;*

b) *problemas econômicos e administrativos*. De tudo que é abordado, apresenta-se o devido relatório na assembléia.

Dia 21 - Na parte da manhã, análise e discussão do Estatuto da Província. São muitas as intervenções, quase sempre repetitivas, não restando nenhuma alternativa à mesa da presidência a não ser essa de se interromper a discussão a apresentar uma proposta a ser votada em tempo oportuno. Delega-se o Conselho Provincial a fim de elaborar o Estatuto à condição que se consulte a base.

Na parte da tarde, análise das Moções e das propostas de cada assunto para esclarecer o sentido, terminologia e a sintaxe, a tal ponto que no dia seguinte possam ser votadas sem nenhum problema.

Ao término da jornada, concelebração presidida pelo Arcebispo de Bangalore, Dom Bernard Mores que permanece para jantar conosco.

Dia 22 - encerramento. Na parte da manhã, apresentação e correção das várias Moções e Proposições. No desfecho, 44 Propostas e Moções.

Na parte da tarde elas são votadas em duas horas. Os Padres capitulares as aprovam quase todas. Tudo se encaminha para a conclusão, o Superior Geral tece breves considerações, convidando os coirmãos a serem promotores daquilo que foi analisado e decidido no Capítulo, cada um na respectiva comunidade.

O mais difícil será a partir de agora e todos - superiores e coirmãos, são chamados a um empenho máximo para progredir no que diz respeito aos aspectos fundamentais deste Capítulo: a identidade carismática, a comunhão fraterna, a missão, a formação, a promoção vocacional e a administração.

Pe. Luigi, Provincial, acrescenta algumas palavras de agradecimento, que virá a ser complementado na missa de encerramento.

B) Primeiro Capítulo provincial da Província Nossa Senhora de Guadalupe

Concluiu-se no sábado, dia 27 de junho de 2009, no México, junto à Mariápolis “O Diamante” de Acatzingo-Puebla, o primeiro Capítulo da Província Nossa Senhora de Guadalupe. Presentes nos trabalhos 17 coirmãos capitulares, alguns representantes do laicato e pela Cúria Geral o Vigário Pe. Umberto Brugnoni e o Conselheiro Geral Pe. Carlos Blanchoud.

Dias intensos e ricos de oração e momentos de confronto e crescimento pessoal e comunitário. Entre os temas enfrentados, a vida fraterna no Espírito com reflexões oferecidas pelo Pe. Carlos Blanchoud, seguidas pelos trabalhos de grupo a respeito das realidades das várias comunidades e os contextos em que elas estão inseridas; Pe. Umberto Brugnoni ofereceu alguns aprofundamentos a respeito da *pastoral juvenil e vocacional*, com uma análise feita em seguida da

realidade juvenil guanelliana, sonhos e perspectivas. Pe. Carlos Vargas apresentou o tema da *formação*, depois o desenvolvimento em grupos de trabalho, e o tema da *comunicação*. A este propósito nas diferentes noites foram apresentados, para uma partilha, alguns vídeos sobre as missões que estão acontecendo na Colômbia, Guatemala, Espanha e México. O último dia de trabalho foi dedicado aos temas da economia e da administração.

Ricas e estimulantes foram as meditações oferecidas entre outras coisas, por sacerdotes dominicanos e focolarinos. Diversos momentos de oração, alguns dos quais partilhados com os representantes do movimento laical e as coirmãs guanellianas. Em particular, na sexta-feira dia 26 se reuniram religiosos e leigos e trataram do tema da partilha da missão.

Foram aprovadas 59 Moções e Propostas.

«Inicia agora a fase da construção no cotidiano de tudo o que emergiu» sublinha o Superior Provincial Pe. Enrico Colafemmina: «renovar o compromisso, o entusiasmo em viver a fraternidade, o confronto construtivo com os coirmãos. Os trabalhos do Primeiro Capítulo da Província Nossa Senhora de Guadalupe se realizaram num clima familiar e cordial, num diálogo autêntico com a troca de experiências, alegrias e inquietações, aceitação e atenção recíproca.

Os diversos temas foram tratados com uma metodologia simples e participativa. As perspectivas para o futuro são ricas de esperança e de estímulos fortes para todos. As 59 moções e propostas de fato demonstram a vontade de aprofundar aspectos vitais para a vida e a missão das comunidades que fazem parte da Província. É oportuno em tal caso continuar a cultivar este clima, para consolidar a identidade, sentido de pertença e aceitação das pessoas e das estruturas para um testemunho de vida sempre mais convicto e transparente».

A celebração da Missa, domingo 28, junto à paróquia de Corpus Christi, concluiu os trabalhos do primeiro capítulo provincial e viu unidos os participantes em sinal de agradecimento pelos dias partilhados.

3. Os novos Conselhos provinciais

Nel mese di dicembre hanno terminato il loro triennio 3 Consigli Provinciali: quello della Provincia Sacro Cuore, quello della Provincia Romana S. Giuseppe e quello della Provincia Cruz del Sur. Dopo aver consultato i rispettivi consiglieri e Superiori provinciali, ricevuto il voto positivo del suo Consiglio, il Superiore generale ha deciso di confermare per un altro triennio il Consiglio della Provincia Sacro Cuore.

Mentre per la Provincia Romana S. Giuseppe e per la Provincia Cruz del Sur sono state indette nuove consultazioni. Al termine delle medesime sono stati nominati i due nuovi Consigli provinciali:

- *Per la Provincia Romana S. Giuseppe:*
 Don Nino Minetti, *Superiore provinciale*
 Don Fabio Lorenzetti, *1º Consigliere e Vicario*
 Don Nico Rutigliano, *2º Consigliere*
 Don Matteo Rinaldi, *3º Consigliere*
 Don Aldo Mosca, *4º Consigliere*
- *Per la Provincia Cruz del Sur:*
 P. Sergio Rojas, *Superiore provinciale*
 P. Nelson Jerez, *1º Consigliere e Vicario*
 P. Gustavo De Bonis, *2º Consigliere*
 P. Eladio Adorno, *3º Consigliere*
 P. Ernan Latin, *4º Consigliere*

4. Rumo à Canonização do Fundador

- **O tanto esperado milagre**

Quinta-feira, 12 de novembro passado, festa litúrgica de Nossa Senhora da Divina Providência, tanto amada pelo Pe. Luís Guanella, o Congresso dos médicos junto à Congregação para as Causas dos Santos exprimiu parecer favorável para o suposto “milagre” atribuído ao Beato Luís Guanella.

Este fato, verdadeiramente extraordinário, aconteceu nos Estados Unidos, precisamente em Springfield, um subúrbio da periferia de Philadelphia, a capital do Estado de Pennsylvania e concerne à cura excepcional, desde um ponto de vista médico-científico, de William Glisson, um jovem, agora com vinte e oito anos. Na noite do dia 15 de março de 2002, enquanto o jovem William está patinando com um amigo sobre a Baltimora Pike de Springfield, com forte velocidade e sem capacete, por causa de um pequeno buraco no asfalto, cai para trás, sofrendo um fortíssimo trauma craniano occipital.

Imediatamente socorrido, os sanitários da ambulância encontraram-no ainda consciente e foi transportado ao Crozer Keystone Hospital, centro altamente especializado, onde chegou em estado de coma. Imediatamente advertida, a mãe correu ao hospital, onde os médicos apresentaram-lhe a gravidade das condições do filho, advertindo-a que a situação deixava bem poucas esperanças de vida. Da

descrição da relação médica do hospital pode-se ler que “a TAC efetuada na entrada evidenciava uma grave contusão frontal com hematoma epidural esquerdo, um hematoma parietal subdural esquerdo, uma contusão frontal direita, como também uma contusão temporal direita, uma hemorragia subaracnoídea estendida, um efeito “massa” da esquerda para a direita com deslocamento da linha mediana e uma fratura da base do crânio que se estendia ao osso occipital direito”. Com outras palavras, um caso verdadeiramente desesperado. Os médicos, não obstante tivessem tentado duas intervenções cirúrgicas, puderam só constatar que a situação piorava sempre mais.

Poucos dias depois, no dia 19 de março, festa de S. José, a doutora Noreen M. Yoder, amiga de família (que trabalha num Centro de reabilitação para deficientes psico-físicos da Obra Pe. Guanella) entregou à mãe de William duas relíquias do beato Guanella. A mulher, com grande fé, aplicou uma ao pulso do filho e a outra manteve-a no pescoço ela mesma. Daquele momento começou uma série de orações para obter o milagre do Beato Luís Guanella. A rede de orações difundiu-se não só entre os parentes, mas também na escola católica frequentada pela irmã de William, enquanto os médicos tentavam sem efeito duas intervenções cirúrgicas.

No dia 25 de março começou a mudar alguma coisa: os médicos registraram pela primeira vez que o paciente era mormente aderente ao ambiente. Nos dias sucessivos registraram-se ulteriores melhoramentos para uma maior consciência e aos 9 de abril, William foi demitido do hospital com a indicação de um programa de reeducação funcional neuromotórica, com o qual, cerca de dois meses do trauma, conseguiu uma recuperação tão rápida que suscitou maravilha nos neurocirurgiões.

O exame neurológico era negativo; não se registravam déficit cognitivos e nem sequer neuropsíquicos.

Depois de oito meses do acidente, o jovem William voltou a trabalhar na empresa do pai como carpinteiro. A quatro anos de distância do incidente, o quadro clínico resultou ainda ótimo, confirmado pelos dois peritos neurologistas nomeados pela diocese de Philadelphia, para a validade do processo diocesano.

Para a crônica: no ano passado, William até casou-se e leva uma vida perfeitamente normal.

É interessante notar que a primeira missão guanelliana ultramar foi precisamente nos Estados Unidos da América. O Pe. Guanella ali foi pessoalmente visitar os emigrados italianos no final de 1912; foi acolhido e acompanhado nas diversas capitais dos Estados Unidos pelos sacerdotes Scalabrinianos.

No ano sucessivo, o Pe. Luís enviou as suas irmãs para Chicago para assistirem os filhos dos emigrados italianos.

É, em todo caso, bom precisar que o milagre continuará a permanecer “sustentado” até quando o Santo Padre declarará a intervenção extraordinária de Deus pela intercessão do Pe Guanella.

• Uma outra etapa importante

A jornada de sábado, 30 de janeiro de 2010, significou uma nova importante etapa no caminho rumo à canonização do nosso Fundador, Pe. Luís Guanella. Na reunião, em Roma, junto ao Vaticano, a Consulta dos Teólogos, presidida pelo Mons. Alessandro Corradini, Promotor geral da Fé, exprimiu à unanimidade parecer favorável sobre a intercessão do Beato Luís Guanella para a cura do jovem William Glisson, de Springfield (subúrbio de Philadelphia, Pensylvania, EUA), que, aos 15 de março de 2002, enquanto patinava, caiu no chão, sofrendo um gravíssimo trauma craniano que não deixava esperanças.

Esta avaliação deverá ser depois submetida ao Congresso de Cardeais e Bispos, os quais deverão discutir o caso e exprimir o próprio juízo que será submetido à aprovação do Papa.

O Papa, então, poderá reconhecer oficialmente o milagre e dispor para promulgar o Decreto, fixando a data da canonização.

Este foi o comentário do bispo da Diocese de Como, Dom Diego Coletti: «A nossa Igreja de Como acolheu com alegria a notícia deste novo, importante passo no caminho para a canonização do Beato Luís Guanella. A sua figura de homem e sacerdote é exemplar: profundo na fé, capaz de intuir com perspicácia e realizar com projetos concretos obras de caridade que se põem a serviço de todo homem na verdade e no respeito de toda pessoa.

O desejo forte que exprime é que, neste Ano Sacerdotal, querido pelo Santo Padre Bento XVI, um padre da nossa diocese possa ser indicado como modelo de santidade sacerdotal».

Faz-lhe eco o Pe. Mario Carrera, Postulador Geral das causas dos Santos da Obra Pe. Guanella: «Pe. Guanella, com o reconhecimento da sua Santidade, torna-se um autêntico exegeta do Evangelho da Caridade e farol para indicar o porto seguro do nosso caminho».

5. Ano Sacerdotal 2009-2010

No dia 16 de março Bento XVI, por ocasião da Audiência da Assembléia Plenária da Congregação para o clero, fez o anúncio de um Ano Sacerdotal especial.

Tema do Ano sacerdotal: «*Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote*». Uma dupla fidelidade, portanto: a fidelidade de Cristo que, quando ele chama alguém, estabelece uma aliança que jamais cessa; e fidelidade do sacerdote, que implica numa resposta incondicional a Quem o escolheu. Esse Ano Sacerdotal será inaugurado pelo próprio Pontífice no dia 19 de junho próximo, por ocasião da solenidade do Sagrado Coração de Jesus na praça de São Pedro com o canto

das Vésperas e o seu encerramento ocorrerá na praça São Pedro no dia 19 de junho de 2010 com um encontro mundial de sacerdotes vindos de igrejas de todo o mundo.

Naquela ocasião o Papa proclamará o Santo Cura d’Ars modelo de santidade e de pastoreio para cada sacerdote.

Diversas iniciativas marcam este Ano Sacerdotal: congressos e encontros de estudo voltados para natureza e missão do sacerdócio cristão; voltados para a formação dos seminaristas e dos jovens sacerdotes. Publicar-se-á, também um “Diretório para Confessores e Diretores espirituais” e, também, uma coletânea de textos do Magistério dos Papas no tocante ao sacerdócio.

Exortando os sacerdotes em aprofundar o conhecimento da Escritura e configurar a própria vida e a própria missão aos seus ensinamentos, o Papa Bento XVI quis referir-se à sua experiência pessoal: «Na vigília da minha ordenação sacerdotal, há 58 anos, abri a Sagrada Escritura porque ainda desejava receber uma palavra do Senhor para aquele dia e para o meu futuro caminho sacerdotal. O meu olhar se deteve nesta passagem: Consagrados na verdade, a tua palavra é verdade. Então eu soube: o Senhor está falando de mim e está falando a mim. É bem isso que, amanhã, acontecerá comigo».

Bom ano sacerdotal.

6. Conclusão do Ano Centenário

• Peregrinação à Basílica de São Paulo extra-muros

Concluiu-se oficialmente, na quarta-feira, dia 25 de março, na solenidade da Anunciação, com a peregrinação dos guanellianos à Basílica de **São Paulo extra-muros**, o ano centenário da profissão religiosa do Fundador e do reconhecimento oficial da Congregação das Filhas de Santa Maria da Providência, iniciado a 24 de março de 2008 no Santuário do Sagrado Coração em Como.

Encontro junto à Pirâmide e, às 14:30 horas a saída rumo à Basílica, meditando o Rosário. Da iniciativa fizeram parte todas as comunidades guanellianas de Roma, do ramo masculino e feminino da Obra e cerca de 250 leigos, provenientes da paróquia de São José *al Trionfale* e de Nápoles. Entre os presentes houve uma grande representação de bons filhos e de operadores dos centros de atendimento da Via Aurélia, Santa Maira della Nocetta e Santa Rosa. Os ritos de introdução se realizaram do lado de fora da porta Santa e a celebração eucarística foi presidida pelo Superior Geral o Pe. Alfonso Crippa e concelebrada por 22 coirmãos.

«O centenário nos permitiu aprofundar o carisma Guanelliano para reavivá-lo como o dom mais precioso que o fundador nos transmitiu e para torná-lo capaz, ainda hoje, de responder ao chamado da Igreja para uma nova evangelização» sublinhou isto na homilia, o Superior Geral.

«Mas todo carisma é para a vida de toda a Igreja e realiza toda a sua fecundidade na partilha. Lembramos a este respeito, como o apóstolo Paulo se “jogou” contra quem provocava divisões na comunidade eclesial em nome de dons pessoais que pensava possuir», fazendo uma constante síntese entre contemplação e ação e superando com um espírito renovado eventuais dificuldades na missão.

Uma comparação, pois, entre *São Paulo e Dom Guanella*: «Em que se poderiam comparar?» perguntou. No *ardor apostólico*: o “corre-corre” de Dom Guanella... e o contínuo peregrinar de São Paulo. «É o Espírito que sopra e dá força de ir lá onde há necessidade». Efeito desta disponibilidade é o esquecer-se de si, o consumir-se para o Evangelho.

Voltam as palavras de Paulo «Fui crucificado com Cristo... não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim» e aquelas de Dom Guanella: «para fazer o bem é preciso subir o caminho fatigoso do Calvário».

A caridade cristã é de fato uma “*caridade de pessoa*”, como escreve Dom Guanella e testemunha o próprio São Paulo, nos seus escritos, ricos de experiências pessoais, cheias de amor e paixão.

«O carisma não deve ser conhecido somente de forma teórica, mas vivido interiormente” acrescenta o Superior. “Então age nos nossos corações, os transforma, transfigura as nossas frágeis capacidades e os irmãos que atingimos com a nossa missão, o percebem... é preciso *ter confiança também nas nossas fragilidades e nas fragilidades do próximo, isto é, saber ver sempre nelas a Providência*. Hoje existe tanta necessidade de redescobrir a força das coisas simples, a confiança nos outros. Temos tantos pobres no meio de nós que nos asseguram a presença de Deus!».

Por fim a referência a Maria. «Dom Guanella escolhendo a solenidade da Anunciação para a sua Profissão parece querer-nos dizer que também ele quis que o seu “sim” estivesse unido àquele de Maria». O convite a ser dóceis segundo o seu exemplo, permite ao Espírito, de realizar ainda grandes coisas. «*Confiamos a Maria as nossas Congregações, a Família Guanelliana*; lá onde o nosso testemunho de fé, de caridade torna fecunda a nossa missão e dê novo impulso a todos nós».

Antes da Bênção final, uma palavra de agradecimento aos presentes foi expresso, em nome da madre geral, da vigária, Ir. Georgina, com o auspício que se continue com vigor renovado o caminho comum do anúncio e da paternidade de Deus.

• Peregrinação à Terra Santa

Concluiu-se, sábado, dia 9 de maio, a *segunda peregrinação guanelliana para a Terra Santa* promovida como conclusão do Ano Centenário.

33 participantes: religiosos e religiosas guanellianos, irmãos leigos pertencentes às diferentes províncias masculinas e femininas: Beatos Luís e Clara, São Pio X, Sagrado Coração, São José (Itália); N.S. Aparecida, Santa Cruz (Brasil); Chile, Paraguai, México, Guatemala, Colômbia, Espanha), duas coirmãs indianas e uma coirmã proveniente da Romênia.

Com eles, o vigário geral, o Pe. Umberto Brugnoli, que cuidou da preparação e da realização e a vigária geral, a Ir. Georgina Alves da Costa, os conselheiros gerais, Pe. Carlos Blanchoud e Ir. Franca Vendramin.

«*Amor Christi Crucifixi trait nos*» o tema escolhido, para lembrar a 1ª Peregrinação nacional italiana (1902), guiada pelo Card. André Ferrari à qual participou o Pe. Luís Guanella, com grande fé e entusiasmo, como testemunham também as memórias que ele quis difundir através do Boletim “*La Divina Provvidenza*”.

O **Programa** particularmente, intenso e bem articulado, é vivido num clima de oração e de cordial fraternidade. Uma primeira etapa (de 2 a 5 de maio) se realizou em Nazaré, depois a ida a Belém (6 de maio), uma segunda etapa em Jerusalém (7 a 9 de maio). Diante dos olhos dos peregrinos os lugares santos visitados entre eles a basílica da Anunciação, o santuário da Transfiguração no Tabor, Cafarnaum e Tabga, o monte das bem-aventuranças. Em Belém, a basílica da Natividade e o campo dos pastores.

Coração da segunda etapa, Jerusalém. Em particular, etapas preciosas – nos jardim das oliveiras, na basílica do Getsemani, na basílica do Santo Sepulcro e sobre o Calvário – “marcaram” momentos de profunda meditação sobre os mistérios fundamentais da fé.

O ritmo do dia foi marcado pela oração comunitária da manhã enriquecida por alguma reflexão tirada do diário de Dom Guanella na Terra Santa. Depois da meta prefixada se seguia a leitura das páginas e dos episódios do Evangelho que se referiam às diferentes localidades.

As meditações feitas pelos diversos religiosos presentes eram articuladas e ricas de estímulos, em língua italiana, espanhola e portuguesa; foi bem preparada também a animação litúrgica confiada às religiosas.

Momentos principais da peregrinação: a renovação das promessas batismais nas margens do Jordão, a travessia do lago de Tiberíades durante a qual se fez memória do chamado ao seguimento de Cristo dos primeiros discípulos e de cada um dos peregrinos presentes, a oração pessoal e silenciosa sobre os montes do deserto da Judeia, a Santa Missa no Cenáculo e a renovação das promessas

sacerdotais e religiosas, a reflexão ao redor da piscina probática (“*Não tenho ninguém*” Jo 5, 7) – ícone típica da espiritualidade guanelliana – a Via Sacra com os padres Franciscanos até o Calvário e o Santo Sepulcro em Jerusalém, a Santa Missa de encerramento em Emaús.

Não podia, depois, faltar a *visita fraterna* à “*Casa Sagrada Família*” de Nazaré, onde o Pe. Marco Riva e o Ir. Carlo Fondrini acolheram os peregrinos com alegria e disponibilidade.

A Santa Missa, a janta e depois o encontro, mesmo que breve, com os “anjos” acolhidos pelo grande Centro para crianças deficientes foi um dos momentos mais belos e significativos vividos como *família guanelliana*.

O Fundador, no final da sua peregrinação, lembrava: «O nosso adeus à terra onde nasceu, viveu e morreu o divino Salvador, foi um adeus cheio de comoção... A inteligência, a memória e o coração da peregrinação foram grandemente consolados, e o próprio corpo experimentou muitas vezes conforto. Muitos de nós, não obstante o cansaço inevitável da viagem, antes, talvez precisamente pela mudança radical de ar, de costumes, de tudo, se sentiram tomados por muitos incômodos, e voltaram para casa rejuvenescidos na vontade, no espírito e até mesmo na saúde».

Também para nós foi assim.

7. Encontro dos dois Conselhos gerais

Terça-feira, dia 20 de janeiro, junto à Casa Geral dos Servos da Caridade se realizou o primeiro encontro dos Conselhos Gerais do ano de 2009.

Todos os Conselheiros e as Conselheiras estiveram presentes. A reunião iniciou com a oração comunitária para a unidade dos cristãos e com a leitura de alguns pensamentos do Santo Padre formulados durante a primeira Audiência geral deste novo ano. O Papa Bento XVI convida «a reavivar o compromisso de abrir a Cristo a mente e o coração, para ser e viver como verdadeiros amigos seus». Com este recíproco augúrio, se dá o início do debate sobre vários pontos postos na OdD: (Ordem do Dia).

1. *Atualização sobre o MLG depois do encontro entre os 2 Conselhos gerais, os Provinciais e as Provinciais da Itália e o Conselho Nacional do MLG, que aconteceu em Roma, na Vila Rosa, 4-5 de outubro de 2008.*

As conclusões às quais se chega:

- O superior geral Padre Alfonso se encarrega de rever algumas reflexões sobre o Movimento Laical Guanelliano que já tinha elaborado no ano

- passado e sucessivamente enriquecido com ulteriores aprofundamentos referentes ao aspecto específico da “*ecclesialidade*”. Os dois Conselhos gerais se empenharam na leitura e na avaliação de tal contribuição.
- Até o final de março, será entregue ao presidente Vittore Mariani, o texto com algumas linhas e orientações partilhadas pelos dois Conselhos Gerais, sobre a impositação a ser dada ao MLG. Tais indicações serão integradas com as sugestões enviadas, antes do Natal, por alguns superiores que participaram do encontro de Roma de 4/5 outubro de 2008.
 - O caminho a ser efetuado nestes primeiros meses do ano, deveria garantir o alcance do objetivo proposto no encontro de outubro de 2008 e isto é, de poder realizar antes do verão de 2009, em data a ser concordada, um encontro do Conselho Nacional do MLG, dos Conselhos Gerais dos SdC e das FSMP, dos Superiores Provinciais dos SdC e das FSMP italianos para a subscrição do Documento.

2. *Exigência de diferenciar e acompanhar a Associação dos Cooperadores Guanellianos.*

Fica-se de acordo em retomar, nos respectivos Conselhos este tema e se comunicarão, em seguida, as orientações decididas.

3. *Associação Mediterraneo sem handicap.*

Reflete-se sobre o caminho desta Associação. Revela-se que depois do Congresso de Malta, foram realizados na Itália sete encontros mesmo que se tenha a percepção que tal “recaída” não tenha respondido às expectativas.

4. *O centro de estudos guanellianos de Roma.*

Fala-se ainda da função dos referentes dos dois conselhos gerais. E se indica a resposta a ser dada em relação ao Verbal da reunião de avaliação e programação do Centro de Estudos que nos foi enviado pela diretora.

5. *Orientamentos e iniciativas a serem assumidos juntos em vista de uma hipotética canonização do fundador.*

Inicia-se a lançar algumas idéias, mas que depois deverão ser revisionadas e sugeridas a uma comissão que no futuro será constituída.

A reunião termina com *informações de vários tipos* a respeito da vida das duas congregações.

8. Movimento Laical Guanelliano

a) NA ITÁLIA

• Encontro com o Pontifício Conselho para los Leigos

Sexta-feira, 6 de março de 2009, é uma data histórica: Pe. Wladimiro Bogoni, Irmã Franca Vendramin e o Presidente, Dr. Vittore Mariani, delegados pelo Conselho Nacional MLG, pelos Conselhos Gerais SdC e FSMP e pelos Superiores e Superiores das quatro Províncias Italianas da Obra Pe. Guanella, foram recebidos pelo Pontifício Conselho para os Leigos. Puderam assim falar com o Subsecretário, Prof. Av. Guzman Carriquiry, com o qual tiveram um longo, aprofundado, profícuo e cordial colóquio esclarecedor em mérito ao reconhecimento eclesial do MLG.

Para alcançar tal finalidade, foram ilustrados critérios e percursos, no sulco do Evangelho, da Igreja católica e do Fundador, também abertos e direcionados ao envolvimento, na experiência da caridade, de todos os homens e as mulheres de boa vontade, não católicos, que desejam viver e atuar no mundo guanelliano.

Do encontro e dos seus conteúdos foi relacionado aos Superiores Gerais SdC e FSMP, os quais, ainda que confortados pelo objetivo ao qual tender, preferiram por agora sugerir de esperar um melhor enraizamento do Movimento a nível mundial e depois poder-se-á tomar em séria consideração a oportunidade de tornar-se um Movimento eclesial propriamente dito.

• Encontro do Conselho Nacional Italiano do MLG com os Conselhos Gerais das FSMP e dos SdC

Sábado, 31 de outubro de 2009, os Conselhos Gerais das Filhas de Santa Maria da Providência e dos Servos da Caridade encontraram-se com o Conselho Nacional do Movimento Laical Guanelliano Italiano para discutir e ratificar o Rascunho definitivo do Documento MLG.

À unanimidade, foi aprovado o texto do documento que leva o título:
FAZER DA CARIDADE O CORAÇÃO DO MUNDO.

O Conselho Nacional MLG, de acordo com os dois Conselhos Gerais FSMP e SdC, anuncia que o documento será apresentado para o estudo e o aprofundamento na ASSEMBLÉIA NACIONAL DO MOVIMENTO LAICAL GUANELLIANO, que se terá em Roma, nos dias 23-24 de janeiro de 2010, na Domus Urbis, Via della Bufalotta, 550.

Naquela sede será distribuído o documento.

• **Assembléia geral do Movimento Laical Guanelliano Italiano:**
«A caridade como missão»

Teve-se sábado 23 e domingo 24 de janeiro, na Domus Urbis de Via della Bufalotta, em Roma.

Sábado de manhã, abriu os trabalhos o Presidente do MLG italiano, Dr. Vittore Mariani, que deu as boas-vindas a todos. Seguiram-se as saudações da Madre geral, Irmã Giustina Velicenti e do Superior geral, Pe. Alfonso Crippa. Todos expressaram palavras de acolhida e de apreciação pela presença e de votos para o bom prosseguimento do caminho também nestes dias de trabalho.

Entre leigos, coirmãos e coirmãs, estavam presentes mais de cem pessoas, provenientes de toda a Itália. Todos na espera da apresentação e da entrega oficial do documento do MLG "*Fazer da caridade o coração do mundo*", de recente aprovado pelos dois Conselhos gerais. O Documento é fruto de anos de trabalho e participaram da sua composição um pouco todos os leigos do mundo guanelliano, que por vários motivos estão vizinhos à nossa Obra. A redação, depois, foi delegada ao Pe. Wladimiro Bogoni, à Ir. Franca Vendramin e ao Dr. Vittore Mariani. Veio fora um livrinho, simpático e atraente à vista, mas fortemente nutriente ao lê-lo.

Na tarde de sábado, esteve presente o Prof. Av. Guaman Carriquiry Lecour, Subsecretário do Pontifício Conselho para os Leigos, que tratou o tema «Os leigos e os movimentos na Igreja, há vinte anos da "Christifideles laici"», oferecendo um aprofundamento encorpado, eclesiológico e teológico da Exortação Apostólica e sublinhando que, sem os leigos, não pode existir evangelização. Foram numerosas as intervenções de satisfação e de pedido de esclarecimento em mérito.

Domingo, 24 de janeiro, foi muito aplaudida a bela relação do Pe. Wladimiro Bogoni, que apresentou a história, a atualidade e as perspectivas futuras dos leigos guanellianos. Bela a referência ao Pe. Guanella, como precursor do Concílio Vaticano II por esta abertura ao mundo laical.

À relação seguiram-se numerosas intervenções, que além de sublinhar a importância deste belo documento, abriram a reflexão para o futuro. Neste sentido foram muito apreciadas pela assembléia diversas intervenções de jovens presentes.

Tanto era o entusiasmo e o interesse que superou-se abundantemente o horário e no final o presidente, às 12:15 h, teve que encerrar para ir para a S. Missa, prevista para as 11:00 h.

A solene celebração, presidida pelo Superior Geral, com a participação de outros 11 coirmãos, encerrou esta importante assembléia. Cada um, certamente, voltou para casa satisfeito, mas convicto que o mais deve ser ainda feito: ou seja, comprometer as várias realidades laicais a responsabilizarem-se com isto e tomá-lo verdadeiramente como uma etapa importante para os próximos anos.

• **III Encontro do Movimento Laical Guanelliano Espanhol**

Aos 18 de abril, na vila São José, de Palencia, aconteceu o terceiro encontro dos leigos guanellianos da Espanha. Encontramo-nos nós, leigos de Madri e Palencia, para partilhar um belo dia de comunidade, para olhar-nos um pouco dentro e partilhar experiências, inquietações, orações, refeições, brincadeiras e canções.

Mesmo se com o tempo restrito, porque as atividades eram tantas e o tempo pouco, foi um encontro frutuoso, no qual, depois das apresentações das pessoas participantes, teve-se um momento para apresentar várias idéias em redor do slogan que fora proposto para este encontro: “Caminhando juntos” e não banalmente, mas antes caminhando como família guanelliana, que partilha a espiritualidade e a mesma missão.

Seguiu-se então um momento de trabalho de grupo, no qual apresentaram-se várias perguntas orientadas a enfrentarem os interrogativos e as necessidades que nós, leigos guanellianos, levamos “dentro” e que serão levantadas no Capítulo Provincial que acontecerá no México, no final de junho. «A que coisa dás valor do espírito guanelliano?». «O que queres pedir aos religiosos guanellianos?» e «Que coisa pedes ao ambiente guanelliano?».

Mesmo se foram dadas muitas respostas, evidenciaremos somente algumas delas.

«A que coisa dás valor do espírito guanelliano?». A familiaridade, a paciência, o Carisma, o trabalho para os marginalizados, as atitudes de servo e de cooperação.

«O que queres pedir aos religiosos guanellianos?». Formação, abertura da comunidade para os leigos que sejam de referência e de testemunho, vizinhança, apoio nos momentos difíceis, confiança no trabalho dos leigos, informação.

«Que coisa pedes ao ambiente guanelliano?». Que se rompam as separações e se tenha uma união e uma aceitação mais forte, sinceridade, escuta, abertura, que se peça só aquilo do qual se tem necessidade, falar claro, acompanhamento e apoio, trabalhar para atrair o voluntariado guanelliano.

Sem dúvidas, restam-nos muitas idéias para definir e sobre as quais refletir e muito caminho para percorrer, mas é uma ótima coisa o fato que agora temos muito mais claro que coisa queremos fazer juntos e, sobretudo, que conhecemos os rostos, as preocupações, as histórias e os sorrisos das pessoas que nos acompanham neste caminho que quer chegar a Deus com um coração guanelliano. Isto é o que importa agora: caminhar com passo tranquilo e confiante um ao lado dos outros, e ter tempo para todo o resto.

• **Quarto Encontro MLG Nacional em Chicago - 2-4 de outubro de 2009**

Chegamos de todas as partes entre um oceano e o outro. De Vancouver, Canadá; de Syracuse, New York; de Springfield e Elverson, Pennsylvania; de Sleepy Eye, Minnesota; de Milbank, South Dakota; de Chelsea e Grass Lake, Massachusetts.

Chegamos de avião, de trem, de carro e a pé. Chegamos numa jornada indescritível com o típico vento de Chicago e a típica chuva do Michigan. Uma jornada daquelas nas quais se prefere ficar em casa a decidir se estamos ainda no outono ou já entramos no inverno. Mas as comunidades hóspedes de St. Mary, St. Rose e Mount St. Joseph fizeram esquecer o tormento e com a sua hospitalidade tornaram a visita agradável e frutuosa. O tema da conferência: **“A vocação do laicato na Igreja e no Carisma Guanelliano”** foi magistralmente apresentado pelo Dr. Francisco Lopez, Psiquiatra da Universidade de Michigan.

O Dr. Lopez, conhecido pelos amigos como *Paco*, com o seu estilo sólido e humorístico ao mesmo tempo, incidiu muito sobre os ouvintes no fazer saborear **“conhece, ó cristão, a tua dignidade”**.

Depois, ilustrou as possibilidades da missão guanelliana, deixando-nos com comprometedoras perguntas para meditar e para responder individualmente e em grupo. Interessante a composição do grupo dos que entrevistaram. Além dos dois sacerdotes Guanellianos e das numerosas Filhas de Santa Maria da Providência e um numeroso grupo de membros presentes pela primeira vez. Foi também apreciada a presença de alguns membros do Movimento pertencentes a outros credos.

Muito preciosa a sua presença que apresentou experiências de fé e de caridade exercitadas por outros grupos religiosos.

A reunião abriu-se e encerrou-se com a concelebração da Eucaristia na magnífica capela de St. Mary, Chicago, a Casa Mãe da presença Guanelliana na América. Antes de voltar para as nossas casas, o coração impeliu-nos a visitar e saudar as nossas irmãs idosas na Comunidade “Queen of Peace”, que nós chamamos “um Santuário de santidade” pelos hóspedes que residem ali e o cemitério que conserva as pioneiras da espiritualidade e caridade guanelliana que logo celebrará cem anos de presença nos Estados Unidos. A reunião concluiu-se com a promessa de rever-nos juntos cada ano e de intensificar o sustento do Movimento Laical Guanelliano em cada Casa.

- **Em Springfield (PE) move os primeiros passos o Movimento Laical Guanelliano**

No primeiro encontro, realizado domingo, 27 de setembro, junto ao Pe. Guanella center, estavam presentes uma cinquenta pessoas, todos de origem italiana. Animador o Pe. Paolo Oggini.

Desde vários anos a comunidade, formada em prevalência por imigrantes provenientes do Abruzzo, encontrava-se semanalmente na casa de formação guanelliana para momentos de vida comum. Graças à presença do Pe. Sante Piacente, também ele do Abruzzo, e do qual está ainda viva a lembrança e a saudade, o grupo tornou-se sustentador das atividades em favor dos deficientes presentes no centro assistencial.

Foi-lhes apresentada a possibilidade de desenvolver, em sentido mais guanelliano, o seu compromisso social, comprometendo também americanos e latinos.

«*Testemunhas do Evangelho da Caridade para uma nova Sociedade*» foi o tema do encontro.

Durante a celebração da Missa, foram apresentadas as linhas fundamentais do Movimento, as finalidades e as possibilidades para uma presença específica da missão guanelliana neste contexto social e eclesial.

Em particular, pensa-se a formas de promoção humana e espiritual em Springfield no Divine Providence Village, ao apostolado entre os imigrantes provenientes em particular da América do Sul, a projetos em favor de idosos sós, doentes, pessoas em situação de emergência pela casa, saúde e alimento com intervenções miradas e bem definidas. Para esta atividade futura está avaliando-se com a Arquidiocese a possibilidade de encarregar-se de um convento inabitado em Filadélfia.

No final da missa, a janta em estilo italiano, cantos, idéias e projetos para partilhar, num clima de fraternidade que deixou em todos o desejo de encontrarmos ainda.

O próximo encontro no dia 31 de outubro para celebrar juntos a festa do Beato Guanella, para depois prosseguir o caminho formativo e caritativo juntos cada último sábado do mês.

SCHEMA DELL'ARGOMENTO TRATTATO

Che cos'è il MLG

«Il mondo degli interessati si unisce in associazioni di commercio, di industria, di studio e di scienze per avanzarsi nel cammino di un progresso umano: il mondo dei cristiani, che credono e che praticano, è giusto che si congiungano in

associazioni di aiuto materiale e di sussidio morale e religioso per la prosperità temporale e spirituale della società crescente.

La ragione lo vuole, la legge ecclesiastica incoraggia, la legge degli stati civili deve consentire» (Reg. 1910).

Il MLG è una associazione che riunisce persone che, ispirate dallo spirito e dalla missione del Beato Luigi Guanella, si mettono insieme per aiutare spiritualmente e materialmente quanti stanno soffrendo per situazioni di povertà, malattia e solitudine.

Chi sono i membri del MLG

Ispirati dallo Spirito Santo e coscienti della loro responsabilità e cooperazione nella missione della Chiesa di annunciare il Vangelo di Cristo al mondo, i membri del Movimento Laici Guanelliani condividono lo spirito e la missione delle Congregazioni dei Servi della Carità e delle Figlie di Santa Maria della Provvidenza.

Conoscere don Guanella e farlo conoscere

I laici guanelliani sono consapevoli che don Luigi Guanella è stato dotato dallo Spirito Santo di un cuore docile e misericordioso, capace di percepire Dio come “Padre”; un cuore ricco di bontà e di provvidenza desideroso di raccogliere tutti i popoli in un’unica famiglia.

Dal Cuore di Cristo egli ha attinto una straordinaria sensibilità nel riconoscere, capire e correre in aiuto di quanti fossero nel bisogno, riconoscendo in ciascuno il volto di Cristo.

Situazione attuale del MLG nel mondo

- In processo di crescita in Italia e Sud America e Filippine.
- Allo stato di infanzia in Nord America.
- In situazione di progetto in Africa e India.

In USA

- Collaborazione tra SdC e FSMP.
- Due aree: *East* (PA, RI, MA, NY), *Middle East* (MI, IL, WI, SD).

Progetti dei Servi della Carità nell'Arcidiocesi di Filadelfia

- Presenza di evangelizzazione e promozione umana e spirituale:
 - Springfield: CKC, Divine Providence Village, St. Edmund.
 - Apostolato tra gli immigrati da varie parti del mondo e in modo particolare tra quanti giungono dal Sud America.
 - Possibile futuro sviluppo con un'attività con i poveri nella quale la cooperazione dei laici guanelliani sarà propizia e fruttuosa.
- Quali poveri? Gli anziani soli nelle loro case, gli ammalati, le persone in situazione di emergenza per casa, salute e cibo con interventi mirati e ben definiti.
- Per questa futura attività si sta chiedendo all'Arcidiocesi la cessione di un Convento inabitato dove cominciare una differente presenza di carità in Filadelfia.

Progetti per Incontri e Formazione del MLG

- Incontri ogni ultimo sabato del mese per la Messa in Italiano e con momenti di formazione e convivenza.
- Diffondere tra gli italiani, i loro discendenti ed altri amici questa idea di presenza e di servizio ai più bisognosi.
- Progressivo sviluppo del MLG in modo che in esso confluiscono amici e simpatizzanti di lingua italiana, inglese e spagnola.

d) NA COLÔMBIA

• Programa MLG para o ano de 2009

- Fortificar a Família religiosa guanelliana carismática (FSMP - SdC), organizando experiências que ajudem para este reforço, por exemplo, o encerramento do Centenário da profissão religiosa do Beato Luís Guanella, em Bucaramanga, 07-08 de março, e os Exercícios Espirituais FSMP - SDC em Bogotá - 1-4 de julho de 2009.
- Fortificar o Movimento juvenil-vocacional guanelliano colombiano. Cada grupo local do MLG deve ter e acompanhar o seu Grupo Juvenil Guanelliano, convidando também os adultos do MLG para que se tornem animadores do próprio grupo juvenil. Cada membro do Grupo do MLG leve um jovem ao Grupo juvenil.

- Os membros de cada Conselho local acompanhem o grupo do MLG num caminho formativo, com espírito fraterno e entusiasmo carismático.
- Favorecer, nos nossos Centros guanellianos, uma relação mais que profissional com todos os leigos, promovendo-os e animando-os para se tornarem Cooperadores, segundo o artigo escrito no n. 26 de “Caminhos de Comunhão”.
- Preparar-se através do estudo e da oração para o Primeiro Capítulo Provincial da Província “Nossa Senhora de Guadalupe”, de 22 a 27 de junho, no México. Fazer chegar ao mesmo Capítulo um documento já preparado pelo Conselho Nacional e entregue a todos os grupos.

COOPERADORES

Padre Umberto Brugnoli, Assistente dos Cooperadores

Em data de 29 de julho p.p., o Superior geral, querendo incrementar a Associação dos Cooperadores guanellianos, terceiro ramo da família guanelliana – conforme solicitado pelo 18º Capítulo geral – e para dar uma certa linha de unidade ao caminho percorrido pela Associação a diversas décadas, de acordo com o Conselho geral das Filhas de Santa Maria da Providência, após o parecer do seu conselho, nomeou o Pe. Umberto Brugnoli como Assistente geral dos Cooperadores guanellianos.

Carta del Padre Umberto Brugnoli, Assistente geral

À Associação dos Cooperadores guanellianos

A serviço de uma vocação

Caríssimos Cooperadores guanellianos!

Acolhi com disponibilidade o convite dos dois Conselhos gerais dos SdC e das FSMP para dedicar especial atenção à vossa Associação. Mesmo inserida no MLG, com base na Constituição de ambas as Congregações, ela constitui o terceiro ramo da família guanelliana, segundo o desejo do Fundador, Bem-aventurado Luís Guanella.

Minha incumbência será essa de Assistente geral de toda a Associação dos Cooperadores guanellianos.

Peço ao Espírito o dom da disponibilidade em face deste mandato, a mim confiado, de colaborar com os dirigentes do MLG e os assistentes espirituais, tanto os provinciais como os locais, de vossos grupos. Desejo dedicar as energias de meu sacerdócio, neste próximo triênio, particularmente a vós, Cooperadores guanellianos.

Agradeço aos vossos animadores e às vossas animadoras espirituais que vos acompanham com paixão e verdadeira dedicação. Todos juntos – como consta no convite do 18º CG dos SdC – promovamos a “vocação” dos Cooperadores guanellianos ali onde vivemos e atuamos. O desejo dos dois Conselhos gerais da Obra Don Guanella é esse que especificamente vós, Cooperadores guanellianos, assumais a grande tarefa de animação do MLG. Para isso acontecer é óbvio que haja um caminho de preparação.

Estou ciente da vossa sensibilidade na oração neste Ano sacerdotal para todos os sacerdotes e religiosos do mundo todo, bem como do empenho fiel que assumireis em vivenciar os encontros formativos como etapas de crescimento, no amor pelo Pai que vos chamou por intermédio do Pe. Guanella a *«serdes apóstolos de misericórdia em prol dos mais empobrecidos no corpo e no espírito»*.

Não esqueçam jamais que, além disso, vós sois enviados *“a manifestar este coração grande e misericordioso em todos os lugares da vossa vida”* (Estatuto dos Cooperadores guanellianos, nº 15).

Oriundas de diversos lugares, eu recebi sugestões em vista de um itinerário formativo neste ano sacerdotal. Contatei também os vossos respectivos Padres provinciais.

Sei que, em algumas realidades, já existe um caminho programado e vos convido, calorosamente, em prosseguir com os coirmãos e as coirmãs que vos acompanham. Para outros grupos poderiam ser úteis estas fichas de animação, que apresento a seguir.

Com base em citações da Carta enviada pelo Papa aos Sacerdotes por ocasião da abertura do ano sacerdotal (19 de junho de 2009), elaborei uma programação de 10 encontros. Cada um contendo uma temática de um possível decálogo que me parece ser possível deduzir da missiva de Bento XVI.

Assim conheceremos o itinerário espiritual-pastoral que os nossos sacerdotes e pastores são convidados a realizar neste ano particularmente dedicado a eles; nós os acompanharemos com a nossa oração e, na medida do possível, como leigos batizados e envolvidos com o carisma do Bem-aventurado Luís Guanella, empenhar-nos-emos a viver os mesmos valores.

De modo especial, o Santo Padre recomenda aos sacerdotes de *«colocar novamente o sacramento da Penitência no centro de suas preocupações pastorais»*.

Também nós – Associação Cooperadores guanellianos – queremos fazer nosso este convite do Santo Padre e caracterizar os encontros formativos do gru-

po local deste ano, em aprofundar quanto o Catecismo da Igreja Católica desenvolve a respeito do sacramento da Reconciliação.

Acompanho a todos vós, os vossos grupos e as vossas famílias com a oração cotidiana pedindo a proteção do nosso grande protetor São José.

Também vos convido a aprender e recitar a tradicional oração que nestas casas guanellianas cada dia elevamos também por vós.

«Fazei, ó São José, que se multipliquem as vocações religiosas nesta Obra santa de misericórdia, e com elas se multipliquem também os Cooperadores, para a maior glória de Deus, honra vossa, alívio e consolo de tantos que sofrem na miséria e no abandono».

Uma saudação cordial a todos e boa caminhada.

Roma, 8 de setembro de 2009

Pe. UMBERTO BRUGNONI

Encontros mensais de formação para Cooperadores guanellianos

O Papa apresentou a vida e a missão do Santo Cura d’Ars e pede aos sacerdotes:

1. Uma atitude de humildade perante o dom não merecido do sacerdócio.
2. A certeza da grandeza e sublimidade do dom recebido que não depende de nós, mas de Deus.
3. A necessidade de uma vida sacramental autêntica e ativa.
4. Uma missão apaixonada para o bem do povo a ele confiado.
5. A colaboração com um Laicato protagonista e não mero expectador.
6. A atenção e a solicitude em relação aos Movimentos que o Espírito promove na Igreja.
7. Recolocar o sacramento da Penitência no centro das vossas preocupações pastorais.
8. O saber e desejar viver como Cristo, eterno sacerdote, o “novo estilo de vida”.
9. Relevar e valorizar mais intensamente a comunhão com o vosso Bispo.
10. Ser mais testemunhas do que mestres daquilo que anunciais.

Novo Conselho do Norte da Itália

A 9 de maio os Cooperadores do Norte da Itália e Suíça, se reuniram em Assembleia, para a renovação dos cargos que estavam terminando.

Na presença dos membros do Conselho Provincial que estava saindo, do Pe. Mariolino Mapelli, delegado dos SdC e dos 43 delegados representantes de todos os grupos, o Sr. Paolo Cattaneo (presidente que termina o mandato) dirigiu uma saudação aos presentes e relacionou sua atividade realizada no decorrer dos quatro anos que estavam findando.

O novo Conselho Provincial ficou assim composto:

- SACCHETTI Carla (Como Lora), *Presidente*
- CATTANEO Paulo (Cassago), *Vice-presidente*
- BENZONI Romana (Livraga), *Secretária*
- PELLINI Luciano (Como Lora), *Tesoureiro*
- BIANCHI Augusto (Castel S. Pietro), *Represetante da Suíça*
- MONTI Mari (Cernobio), *Conselheira*

Novo Conselho do Centro Sul da Itália

Na manhã de 3 de outubro de 2009, se realizou a eleição do novo Conselho Provincial; precedida pelo relatório sintético do presidente que estava terminando o mandato Pietro Ozimo, e das colocações do Pe. Pino Venerito, do Pe. Umberto Brugnioni (*Vigário Geral SdC e Assistente Geral dos Cooperadores Guanellianos*) e Ir. Giulietta Saginario. Foram eleitos para formar o novo Conselho:

- Pietro Francesco Ozimo, *Presidente*, de Laureana di Borrello;
- Giorgio Maino, *Vice-presidente e tesoureiro*, de Bari;
- Maria Teresa Corigliano, *Secretária*, de Laureana di Borrello;
- Pina Fradà, *Conselheira*, de Messina;
- Rocco Ozimo, *Conselheiro*, de Laureana di Borrello;
- Mario Convertino, *Conselheiro*, de Alberobello;
- Anna Zallo, *Conselheiro*, de Roma.

Os Cooperadores concluíram o encontro com a Celebração Eucarística, agradecendo ao Bom Deus pelo dom que receberam: o “chamado” a se tornarem cooperadores guanellianos, e confiando o caminho da associação aos Bem-aventurados Luís e Clara.

De tarde o novo Conselho se reuniu para a programação do ano social 2009/2010.

Foram dias intensos vividos também em harmonia e fraternidade, num estilo de família, segundo o espírito e o ensinamento do Bem-aventurado Luís Guanella.

Coyhaique (Chile): Comodato com a Congregação

Foram enfim, cerca de 20 anos que o grupo dos Cooperadores de Coyhaique administra de modo autônomo a Casa dos Idosos que hoje leva o nome do Pe. Antônio Ronchi. Lá são hospedados e amorosamente assistidos quarenta pessoas muito indigentes: trata-se de pessoas que não tem nada, entre os mais pobres da zona e são mantidos completamente graças ao trabalho voluntário de um bom número de Cooperadores que em nome de Dom Guanella oferecem pão e Senhor. A Congregação, com o Decreto de 27 de julho de 2009 terminou a nossa presença comunitária, enquanto que a atividade com os menores já tinha sido concluída há alguns anos. Estão ainda lá as nossas coirmãs, e também a Associação dos Cooperadores que levam adiante o carisma do nosso Bem-aventurado Fundador numa terra pobre, mas sedenta de Deus. Para esta finalidade nestes últimos meses foi feito um comodato entre os Servos da Caridade e a Associação dos Cooperadores, com o qual se cede o uso gratuito de boa parte dos imóveis de propriedade da Obra. O comodato prevê a plena autonomia e responsabilidade administrativa do Hogar de Ancianos, a manutenção ordinária e extraordinária dos imóveis e a fidelidade ao Carisma. Por enquanto ainda está presente no local o nosso benemérito coirmão Pe. Francesco Belotti que não obstante os seus 87 anos oferece ainda com alegria o seu trabalho e o seu entusiasmo.

O MOVIMENTO JUVENIL GUANELLIANO

Nova Equipe de Coordenação Centro-Sud da Itália

No dia 14 de junho, os jovens do Movimento Juvenil Guanelliano, do Centro Sul da Itália, delegados pelos grupos locais, reunidos em Assembléia, elegeram a nova *Equipe de Coordenação*:

- *Coordenador leigo*: Daniela Bilanzuoli, de Bari, *Secretária que sai*;
- *Vice Coordenador*: Pierangelo La Spada, de Messina;
- *Secretário*: Davide Quarto, de Bari;
- *Referente zona Sicília*: Pietro Vitellaro, de Agrigento;
- *Referente zona Calábria*: Rosanna Furci, de S. Ferdinando;
- *Referente zona Puglia*: Irma Fosso, de Bari;
- *Referente zona Lázio/Campânia/Umbria/Toscana*:
Giulia Zagorovskaia, de Ferentino.

Para completar a Equipe de Coordenação, segundo o art. 14 do *Regulamento M2G*, foram confirmados os assistentes espirituais:

- Irmã *Chiara Minoia*, para as Filhas de S. Maria da Providência,
- os coimãos da *Comunidade Vocacional de Bari*, para os Servos da Caridade.

A nova Equipe de Coordenação tomou posse imediatamente e durará no cargo três anos, até 14 de junho de 2012 (art. 19 do *Regulamento M2G*).

Os votos a todos os membro da Equipe, de serem fiéis ao mandato recebido e de atuarem para difundirem ulteriormente o Movimento nas nossas comunidades.

Ao Coordenador que deixa, Francesco Cannella, e aos seus colaboradores, o mais vivo agradecimento, pelo bem realizado nestes anos de serviço e os votos que a experiência vivida no interior do Movimento possa transformar-se em outros “percursos formativos” presentes na grande família da Obra Pe. Guanella.

VIII Encontro Nacional Italiano

“Frágil: manejar com cautela!”

Foi o tema do VIII Encontro Nacional do M2G realizado em Roma do 30 de abril ao 3 de maio na paróquia San Giuseppe al Trionfale, de Roma. Os participantes provinham de diversas realidades guanellianas: Roma, Ferentino, Nápoles, Bari, San Ferdinando, Messina, Agrigento, Naro, Como e Padova. A experiência iniciou com a abertura oficial por parte do coordenador Francesco Cannella seguida pela apresentação dos grupos presentes através de vídeo, filmados e propostas musicais. A tarefa de preparar o encontro tocou este ano à equipe de coordenação centro sul, aos jovens animadores dos vários grupos locais M2G, que já no mês de março reuniram-se em Bari, para organizarem o evento, junto com os jovens romanos do Trionfale.

Tantos rostos unidos pelo desejo de viver uma forte experiência de fé, refletindo pessoalmente ou em grupo sobre a fragilidade humana. Apareceu claro que a fragilidade caracteriza a nossa condição por causa do limite da criatura, mas pode tornar-se um recurso se se considera que a vida é sempre uma vocação e olha-se para ela na perspectiva do dom. Cada jovem é chamado, portanto, a reconhecer e aceitar as próprias fragilidades entrando nas “zonas de sombra”; e por isto foi proposto o método da Lectio Divina, porque a Palavra orienta e confere sentido a todas as experiências humanas, também à fragilidade do jovem, da Igreja, da sociedade...

O trecho escolhido para a Lectio foi 2 *Cor* 4, 6-15, no qual o Apóstolo Paulo fala de “tesouro em vasos de argila”, e a mensagem transmitida é muito densa de conteúdo: cada um de nós é aquele vaso feito de argila, material facilmente decomponível, isto é frágil, mas todavia cheio de um tesouro, que é o amor gratuito de Deus em Cristo, a sua potência.

A segunda jornada do encontro viu, então, os jovens comprometidos em momentos de intensa espiritualidade: depois da *lectio* e da *meditatio*, o momento da *oratio* e da *contemplatio* através da Adoração Eucarística, ocasião para colocar os nossos limites nas mãos do Senhor Jesus, porque a *Eucaristia assume e transforma a nossa fragilidade humana* (do manifesto dos jovens ganellianos).

Agarrado pela potência transformadora da Eucaristia, cada um de nós pôde também experimentar a força curadora da Reconciliação, celebrando este sacramento, “descobrimo” que o amor de Deus supera abundantemente as nossas fragilidades. Expressamos tudo isto através de um gesto: no final da confissão, cada participante recebeu um vaso de argila para embelezar, segundo o próprio gosto, com cores diversas “para o ângulo da transformação e da beleza”, aprontado na entrada da capela, vasos que permutamos no final do encontro. Assim, embelezando o nosso vaso, comprometemo-nos a transformar a nossa fragilidade e aquela alheia.

A Palavra escutada foi, portanto, o *leitmotiv* destes momentos e, através da divisão em grupos, partilhamos quanto o Espírito suscitou em nós. A última etapa vivida foi a *actio* com a peregrinação paulina. São Paulo foi o nosso companheiro de viagem, o nosso guia durante este encontro, e neste ano que a Igreja dedica-lhe, não podíamos não ir até a sua tumba. O nosso itinerário começou na via delle Sette Chiese (Rua das Sete Igrejas) e foi marcado por momentos de oração em coro e pessoal e outros nos quais detemo-nos um pouco, escutando trechos da Palavra que se referiam a São Paulo e à sua experiência de fragilidade, até quando, tendo chegado na estupenda basílica, professamos a nossa fé católica.

Foi muito apreciada a intervenção de Dom Sigalini, bispo de Palestrina, que nos exortou a investir sobre a fraqueza, a fazer-nos tocar por Jesus, como o cego do qual se fala no Evangelho, seguros de que, entregando a Ele os nossos limites, seremos curados, porque o seu é um toque de amor e de *Salvação*. A fragilidade – disse o bispo – não pode ser reduzida a obstáculo para superar, deve tornar-se um recurso espiritual.

Enriquecedor foi também o espetáculo “*Comigo, de mim e para mim*”, realizado pelos donos da casa, os bons filhos de via Aurelia Antica e pelos amigos da obra; este narra a história de Daniel – um filho único, especial, diverso de todos os outros – e dos seus pais Marta e Paulo. Este espetáculo deu um toque a mais de guanellianidade ao nosso encontro romano e pudemos “ver” a fragilidade em todas as suas facetas.

O encontro concluiu-se com a Celebração Eucarística na via Aurelia Antica, na Igreja São José e a noite em fraternidade, animada pelo grupo *party Project*.

É belo concluir com algumas palavras do hino que cantamos e dançamos com tanta alegria: *Mesmo se frágil, um homem fraco, mesmo se pobre e indigno de Ti, para todo coração há Amor!*

II Congresso Nacional do Movimento Juvenil Guanelliano Colombiano

«Procuram-se Fontes de Misericórdia para os jovens»

No ano passado, nos dias 24 e 25 de maio, em Bogotá, nós do Movimento

Juvenil Colombiano, vivemos, junto com o Movimento Laical Guanelliano da Colômbia, o primeiro Congresso Nacional do Movimento Laical Guanelliano. No quadro do Documento Final de Aparecida, os grupos do MLG de Bogotá, de Florencia e de Ocaña, apresentaram estes temas: “Leigos”, “Formação” e “Paróquia”; por seu lado o grupo de Bucaramanga apresentou o “Estatuto do MLG”, entregando algumas perguntas para depois elaborar e dar as respostas.

Cada grupo do Movimento Juvenil Guanelliano de cada nação fez a sua apresentação, respondendo às perguntas: quem somos, quantos somos, quais são os nossos projetos. Logo depois, cada grupo Juvenil escolheu somente três linhas entre as muitas que foram propostas a nível de todo o Movimento Juvenil e explicou como seriam realizadas.

Praticamente cada grupo estava escolhendo o seu próprio caminho.

Passou-se já um ano! Cada grupo fez o seu caminho. É tempo de fazer uma avaliação e, contemporaneamente, dar um passo adiante, consolidando os caminhos dos grupos e continuando a construção da comunhão entre os grupos do *Movimento Juvenil Guanelliano Colombiano*.

Este segundo Congresso teve uma característica muito importante: não foi convocado pelo Conselho Nacional do MLG, mas foi como a explosão de um sentimento comum dos grupos, os quais tinham espontaneamente planejado reunir-se com o grupo de Bucaramanga.

Somente depois, o Conselho Nacional MLG, acolhendo este sentimento, o fez próprio, para podê-lo organizar, aceitando o desejo dos grupos.

O lema do II Encontro Nacional foi: «*Procuram-se Fontes de Misericórdia para os jovens*». Um belo lema, cheio de significados na hodierna sociedade.

Foi belo e acolhido o convite ao Movimento Juvenil Guanelliano da Colômbia para abrir as portas e as janelas do seu próprio grupo e sair ao encontro de outros jovens, convidando todos a terem vísceras de misericórdia, seguindo a exemplo do nosso Fundador, para sentir intimamente a paixão pelo bem-estar dos jovens, sobretudo daqueles que vivem em situações difíceis.

FAMÍLIAS GUANELLIANAS

Encontro das Famílias Guanellianas em Fraciscio

Dez famílias provenientes de Bari, Nápoles, Roma, Bérgamo; algumas que chegavam do mundo guanelliano – de Nápoles, em particular os pais que, quan-

do crianças brincavam no oratório da paróquia dirigida pelos guanellianos no bairro Miano – e outras, de Bari e Bérgamo – que se achegavam a primeira vez ao mundo guanelliano.

Entre os sacerdotes: Pe. Antônio, que festejou os seus 80 anos, juntamente com o grupo de famílias, Pe. Francesco e Pe. Nico.

São os protagonistas do encontro das famílias que aconteceu em Fraciscio de 2 a 8 de agosto. “Nos passos dele”, foi o tema. O núcleo da reflexão foi a emergência educativa, que acompanhou as reflexões e o bate-papo depois da janta.

Pela primeira vez muitos foram os filhos adolescentes, pelo menos 10 para os quais foi feito um encontro paralelo, dirigido por dois clérigos guanellianos, Juan Manuel e Felix.

A proposta, sustentada pela oração e pela celebração eucarística, foi articulada com meditações feitas de forma paralela entre a vida de Dom Guanella e as temáticas educativas: a família, a educação à fé em família, a liberdade entre normas e valores, as dificuldades na vida ou seja “como administrar os conflitos do casal”.

Diversas foram as excursões e as visitas feitas aos lugares guanellianos de Gualdera, Gallivaggio, Campodolcino, Savogno, Prosto e nas localidades de montanha de Motta e Angeloga.

«Vimos compromissos juntamente com moços e adultos no caminhar, desenvolver trabalhos domésticos, momentos celebrativos», sublinha o Pe. Nico Rutigliano. «A entrada de novas famílias, que se encontraram com o nosso grupo, embora não conhecendo Dom Guanella, nos enriqueceu com a sua presença».

Preciosa foi a participação de uma menina excepcional. “Toda a sua família nos deu um precioso testemunho de fé e atencioso cuidado. A paciência e as atenções dadas pelos seus pais a seu respeito, nos fizeram apreciar os inumeráveis dons que Deus nos dá e que muitas vezes nós não sabemos perceber”.

O tema educativo, a partir da experiência de Dom Guanella, interessou todos os pais envolvidos na discussão e comprometendo-os a rever o próprio modo de educar os filhos. «Foi a ocasião de verificar e relançar o tema educativo não somente na reflexão – explica o Pe. Nico – mas também na ação pedagógica que acontece na família dia a dia».

«O clima que se cria em Fraciscio é “especial”», sublinha a Laura C. pelo segundo ano participando com a família da experiência. «A proposta é altamente educativa também para os filhos que através de atividade de tal natureza, saboreiam o bonito da descoberta, da essencialidade, da partilha, compreendem que os limites podem ser superados, valores que a montanha ensina sem necessidade de palavras».

«Considerando a participação deste ano pensamos para o próximo – conclui o Pe. Nico – de duplicar a proposta organizando dois campos, quer para trabalhar melhor sobre os conteúdos e partilhar quer para favorecer a participação de novas famílias, que expressaram o desejo».

Famílias Guanellianas Reunidas em Roma

Ir para além das barreiras da comunicação de casais e em família, como instrumento para enfrentar adequadamente a emergência educativa. Este foi o tema tratado pelos mais de 30 casais provenientes de Nápoles, Bari e Roma reunidos no domingo dia 25 de outubro junto ao centro guanelliano da Via Aurélia, para o tradicional encontro do início do ano.

Ao todo foram aproximadamente noventa participantes, considerando também as crianças e os jovens que de alguns anos para cá, com as famílias, vivem experiências estivas de formação e amizade nos lugares natais de Dom Guanella, e em ocasião do encontro entretidos com jogos e atividades pelos novíços guanellianos. Entre os casais também havia um grupo de noivos, provenientes de Nápoles, acompanhados pelo Pe. Aniello Manganello para a preparação ao matrimônio.

A comunicação em família, o tema proposto pela manhã graças à contribuição da Doutora Inês Mättera, psicóloga, especializada em Cursos sobre Paternidade junto ao Apostolado Acadêmico Salvatoriano de Roma.

«Comunicar é *colocar em comum*» afirmou, passando à análise da mensagem, para se deter sobre o sentido autêntico da escuta: «deixar espaço dentro de si para acolher o que o outro quer dizer».

Entre *as condições que determinam esta atitude*: a EMPATIA, ter presente os próprios sentimentos e distingui-los das emoções do outro; a ACEITAÇÃO incondicional do outro, do que ele diz, renunciando ao juízo; a CONGRUÊNCIA, isto é, o saber exprimir em plena autenticidade o que se é e se sente.

Um jogo de grupo permitiu uma primeira interação entre os participantes, comprometidos na busca das próprias “barreiras da comunicação”. Surgiram diversos limites e, depois a partilha, possíveis caminhos de aprofundamento.

Depois da celebração Eucarística presidida pelo Pe. Cósimo Schiavone, que tinha voltado da Polónia para a inauguração da nova casa guanelliana em Skawina, a partilha do almoço e em seguida a projeção das fotos das diversas atividades formativas promovidas neste verão pelos guanellianos, para as famílias e para os filhos.

«Nestes encontros – explicam a Laura e o Alessandro, casados há 13 anos, com duas meninas – encontramos um ambiente acolhedor, onde a partilha e a amizade que se encontram, quer entre as famílias quer com os sacerdotes, são um apoio precioso para a vida de todos os dias. As experiências fortes e verdadeiras vividas juntos são uma rocha sobre a qual se apoiar na cotidianidade familiar, para aprender a dar espaço ao indivíduo e descobrir a sua dignidade como pessoa e no seu papel que ela exerce dentro do casal».

Para aprofundar os temas que surgiram e partilhar juntos o caminho formativo que continuará em nível local, o encontro para todos será em *Nápoles, dia 14 de fevereiro de 2010*.

PUENTES ONGD:

Uma organização guanelliana na Espanha em prol das nossas missões

PUENTES ONGD é uma Organização não governamental de desenvolvimento que surgiu no âmbito laical da Congregação dos Servos da Caridade (Religiosos Guanellianos) e tem como missão a sensibilização e a colaboração em projetos de desenvolvimento nos países pobres, promovendo a justiça e a solidariedade.

Puentes ONGD foi criada em Palência, em forma jurídica de associação, em 24 de fevereiro de 2007, foi inscrita no Registro das Associações da Comunidade de Castilla e León sob o n. 2026 da Seção Primeira (Delegação Territorial de Palência). Está registrada também no Município de Palência e no município de Valladolid.

PUENTES ONGD está também inscrita no Registro das Organizações não Governamentais de Desenvolvimento da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) e no Registro de Agentes de Cooperação para o Desenvolvimento da Junta de Castilla e León.

Pertence à Coordenação Regional da ONGD de Castilla e León.

Quais são as nossas finalidades?

1. Cooperar com o desenvolvimento através da participação ativa em diferentes programas sociais direcionados para a promoção das pessoas mais desprovidas nos países pobres. Campos privilegiados de ação são:

- As pessoas em situação de deficiência física e psíquica, que significam pobreza e exclusão nos países pobres.
- Infância mais necessitada, especialmente as crianças de rua das grandes cidades, vítimas, em muitos casos, de abusos e fácil presa para serem obrigadas a se transformarem em crianças soldados ou entrar na prostituição.
- Promoção social da mulher, autêntico motor da economia doméstica nos países pobres.
- Promoção do mundo rural através do usufruto racional dos recursos agrícolas e o respeito ao ecossistema, mediante a preparação agrária e a criação de animais.
- Os idosos em situação de abandono e fragilidade, através de programas de atenção alimentar e sanitária.
- Atenção sanitária e educativa às camadas da população para as quais está proibido o acesso à saúde e à educação públicas.
- As camadas da população que, em razão da sua etnia, religião, língua ou sexo, constituem, em uma determinada região, minorias marginalizadas e excluídas.

2. Transmitir uma sensibilidade de aproximação para o trabalho de promoção humana e social que realizam as missões guanellianas espanholas e os missionários espanhóis dos Servos da Caridade, colaborando nos projetos de solidariedade e desenvolvimento que levam a termo.

3. Promover a criação de uma mentalidade nova dentro dos próprios membros da associação e do seu ambiente, que favoreça a sintonia com a causa dos pobres e das pessoas na desgraça.

Com quem cooperamos?

Puentes tem como contrapartida o sócio local dos projetos de desenvolvimento social e humano com os quais colabora na Iberoamérica e na África, a Congregação dos Servos da Caridade ou as entidades constituídas ou promovidas pela própria Congregação.

Nos poucos anos de vida os projetos levados a cabo são já diversos e muitos outros estão em fase de realização. Confia-se além de que na Providência também na boa vontade de tantas pessoas bondosas.

NASCEU NA ALEMANHA A PROCURA DAS MISSÕES GUANELLIANAS

Depois de várias conversas com o Conselho Geral e com a Província Divina Providência, decidimos apresentar às Entidades de Solidariedade Alemãs uma delegação limitada à Índia e Filipinas, na primeira fase, com a possibilidade de ampliação para outras Províncias e delegações Guanellianas ou também a substituição através de uma delegação global por parte da Casa Geral que possa, pois cobrir todas as nossas missões. A delegação atual é válida até 31.12.2011. e pode ser modificada a cada momento também antes de terminar o prazo.

Neste contexto a procura missionária não cobriria nem os Estados Unidos, nem a Europa Ocidental. Exceção feita aos Países do Leste Europeu pelos quais a CET destina muitos fundos para obras caritativas e de culto. Depois da aprovação por parte da Associação Nacional Procura Missionárias começamos a fazer parte de 120 Ordens e Congregações que trabalham na Alemanha e que “angariam” bem 120 milhões de Euros doados durante o ano de 2008 para financiar projetos nas suas missões espalhadas pelos cinco continentes. Mestres nesta busca de fundos são os primos Salesianos. Deles eu aprendi em vários encontros e cursos formativos como melhor “vender” o próprio programa, como selecionar a parte mais interessante dele, a quem se dirigir sem fazer muito rodeio. No momento as entidades de solidariedade alemãs prestam muita atenção a todos os projetos destinados para estruturas para deficientes nas Missões.

Depois de ter recebido a delegação formal do Provincial Pe. Luigi De Giambattista, no final de Março de 2009, começamos a preparar um livreto em Alemão sobre a nossa Obra, sobre os campos de ação, as metas e temáticas atuais. Este caderno especial é a primeira publicação em língua Alemã que poderia num segundo momento ser usada também para contatos semelhantes em Entidades de solidariedade na Áustria.

O que se propõe a Procura Missionária Guanelliana

- Fazer conhecer a nossa Congregação e sobretudo o programa pedagógico guanelliano para excepcionais.
- Contatar uma série de organizações caritativas sensíveis a esta temática como Missio de Mônaco, aquela de Acquisgrana, a de Colônia; a Misereor de Acquisgrana; a Sternsingerdi Colônia (um exército de pequenos Reis Magos que a 6 de janeiro cantam de porta em porta as felicitação de Ano Novo, e recolhem quase 5 milhões de Euros; a Brot für die Welt “Pão para o mundo” ente caritativo evangélico que não exclui projetos católicos em Stuttgart; a Renovabis, etc...
- Apresentar-lhes projetos para obras caritativas nas missões. Cada Entidade tem os seus “dicastérios” responsáveis para os vários países. Portanto para tecer bem uma rede de relações com os mesmos é preciso estar sempre em ação.

Para chegar a isto a nossa estrutura se apresentou no primeiro convênio nacional das Procuras Missionárias na metade de maio de 2009, na Baviera, onde cerca de 60 procuradores se aproximaram e dos quais recebemos muita ajuda e preciosas informações e encorajamento para continuar a nossa obra em favor dos deficientes nas missões.

Os primeiro contatos oficiais foram feitos no dia 15 de junho juntamente com o Pe. Joe Rinaldo junto à Missio Mônaco. Lá apresentamos uma série de projetos para as Casas de Quezon City e de Legazpi. Percebemos um vivo interesse e vontade eficaz de assumir de verdade o projeto do Padre Dong, superior da nossa comunidade de Quezon City para a construção de uma nova estrutura para os deficientes em Quezon City. Pe. Joe e eu temos esperança certa de conseguir levar a termo o primeiro projeto nas próximas semanas. Outros projetos menores do Padre Oggioni foram entregues a outras Entidades no Norte da Alemanha. Uma série de visitas às Entidades na região de Colônia e Acquisgrana será feita durante o próximo mês de setembro.

Apresentaremos à Misereor alguns projetos para a Índia em favor dos deficientes.

Para maio de 2010 está prevista em Munique da Baviera uma espécie de “Jornada da Missões” no stand comum nos darão espaço de algumas horas para apresentar a nossa Congregação.

O que a nossa Procura pode fazer no momento para projetos de outras Províncias

- Atualmente estão em contato com o Pe. Adriano Folonaro para preparar o projeto da escola agrícola de Kinshasa. Apenas ele será pontualizado num fascículo em Francês o apresentarei à Missão de Aachen.
- Para a Província Nossa Senhora de Guadalupe através do amigo Juan Bautista Aguado, presidente de Puentes ONGD da Espanha, estamos preparando alguns pequenos projetos para a Guatemala, México e Colômbia.

GERO LOMBARDO, *Procurador*

ASCI DOM GUANELLA

Carta da Presidente ao Superior Geral e ao seu Conselho

... (*omissis*)...

A ASCI nos últimos anos, ampliou o próprio raio de ação com a constituição das filiais de Como e Roma. As intervenções, projetos e adoções à distância, são todos feitos para satisfazer as exigências e pedidos que nos vêm das Missões Guanellianas de todo o mundo, através dos coirmãos que lá agem, os membros do Conselho Geral, os Superiores provinciais e o Delegado para a África.

O nosso compromisso e a nossa vontade voltam-se sempre mais a desenvolver de modo mais eficaz possível as duas tarefas prioritárias:

- Sustentar a vida ordinária das Missões e cada projeto novo que aí se queira atuar e favorecer para os mais pobres.
- Difundir sempre mais entre os leigos o carisma guanelliano, com a finalidade de promover nas pessoas o espírito caritativo do fundador, o voluntariado e a missionariedade leiga, com presenças mais ou menos prolongadas em terras de missão.

Objetivos aptos que podem ser considerados um pouco mais presunçosos. Mas não é a presunção que nos move quanto ao invés o desejo de realizar sempre mais e sempre melhor as palavras evangélicas «amai-vos uns aos outros como eu vos amei» e «ide e sede testemunhas».

Certamente as nossas forças e possibilidades têm limites objetivos; consideramos porém, que o verdadeiro limite a ser levado em conta é o que nos indica o Pe. Guanella *«todo o mundo é pátria vossa»* e *«parar não se pode enquanto houver pobres para socorrer»*.

Este é o limite que sempre devemos ter presente e portanto... sempre avante!

A realidade atual da associação se apresenta sob um dúplice aspecto:

- por um lado destacamos um afastamento de muitos, uma desmotivação, quase uma indiferença seja pela vida de associado seja pelas atividades necessárias aqui, para sustentar as missões e a escassíssima participação na última assembleia confirma isso;
- por outro, e este é o aspecto positivo, uma já coincidência de intenções com a Obra, uma forte motivação e paixão pela solidariedade do querer voluntário, velhos e novos, leigos e religiosos, que agem constantemente e constitutivamente quer para dar sustentação imediata quer para promover o futuro e a difusão da associação.

Os contatos com toda a Obra, nas pessoas tanto dos coirmãos em missão quanto nos da Itália, é, enfim, um dado de fato. Contato, proximidade, sinergia, identidade de objetivos creio que sejam os taços que hoje caracterizam as relações entre os leigos da ASCI e os religiosos da Obra.

Como demonstração desta afirmação trago a decisão da assembleia de adotar para todos os projetos a praxe já em uso na filial de Roma:

- todo projeto deve ser preventivamente submetido ao Provincial e ao Delegado de referência para o conhecimento e a aprovação, de modo que toda intervenção econômica da ASCI será conhecida na Obra e será considerado como esforço comum.

A sede de Chiavenna desenvolve, enfim, um papel somente burocrático e somente para aquelas situações exigidas pelas Instituições.

Os motivos disto são múltiplos:

- carência de voluntários;
- competências, espaços, equipamentos adequados e em alguns casos até inoperantes;
- nova modalidade quer de relações com a Obra, quer de realização do trabalho direcionado à cooperação e à solidariedade.

De fato hoje todas as ações da associação são projetadas, dirigidas e avaliadas pelas filiais de Como e Roma, mesmo para os projetos que financeiramente estão a cargo da sede nacional, mas a captação dos relativos fundos é feito por outros.

No que se refere à sustentação ordinária de algumas missões, muitos projetos, as adoções à distância e em particular para a já quase totalidade das atividades relativas à sustentação das missões na África, o empenho é das filiais.

Após esta série de considerações e pensando no desenvolvimento da associação entre os associados, leigos e religiosos, se reconheceu a necessidade de uma transferência da sede da associação. Por enquanto se trata de uma transferência física, em nível de secretaria operativa; em seguida não é de se excluir que se orientará para uma modificação do estatuto de modo tal que a sede legal corresponda à sede realmente operativa.

Todos concordaram em identificar a cidade de Como como o lugar mais oportuno para a transferência.

Os motivos a favor desta escolha são muitos:

- proximidade da sede legal, enquanto for em Chiavenna;
- possibilidade de ficar também no território da Província de Sôndrio e dos primeiros lugares guanellianos;
- presença de um Centro Missionário cujo operador trabalha para as missões mantidas pela Província Sagrado Coração, utilizando para a maior parte fundos que ele mesmo obtém através da projeção, da busca de fontes de financiamento privadas e da participação das instituições;
- maior proximidade ao grupo de voluntários que atualmente estão mais ativos;
- não último, uma conservação dos documentos mais segura do que na sede atual onde sofrem a umidade e se deterioram.

A esta altura o nosso desejo seria o de encontrar junto à casa Divina Providência de Como ou junto à Província Sagrado Coração, um local onde se pudessem instalar a sede operativa da associação, sede que deveria, pois, em seguida ser também indicada em cada ocasião e contato, pessoal ou institucional, como ponto de referência principal.

Isto nos permitiria muito mais fácil e eficazmente de colocar em ato os programas de desenvolvimento da associação que partilhamos em assembleia:

- comunicação;
- formação;
- iniciativas para levantamento de fundos;
- promoção da solidariedade e do voluntariado.

... (*omissis*)...

Percebida a falta de motivação difundida entre os sócios e do projeto de sensibilização que se deseja começar, a assembleia distinguiu novamente a necessidade de uma formação sólida e constante no tempo.

Todos sentimos a necessidade de reavivar e/ou aprofundar os temas da caridade, da missionariedade, do compromisso cristão no espírito guanelliano. Con-

sideramos também fundamental a formação dos jovens que exprime o desejo de efetuar períodos de permanência junto às missões prestando a seu serviço voluntário.

Por esta razão, vista a necessidade expressa pelos sócios presentes, em consideração ao fato que o Pe. Pietro Pasquali, depois de tantos anos de benemérito trabalho, manifestou no passado, embora com pesar, a sua impossibilidade, dada a idade, de continuar o seu acompanhamento, ao pedido dos sócios presentes na assembleia mas já manifestado antes, para um acompanhamento espiritual oferecido aos sócios.

- a associação pede que seja indicado um coirmão guanelliano para este fim;
- que a formação seja comum para as duas sedes e dada pela mesma pessoa em toda a Itália.

Trago duas observações que surgiram na assembleia.

A primeira se refere à vontade expressa de participar mais ativamente do MLG, enquanto que também isto é considerado motivo formativo e expressão do nosso sentido de pertença à família guanelliana.

A segunda se refere ao temor que foi expresso por alguns membros da Congregação a respeito da nossa atividade: esta, embora considerada positiva em muitos aspectos, é vista como um tirar o espaço dos religiosos no seu papel de colaboradores das missões. Além disso existem queixas a respeito de uma suposta falta de informação para com a Obra das nossas intervenções e de um excesso de poder de decisão.

O nosso agir, demonstrado quer pela vontade de projetar expressa, quer pelos fatos, deveria ser suficiente para tranquilizar quem, da Congregação nutre tais temores.

Pela ASCI don Guanella ONLUS
Presidente GIULIANA ABBATE

9. Brasil: Encontro dos 5 Conselhos provinciais

Num clima de fraternidade, espiritualidade e forte entusiasmo se realizou em São Paulo (Brasil) de 16 a 21 de fevereiro de 2009 o encontro dos 5 Conselhos Latino-americanos da Obra, dois das Filhas de Santa Maria da Providência e três representando as Províncias do Servos da Caridade.

A finalidade do encontro foi de traçar algumas orientações comuns para as realidades guanellianas iberoamericanas a partir da comunhão fraterna e caris-

mática entre as duas congregações da Obra Dom Guanella e desenvolver gradualmente um caminho comum entre as duas realidades e o movimento laical.

Foram tomadas as seguintes decisões concretas:

- Na Casa de Noviciado de Lujan, a partir deste ano, se iniciará no dia 1º de março o pré-noviciado. Foi confirmada para o dia 29 de junho de cada ano a entrada no Noviciado.
- Organizar uma rede entre as escolas guanellianas e elaborar um projeto educativo em nível de América Latina.
- Incentivar a intercomunicação entre os Provinciais, por meio de sites oficiais e com pessoas responsáveis pelos sites.
- Organizar para o ano de 2011 um encontro de Cooperadores em nível de América Latina; para este propósito se pede de organizar ou reorganizar a Associação dos Cooperadores em todas as Províncias.
- Organizar um encontro de juniores e de junioras das nossa duas Congregações no mês de julho de 2010 em Canela.
- Organizar um encontro de formadores do Servos da caridade e das formadoras das Filhas de Santa Maria da Providência em Porto Alegre, alguns dias antes do encontro do juniorado de julho de 2010.
- Encontro na Argentina da equipe juvenil-vocacional iberoamericana para os dias 18-20 de julho de 2009.
- Organizar em 2011 um encontro de Formação Permanente dos Servos da Caridade e das FSMP em nível de América Latina no Paraguai ou no Brasil.

Sábado, dia 21 como conclusão dos trabalhos houve a peregrinação comum ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

10. Abertura da nova atividade

• Thalavadi (India)

O lugar é muito lindo. Altitude em torno de 600 metros. Fica um pouco distante das nossas Comunidades mais próximas: 6 horas de Bangalore e de Cuddalore (se o trânsito o permitir). De Madras são 7 ou 8 horas. Sempre estamos no Tamil Nadu, todavia mais próximos do Estado de Kerala e de Karnataka. Simples a cerimonia, mas bem preparada e bem participada.

Iniciou-se com o corte da fita por parte do Superior Geral e a bênção da casa dada Dom Amalraj, bispo de Ootacamud. Logo após concelebração. Diversos coirmãos nossos estavam presentes juntamente com um bom grupo de sacerdotes diocesanos. O Bispo, em uníssonos com os seus sacerdotes, consideraram-se felizes e agraciados em poder contar com a presença da Congregação a serviço

da Diocese num setor tão delicado como esse de atender os portadores de deficiência física e mental.

O decreto de funcionamento da Casa - por enquanto só residência, sob responsabilidade do Provincial, traz, como data, o dia 26 de maio. Mas as atividades iniciaram-se, oficialmente, em data de 28 de maio.

• **Nova missão no Vietnam**

Com alegria e gratidão, em data de 21 de agosto – após uma longa preparação e discernimento – chegou ao Vietnam o Pe. Felicks Kirupanithi, acompanhado pelo Superior da província, Pe. Luigi de Giambattista.

Com 35 anos de idade, nascido na Índia e ordenado sacerdote em 2006, Pe. Felicks foi vice-diretor do seminário Don Guanella, em Poonamallee, e diretor do Pe. Guanella Rehabilitation Center.

«Toda a Congregação guanelliana recebeu com alegria a notícia do envio do Pe. Felicks ao Vietnam – escreve com alegria o Superior geral da Obra don Guanella, Pe. Alfonso Crippa – para tornar possível uma presença nossa naquela Nação, na qual a fé cristã, mesmo minoritária, é muito viva. Uma vez consolidada a nossa presença nas Filipinas e na Índia, intensificou-se sempre mais o desejo de expandir o nosso carisma de caridade em outras Nações da Ásia, seja para fortalecer o testemunho da Igreja local através de uma atenção e um empenho especial em relação aos mais pobres, seja para enriquecer o próprio carisma nosso com expressões culturais mais universais. Acompanho com muita esperança esta escolha – conclui – a fim de que esta pequenina semente possa desenvolver raízes profundas e desenvolver-se em frondosa árvore de bem».

• **Skawina (Polônia)**

Dia 22 de outubro passado foi inaugurada a Casa Família em Skawina na Polônia que acolherá os órfãos e os menores em situação de risco familiar e social. Para presidir a celebração o Cardeal Estanislau Dziwisz na presença do Superior Provincial, Pe. Pino e Pe. Wladimiro Bogoni, representante da casa geral.

Presentes na inauguração também o Pe. Fábio Lorenzetti, o Pe. Mario Cogliati, o clérigo polonês Jarek Januszewski e o postulante Rocco Saluzzi, o pároco da Igreja Santos Simão e Judas Tadeu, em cujo território foi construída a casa, os párocos e vigários de Skawina, as religiosas, os seminaristas, parentes e amigos, os cônjuges Sofia e Jan Sajdera que doaram o terreno, os arquitetos e a imprensa – administradores, profissionais e operários – que a realizaram.

- **Eluru, Andhra Pradesh - Índia: Novo seminário**

Foi inaugurado no dia 14 de novembro pela tarde em *Eluru, Andhra Pradesh*, o novo seminário da *Obra Dom Guanella*. Presentes o Superior Provincial, Pe. Luigi De Giambattista, o Pe. Piero Lippoli, responsável do Conselho Geral para a Ásia, e o Mons. Prakash Mallavarapu, administrador apostólico da Diocese de Eluru. Os 20 seminaristas foram hospedados precedentemente nos espaços da Guanella Karunalaya, a casa para os órfãos. Considerando o desejo crescente dos jovens da região para frequentar o seminário e cuidar da sua preparação religiosa, a Congregação adquiriu em 2008 um terreno de três acres e meio para nele construir uma pequena casa para destinar ao projeto.

Hoje a estrutura pode hospedar adequadamente uns quarenta jovens.

Para esta ulterior inauguração determinada por numerosas vocações foi grande o nosso obrigado à Providência, que nunca, nestes 5 anos de presença guanelliana na zona deixou de dar sua assistência, e a satisfação para o serviço amável dos coirmãos, que se fizeram querer bem por todos.

11. Aniversários importantes

- **20 anos de presença nas Filipinas**

No âmbito do centenário guanelliano, se festejou, sábado, dia 7 de março em Manila os 20 anos de presença guanelliana nas Filipinas. Os Cooperadores Guanellianos promoveram um jantar de solidariedade no qual distribuíram mais de 450 bilhetes ao custo de mil pesos cada um.

Animação e informação com três horas de filmagens e projeções relativas ao carisma e à missão guanelliana. Estavam presentes mais de 250 pessoas. Entre estas todo o Conselho da Província Divina Providência, o Secretário geral Pe. Piero Lippoli, e todos os coirmãos e as coirmãs que trabalham em Manila, juntamente a um bom número de assistidos excepcionais. Uma manifestação de solidariedade que conseguiu apreço e interesse entre os que se reuniram, muitos dos quais pela primeira vez tiveram oportunidade de conhecer a realidade e o carisma da Obra Don Guanella.

- **25 anos de presença no México**

Concluíram-se os festejos para os 25 anos de presença guanelliana no México. Abertura oficial no dia 12 de novembro com a Santa Missa na casa das

FSMP; sábado, dia 15, dia dedicado à apresentação dos diferentes projetos presentes (Infância, teto fraterno e Centro Comunitário Domenico Frantelizzi). Dia 29 foi dia de debates e aprofundamento concluído com a exibição de grupos musicais. Sexta, dia 5 de dezembro, a celebração para todos os operadores e os voluntários, presidida por S.E. Mons Victor Sánchez, bispo do setor, concelebrado por uns 15 coirmãos guanellianos, entre os quais o secretário geral da Obra o Pe. Piero Lippoli em representância do Conselho Geral, seguida de uma janta comunitária. Sábado, dia 6 de dezembro a Santa Missa para os bemfeitores, presidida pelo P. Cósimo Pedagna, um dos primeiros guanellianos que chegam ao México, por 16 anos empenhado na missão. Domingo, dia 7, a Santa Missa solene, presidida por S.E. Mons. Pierre Christophe, Anúncio Apostólico no México com a participação de todas as realidades guanellianas e as comunidades. A seguir o almoço partilhado, espetáculo e tantas festas.

Uma missão querida por Deus e vivida na oração, lembrando o dia 2 de dezembro de 1983 quando na Igreja do Bom Pastor se celebrava uma Missa de saudação e felicitações pelo P. Pietro Scano e pelo Pe. Giacomo Panaro os primeiros dois coirmãos que estavam partindo.

Chamado que veio de Deus, através da Igreja local; é uma viagem cheia de confiança, porque, como sempre repetia Dom Guanella, «é Deus que faz». «Preparem-se para se imergirem numa grande pobreza que é a condição difundida entre o povo que vocês vão encontrar, mas é também a condição dos amigos de Deus, daqueles que Deus ama» foram as palavras pronunciadas pelo então bispo Dom Carlos Talavera Ramirez na homilia aos dois missionários.

Muitos foram os coirmãos que se uniram na missão e com eles depois, tantos jovens mexicanos, mas também colombianos, que se tornaram seminaristas e depois sacerdotes guanellianos.

«Estamos aqui para dizer obrigado – afirmou o P. Piero – a todos os coirmãos presentes e passados, pela dedicação, o entusiasmo, a tenacidade com que sempre deram o melhor de si mesmos; as autoridades civis que nos ajudaram em momentos difíceis a perceber os lugares para construir as obras para os novos pobres; a tantas pessoas boas que nos estão próximas, com o conselho, com o seu trabalho, muitas vezes voluntário e também com a ajuda econômica. Em fim, um forte agradecimento vai ao povo de Deus que está ao redor de nós, um povo pobre, mas por isto, amigo de Deus e amigo nosso. Talvez os nossos coirmãos chegando aqui pensavam trazer alguma coisa e na verdade alguma coisa trouxeram e deram, mas é muito mais o que eles receberam assim como toda a Congregação de Dom Guanella. E por todos agradecemos ao Pai de Providência. Obrigado, Senhor, porque a tua Providência não faltou nunca nestes 25 anos, ficaste próximo de nós sempre. De qualquer modo a Obra é tua, mesmo através das mãos de todos nós, és sempre tu que fazes».

Os guanellianos estão presentes em São Miguel Teotongo uma das áreas mais pobres da grande Cidade do México com: *uma paróquia* (Corpus Christi),

8 capelas espalhadas na Colônia, o *Teto Fraternal Sagrada Família* para a acolhida e a ocupação diurna de uns vinte idosos; o *centro social beato Luís Guanella* com uma creche para 23 crianças e apoio às mães trabalhadoras; o *centro de promoção humana* com um poli-ambulatório com psicólogo, dentista, serviço de análise, farmácia, oculista, médico de base; o *centro comunitário Domenico Frantellizzi* centro ocupacional para o cuidado e a promoção de 23 jovens (rapazes e moças) com diferentes tipos de deficiência”.

• 50 anos em Perugia Montebello (Itália)

Cumprindo 50 anos de atividades, no dia 20 de junho, o *Centro Sereni de Perugia*. A estrutura, que *acolhe 64 deficientes mentais adultos de forma residencial e 20 em semi-internato*, nasce em 1949, graças à doação, por parte dos cônjuges Sereni, do castelo de S. Elena di Cerqueto, perto de Masciano, gesto que inaugura assim a presença guanelliana na Úmbria.

Palácio de família imerso no verde com numerosos hectares de terreno, que num primeiro momento domou o nome de “Pequeno Cottolengo”, já desde alguns anos era destinado à acolhida de pessoas com deficiência psíquica e motória, em grande parte filhos de camponeses que trabalhavam na propriedade dos Sereni. A colaboração na realidade começara em via experimental em 1946.

O progressivo aumento dos pedidos de acolhida levam à individualização, depois de alguns anos, de *uma ulterior estrutura mais vizinha à cidade, na zona de Montebello*, onde, aos 21 de junho de 1956, Mons. Pietro Parente benze a primeira pedra da nova casa. Ficam em S. Elena os jovens não mais escolarizáveis, enquanto que os outros são transferidos para Montebello.

A idade média dos residentes é de 45-50 anos. «Temos 5, 6 jovens no centro que residiam em S. Elena dos os anos cinquenta», sublinha o Pe. Beppe Frugis, conselheiro e diretor das atividades.

«A fisionomia das duas Casas guanellianas, em cinquenta anos, mudou profundamente. *Modificou-se a estrutura, os usuários e a tipologia reabilitatória, especializando no diagnóstico e cura das pessoas com deficiência cognitiva grave*».

Toda ação educativa e reabilitatória, entendida segundo o Pe. Guanella, como «trabalho de cada dia por todos os dias da vida» é finalizada na Casa Sereni, também segundo a atual orientação das neurociências, à manutenção e à aquisição de estratégias cognitivas que melhoram a qualidade de vida. Por isto o centro oferece serviço médico, de enfermagem, psicológico, social e reabilitatório: fisioterapia, hidroquinesioterapia, logopedia, reabilitação cognitiva, psicomotricidade, música e dançaterapia, por *therapy*.

Para o futuro estão programadas diversas iniciativas: de encontros de caráter histórico e científico – com o envolvimento da Universidade de Peru-

gia – às repetições do espetáculo produzido para o 50º pelos operadores e jovens do Centro. A longo prazo depois a reestruturação de S. Elena com a redistribuição dos hóspedes e a abertura ao feminino, solicitada também pelas autoridades sanitárias, em forma semi-residencial e a conseqüente revisão do projeto educativo.

O programa dos festejos prevê para sábado, 20 de junho, às 17:30 h, a S. Missa de ação de graças, que será presidida por Dom Giuseppe Chiaretti, Arcebispo de Perugia e concelebrada pelos Superiores e coirmãos da Obra Pe. Guanella. Às 19:00 h a saudação das autoridades presentes, entre as quais confirmou a participação também o prefeito de Perugia. Haverá a inauguração da amostra histórico-fotográfica sobre o centro e a exposição dos trabalhos realizados pelos jovens nos laboratórios de artesanato. De noite um refresco para os presentes e o espetáculo “Por 50 anos tivemos sucesso”.

12. A arte de acompanhar no final da existência terrena

Partilhar e relançar o amor e a defesa da vida desde o nascimento até a sua passagem natural, colocar em comum experiências e responsabilidades no acompanhamento espiritual e humano dos doentes terminais, trabalhar em rede com as diferentes realidades que apóiam nestes momentos os familiares dos pacientes: alguns dos objetivos do convênio promovido pela Pia União do Trânsito de São José e realizado em *Buenos Aires de 23 a 25 de outubro*, sob o título “A arte de acompanhar no final da vida”.

Nasce da homônima experiência promovida em Roma em janeiro de 2008.

A “importá-la” para a Argentina foi o Pe. Jorge Dominguez, diretor da Pia União do Trânsito de São José de Buenos Aires, que cuidou da sua organização com a colaboração do pessoal da escola da qual é diretor.

Pensada para os religiosos, religiosas, profissionais da saúde, médicos, enfermeiros, psicólogos, psicopedagogos, docentes, familiares dos pacientes terminais, foi participada por mais de 500 pessoas.

Entre os outros docentes das escolas guanellianas, fiéis de diversas paróquias, o representante do Conselho Geral, o Pe. Carlos Blanchoud, link para a América Latina, o Superior Provincial Pe. Sérgio Rojas Franco, Pe. Jorge Dominguez Vigário Provincial e diretor da Pia União Argentina, Pe. Gustavo De Bonis, Delegado Provincial da Argentina. Pe. José Angel ecônomo provincial da Província Nossa Senhora de Guadalupe e Andrés Tello Corneo da Comissão Episcopal para a Pastoral da Saúde da Conferência Episcopal Argentina.

Entre as palestras propostas, um paralelo entre o paciente terminal e a paixão de Jesus, como falar da morte e de temas difíceis, história e missão da Pia União do Trânsito, a morte a partir da perspectiva de um hospital público, a morte a serviço da vida, dignidade da pessoa humana no final da sua existência.

«Um tema delicadíssimo e atual – sublinhou nas suas conclusões, Pe. Dominguez – para nós ocasião de serviço e oportunidade para amadurecer junto à comunidade e oferecer neste âmbito um testemunho cristão mais autêntico e verdadeiro. Uma coisa é provocar a morte outra é permiti-la. A primeira atitude leva em si a negação da vida, a segunda a aceita no seu fim natural».

No carisma guanelliano o fundador profeticamente expressou precisamente através da Pia União do Trânsito o amor pela vida até o seu fim natural e o implícito respeito e amoroso cuidado com o qual acompanhar o encontro a ela. Viver bem e morrer bem.

Verdade, sinceridade, acompanhamento foram as palavras que apareceram nas diferentes palestras. A força da Verdade e o seu incrível poder de libertação, acompanhado pela caridade; porque a morte não é o fim da vida, mas o encontro com a fonte da mesma; o fim de todo mal, o início de todo bem.

Para expressar com Dom Guanella: «Que doçura morrer no Senhor!».

13. Economia

Em campo econômico-administrativo a Congregação está inserida, infelizmente, na situação de crise mundial, que repercute por todo lugar. O trabalho dos ecônomos neste período se tornou ainda mais difícil e delicado para poder equilibrar as entradas, sempre mais escassas, com o serviço aos nossos pobres sempre mais qualificado e à altura do nosso PEG. Enquanto os recursos na Europa e nos USA se reduzem, no oriente e na África estão em plena expansão numérica quer os coirmãos quer as Obras. A prudência nos impõe muita seriedade e ponderação, embora sempre confiando na Providência como nos foi transmitido pelo Fundador.

Em meio a isto, o ecônomo geral está levando adiante, já faz alguns anos, com a ajuda de técnicos e dos ecônomos provinciais, um Manual administrativo econômico que tenha presente por um lado as exigências gerais e comuns de toda a Congregação e por outro as específicas de cada País. Não foi um trabalho fácil, mas está em bom andamento e aqui será apresentado o esquema definitivo, em boa parte já redigido, nos seus pontos particulares:

CAPÍTULO I
A ADMINISTRAÇÃO

- A. *O tipo de administração.*
- B. *Exigências de autorizações e limites de competências.*

CAPÍTULO II
OS DESTINATÁRIOS DO MANUAL:
AS FIGURAS ENVOLVIDAS NA ADMINISTRAÇÃO DOS BENS

- A. *O religioso e a administração dos bens.*
- B. *O Superior e o seu Conselho.*
- C. *O Ecônomo.*
- D. *As Comunidades com Paróquia anexa.*
- E. *O coordenador leigo da atividade.*
- F. *Os colaboradores leigos na administração.*
- G. *O Representante legal e os seus Procuradores.*
- H. *Formação de preparação para a gestão econômica e administrativa das Casas.*

CAPÍTULO III
BENS EM COMUNHÃO

- A. *A distribuição dos recursos econômicos: contribuições para a Congregação.*
- B. *A celebração das santas missas.*
- C. *A Pia Ppera e a Pia União do Trânsito de São José.*
- D. *Os sufrágios pelos coirmãos e parentes falecidos.*
- E. *Sucessões e doações.*

CAPÍTULO IV
A GESTÃO DO PATRIMÔNIO

- A. *A definição.*
- B. *Bens imóveis.*

- C. *Bens móveis.*
- D. *Segurosi.*
- E. *Fontes e empregos.*

CAPÍTULO V

A GESTÃO DOS RECURSOS HUMANOS

- A. *Premissa.*
- B. *O trabalho subordinado.*
- C. *Outras formas de colaboração.*

CAPÍTULO VI

ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

- A. *A gestão econômica e administrativa.*
- B. *Os dados contábeis.*
- C. *O balanço.*
- D. *Critérios para a redação de um balanço orçamentário.*

CAPÍTULO VII

A NORMATIVA E A SUA APLICAÇÃO

- A. *Texto de lei.*
- B. *Figuras envolvidas.*
- C. *Deveres das casas.*
- D. *Referências para os religiosos.*

CAPÍTULO VIII

ARQUIVOS E INSTRUÇÕES

- A. *O arquivo econômico e administrativo.*
- B. *Instruções no âmbito econômico e administrativo.*



DECRETOS

1. ALIENAZIONE DI IMMOBILI DEL PATRIMONIO STABILE DELLA CONGREGAZIONE

Prot. n. 12/02-09

Ai Rev.di
Superiori di Provincia e Delegazione
LORO SEDI

Ai Rev.di
Economisti di Provincia e Delegazione
LORO SEDI

Il Superiore generale, nella sua facoltà di sospendere o modificare alcune norme dei Regolamenti (cfr. Reg. n. 284/2),

- viste le necessità della Congregazione,
- per assicurare un adeguato aiuto alle nostre Comunità in terra di missione,
- per appoggiare, sia pur con la dovuta prudenza, l'espansione della Congregazione in Nazioni di recente approdo della nostra Opera,

nell'intento di favorire la comunione dei beni, raccomandata dai nn. 144 e 145 delle Costituzioni e ribadita dal XVIII Capitolo generale al n. 53, avuto il voto positivo e unanime dei suoi consiglieri,

dispone

che dal 1° gennaio 2009, anche tutte le vendite di immobili che fanno parte del patrimonio stabile della Congregazione siano gravate dall'onere del versamento

- del 10% alla Curia generalizia e del 10% alla Curia provincializia, se il ricavato della vendita dell'immobile è destinato ad una Casa,
- del 20% alla Curia generalizia, se il ricavato della vendita dell'immobile è destinato alla Provincia.

Spetterà al prossimo Capitolo generale, come prescrivono i nostri Regolamenti, confermare o abrogare questa determinazione.

Con l'occasione porgiamo cordiali saluti.

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore generale

Don PIERO LIPPOLI
Segretario generale

Roma, 7 febbraio 2009

2. ERECTION OF A NEW RELIGIOUS HOUSE AT THALAVADI (T.N. - India)

Prot. n. 34/05-09

To the Rev. Superior
Fr. Luigi De Giambattista
and his Council
Divine Providence Province
29, James Street
POONAMALLEE - CHENNAI

The Superior general, after some discussions about this new activity in different council meetings, after received your request to open new activity, at the 28th - 29th of April 2009 meeting, received the positive vote of his Councillors

Erects

as Religious House the Community of NAZARETH ILLAM, Guanella Nagar - Talavadi - 638461 - Erode DS. (Tamil Nadu) - Ootacamund Diocese.

The community is officially open on May 28th, with the blessing of the House by the Most Rev. Mons. A. Amalraj, Bishop of Ootacamund.

This new community for now is a RESIDENCE only, under the responsibility of the Provincial Superior.

Wishing that this new mission, according to the Charism of our Founder, be always a good witness of charity, enthusiasm and commitment to the poor, we assure our remembrance to the Lord and to Mary Mother of Divine Providence.

Fr. ALFONSO CRIPPA
Superior general

Fr. PIERO LIPPOLI
General Secretary

Bangalore, 26.05.2009, Anniversary of the Ordination of our Founder

3. DIMISSIONE DALLA CONGREGAZIONE

Prot. n. 54/07-09

I, the undersigned, Fr. Alfonso Crippa, Superior general of the Congregation Servants of Charity - Opera Don Guanella, with the unanimous consent of my Counsellors, obtained at the meeting of the General Council, which took place on 06-08 July 2009, having observed all the required norms of canon 696, §1 and 699 of the CIC, of n. 236 of our Regulations, with this decree DISMISS

Fr. Bilanvindira Panneer Raja

Priest and member of the Divine Providence Province, from the Servants of Charity Congregation, *for formal disobedience*. On 07.02.2009, I sent him the letter “in virtute Sanctae Obedientiae” to live India and to come to Rome in the Generalate: no replay from him; after more than one month, on 21.03.2009, I sent him the first canonical warning: no replay; after once again more than one month, on 5.05. 2009 I sent him the second canonical warning: no replay.

So, from these situations and from the study of the documents it is clearly established that he, despite the warnings issued by the Superior general, *has not repented and continues in his sinful situation*.

I remind him finally that he has the right to have recourse to the Apostolic See, within 10 (ten) days of having received this decree, and that during the appeal the juridical power of the decree is suspended.

Fr. ALFONSO CRIPPA
Superior general

Fr. PIERO LIPPOLI
General Secretary

Rome, 11.07.2009

4. CHIUSURA DELLA COMUNITÀ DI COYHAIQUE (Chile)

Prot. n. 56/07-09

Rev. Superiore provinciale
P. Sergio Rojas e Consiglio
Provincia Cruz del Sur
BUENOS AIRES

e P. C.

A S.E.R
Mons. Luis Infanti Della Mora
Vicariato di Aisen
COYHAIQUE

Il Superiore generale, avendo ricevuto richiesta formale da parte del Vs. Consiglio provinciale, confermata con lettera a firma del Segretario provinciale, P. Gustavo De Bonis, datata 18 luglio 2009, avendo avuto il voto positivo del suo Consiglio, **delibera di chiudere la Comunità di Coyhaique.**

Le strutture e i terreni, che nella divisione con il Vicariato risultano di proprietà dei Servi della Carità, permangono di proprietà della nostra Congregazione, anche se dati in comodato ai Cooperatori.

Onde venire incontro alle esigenze pastorali del Popolo di Dio e a conforto e accompagnamento delle altre due componenti della Famiglia Guanelliana (le Figlie di S. Maria della Provvidenza e i Cooperatori), P. FRANCESCO BELOTTI rimarrà in loco, con impegni pastorali, fin quando se la sentirà. Dipenderà religiosamente dal Padre Delegato per il Chile.

Il ringraziamento a tutti i confratelli, che per tanti anni hanno speso le loro migliori energie in questo campo di apostolato guanelliano, è avvalorato dalle

nostre fraterne preghiere, affinché il Signore li ricompensi con il premio dovuto ai suoi servi fedeli.

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore generale

DON PIERO LIPPOLI
Segretario generale

Roma, 27 luglio 2009

5. EREZIONE GIURIDICA DI CASA RELIGIOSA A SKAWINA (Polonia)

Prot. n. 60/09-09

Al Rev.do Superiore provinciale
Don Pino Venerito
e Consiglio
Via Aurelia Antica, 446
ROMA

Il Superiore generale, nella riunione di Consiglio dell'8-10 settembre 2009 letta lo Vs. cortese richiesta, datata 8 settembre 2009, prot. 100/09/09, di erigere giuridicamente una nuova Casa religiosa che ospiterà la Comunità religiosa, e un'opera per minori bisognosi, avuto il parere positivo del suo Consiglio,

decreta

l'erezione della nuova Casa religiosa, situata a 32-050 Skawina (Cracovia-Polonia), in Via Lesna, 5, con il titolo di «*Maria Madre della Divina Provvidenza*».

Per intanto la Casa funzionerà come Residenza, dipendente dal Superiore provinciale.

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore generale

DON PIERO LIPPOLI
Segretario generale

Roma, 15 settembre 2009, Memoria di Maria SS. Addolorata

6. EREZIONE DI CASA DI NOVIZIATO

Prot. n. 61/09-09

Al Rev.do Superiore provinciale
Don Pino Venerito
e Consiglio
Via Aurelia Antica, 446
ROMA

Il Superiore generale, nella riunione di Consiglio dell'8-10 settembre 2009 letta la Vs. cortese richiesta, datata 8 settembre 2009, prot. 100/09-09, di erigere giuridicamente, anche se solo temporaneamente, una Sede di Noviziato, avuto il parere positivo del suo Consiglio, **decreta l'erezione a Noviziato della Casa di Accoglienza Vocazionale e Pastorale "Beato Luigi Guanella**, situata a 70124 - Bari, in Via Matteo Calvario, 1.

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore generale

Don PIERO LIPPOLI
Segretario generale

Roma, 15 settembre 2009, Memoria di Maria SS. Addolorata

7. NOMINE

• Prot. n. 3 del 17 gennaio 2009

- Pe. Flávio Demoliner, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré no Rio de Janeiro - RJ
- Pe. Antônio Francisco de Melo Viana, pároco da Paróquia Santa Terezinha, em Sta Terezinha de Itaipu - PR
- Pe. Gelsi Fiorentin, pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Piraquara - PR
- Pe. Amélio Parini, pároco da Paróquia São José do Patrocínio em Santa Maria - RS

- Pe. Antônio Francisco de Melo Viana, superior da Comunidade de Santa Terezinha de Itaipu - PR
 - Pe. Odair Danieli, superior das duas residências (Água Boa - Canarana) em Água Boa - MT
 - Pe. Adelmo Luiz Maldaner, superior da Comunidade do Patronato Santo Antônio em Carazinho
- **Prot. n. 4 del 17 gennaio 2009**
 - P. Agustín Urra Carvajal, Parroco della Parroquia Tránsito de San José, a Renca, Chile
 - P. César E. Mendoza Otazú, superiore della Comunidad de Caaguazú, Paraguay
- **Prot. n. 27 del 21 aprile 2009**
 - P. Valdemar Pereira, Consigliere provinciale della Provincia Santa Cruz
- **Prot. n. 36 del 5 giugno 2009**
 - Don Giuseppe Minuzzo, superiore della Comunità di Nuova Olonio
 - Don Davide Patuelli, superiore della Comunità di Gozzano-Cerano
 - Don Bruno Capparoni, superiore della Comunità di Campodolcino-Gallivaggio
 - Don Tonino Gridelli, superiore della Comunità di Caidate
 - P. Kelechi Maduforo, superiore della Comunità di Abor
 - P. Giancarlo Frigerio, superiore delle Comunità di Kinshasa
 - P. Bernardin Mbaya, superiore della Comunità di Ibadan
 - P. François Mpunga, padre maestro a Nnebukwu
 - P. Kelechi Maduforo, consigliere/economista Delegazione “Nostra Signora della Speranza”
 - Fratello Franco Lain, segretario della Delegazione “Nostra Signora della Speranza”
- **Prot. n. 47 del 10 luglio 2009**
 - P. Sepulveda, Amministratore Parrocchiale a Parrocchia del Transito Buenos Aires

- **Prot. n. 51 del 10 luglio 2009**
 - Don Silvio Sperotto, 1° Consigliere nel Seminario Teologico di Roma

- **Prot. n. 52 dell'11 luglio 2009**
 - P. Andres Garcia, superiore a Palencia
 - P. Carlos Staper, superiore e parroco a Messico City

- **Prot. n. 57 del 29 luglio 2009**
 - Don Umberto Brugnoli, assistente generale dei Cooperatori

- **Prot. n. 58 dell'11 settembre 2009**
 - P. Andres Garcia, Legale Rappresentante in Spagna

- **Prot. n. 62 del 15 settembre 2009**
 - Don Aldo Recco, Padre Maestro a Bari

- **Prot. n. 75 del 2 novembre 2009**
 - Don Remigio Oprandi, superiore ad interim della Casa di Gino

- **Prot. n. 78 del 4 novembre 2009**
 - Riconferma del Consiglio provinciale della Provincia Sacro Cuore

- **Prot. n. 79 del 4 novembre 2009**
 - Don Gabriele Mortin, IV Consigliere provinciale

- **Prot. n. 82 del 12 novembre 2009**
 - Don Nino Minetti, superiore della Provincia Romana S. Giuseppe

- **Prot. n. 83 del 12 novembre 2009**
 - Don Aldo Mosca, consigliere della Provincia Romana S. Giuseppe

- **Prot. n. 84 del 12 novembre 2009**
 - Don Matteo Rinaldi, consigliere della Provincia Romana S. Giuseppe

- **Prot. n. 85 del 12 novembre 2009**
 - Don Nico Rutigliano, consigliere della Provincia Romana S. Giuseppe

- **Prot. n. 86 del 12 novembre 2009**
 - Don Fabio Lorenzetti, consigliere della Provincia Romana S. Giuseppe

- **Prot. n. 93 dell'11 dicembre 2009**
 - Conferma del Consiglio della Delegazione Nostra Signora della Speranza

- **Prot. n. 95 del 12 dicembre 2009**
 - Don Flavio Demoliner, parroco a Piraquara (Brasile)
 - Don Alcides Vergutz, parroco a Anchieta (Brasile)

- **Prot. n. 96 del 14 dicembre 2009**
 - P. Sergio Rojas, superiore della Provincia Cruz del Sur

- **Prot. n. 97 del 14 dicembre 2009**
 - P. Nelson Jerez, vicario e 1° consigliere della Provincia Cruz del Sur

- **Prot. n. 98 del 14 dicembre 2009**
 - P. Gustavo De Bonis, 2° consigliere della Provincia Cruz del Sur

- **Prot. n. 99 del 14 dicembre 2009**
 - P. Eladio Adorno, 3° consigliere della Provincia Cruz del Sur

- **Prot. n. 100 del 14 dicembre 2009**
 - P. Hernan Latin, 4° consigliere della Provincia Cruz del Sur

- **Prot. n. 106 del 22 dicembre 2009**
 - Don Cosimo Schiavone, economo della Provincia Romana San Giuseppe

8. PASSAGGIO DI PROVINCIA

- **Prot. n. 2 del 14 gennaio 2009**
 - Don Giuseppe Giannini, dalla Provincia Cruz del Sur alla Provincia Sacro Cuore

- **Prot. n. 10 del 6 febbraio 2009**
 - Fr. B. Panneer, dalla Divine Providence Province alla Curia generalizia

- **Prot. n. 14 del 21 febbraio 2009**
 - Don Abbondio Fumagalli, dalla Provincia Cruz del Sur alla Provincia Sacro Cuore

- **Prot. n. 33 del 26 maggio 2009**
 - Fr. Roosevelt, dalla Divine Providence Province alla Provincia S. Cuore

- **Prot. n. 92 dell'11 dicembre 2009**
 - Don Peppino Maffioli, dalla Provincia S. Cuore alla Curia generalizia

- **Prot. n. 94 dell'11 dicembre 2009**

- P. Edgar Morales, dalla Provincia N. S. di Guadalupe alla Provincia Cruz del Sur

9. USCITE - ESCLAUSTRAZIONI - PERMESSI

PASSAGGIO AD ALTRE CONGREGAZIONI

- **Prot. n. 30 del 26 aprile 2009**

- P. Victor Troncoso, alla Congregazione H.nos Francescanos di Spagna

- **Prot. n. 41 del 16 giugno 2009**

- Bro. Fr. Arockiasamy Antony Samy, all'Opera Famiglia di Nazareth in Italia

ASSENZA CON PERMESSO

- Navarro Leon David (Cruz del Sur) il 1° gennaio 2009
- Protasoni Fr. Eugenio (Sacro Cuore) il 13 gennaio 2009
- P. Hugo Ramon Julian Balcazar (Cruz del Sur) il 10 luglio 2009
- Fuentes Gonzales Don Gabriel (Cruz del Sur) il 20 dicembre 2009

HANNO LASCIATO DEFINITIVAMENTE LA CONGREGAZIONE

- Gustavo Caceres Quintero - Novizio (N.S. de Guadalupe) da Lujan il 14 febbraio 09
- Gayila Eleuthere - Novizio (Delegazione N.S. della Speranza) il 1° aprile 2009
- Ortega Ramon Lorenzo - Prof. temporaneo (Cruz del Sur) l'11 maggio 2009
- Pushpanathan Christraj - Novizio (Divine Providence Province) il 24 maggio 2009

- Moluanton Nenyimi Steve - Prof. temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 19 giugno 2009
- Monsengo Beno Richard - Prof. temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 1° luglio 2009
- Aguilar Sanchez Emmanuel - Novizio (N.S. di Guadalupe) il 28 agosto 2009
- Fernandez Ruiz Diaz Ch. Alcides Ruben - Novizio (Cruz del Sur) il 10 settembre 2009
- Vincent Arockia Prabu - Novizio (Divine Providence Province) il 7 novembre 2009
- Iorwa Aondoaseer Joseph - Prof. temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 7 ottobre 2009
- Kajo Tarnongu Christopher - Prof. Temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 7 ottobre 2009
- Kalumba Ngadi Reagan - Prof. Temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 7 ottobre 2009
- Lema Kiese Claver - Prof. Temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 7 ottobre 2009
- Nzambisa Mandongo Thomas - Prof. Temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 7 ottobre 2009
- Obidike Uzoma Paul - Prof. temporaneo (Delegazione N.S. della Speranza) il 7 ottobre 2009

DOCUMENTOS

1. A vocação e a formação do leigo cristão guanelliano

A experiência guanelliana é... no serviço aos marginalizados, aos rejeitados, sem cálculos e sem reservas, mas com projetos almejados e consciência da proposta educativa e do seu horizonte teleológico e metafísico de Vittore Mariani, Presidente nacional M L G

O tema inerente ao leigo cristão coloca uma série de perguntas bem claras:

- Qual é a vocação e a missão do leigo cristão?
- Como se traduz no contexto hodierno?
- Quais são os perigos para o fiel leigo?
- Existe uma peculiaridade do leigo guanelliano?
- O que quer dizer fazer parte do Movimento Laical Guanelliano?
- Quais são os itinerários formativos possíveis?

Por necessidade, brevemente, procurarei responder, não com a pretensão de ser exaustivo ou de querer impor raciocínios, mas somente com o desejo de abrir um espaço de reflexão propedêutico para aprofundamentos, discussões, desenvolvimentos.

A vocação e a missão do leigo cristão

A Igreja encara construtivamente e com uma explícita visão positiva a questão da vocação e da missão do fiel leigo cristão pela primeira vez durante o Concílio Vaticano II e precisamente na Constituição dogmática sobre a Igreja “*Lumen Gentium*” (21 em novembro de 1964) no nº 31: «Por vocação é próprio dos leigos buscar o Reino de Deus tratando das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus.

Vivem no século, isto é implicados em todos os diversos deveres e trabalhos do mundo e nas ordinárias condições da vida familiar e social, das quais a sua existência é como que tecida. Aí são chamados por Deus para contribuir, quase que a partir de dentro como o fermento, para a santificação do mundo exercitando o próprio dever sob a direção do espírito evangélico, e deste modo manifestando Cristo aos outros, principalmente com o testemunho da sua própria vida e com o fulgor da sua fé, da sua esperança e caridade. A eles, particularmente cabe iluminar e ordenar todas as coisas temporais, à quais estão estritamente unidos, de modo que sejam feitas e cresçam constantemente segundo o Cristo e sejam de louvor ao Criador e Redentor».

A exortação apostólica do Papa João Paulo II “*Christifideles laici*” (30 de dezembro de 1988) em continuidade com isso, confirma, aprofunda e detalha as afirmações do Concílio.

O Cristão leigo não se santifica não obstante o mundo, mas no mundo, consciente da sua missão evangélica e do seu confortante e maravilhoso destino escatológico, e portanto não do mundo.

A família, a atividade profissional, o compromisso cultural, social e político, os hobbies, etc. são os lugares da santificação, onde o cristão é chamado originalmente, de maneira única e irrepetível, com criatividade, competência, dedicação, consciência, discernimento, prudência, coragem, bondade, estupor, alegria e esperança a ser testemunha de Cristo ressuscitado.

O Papa Bento XVI também reafirma na Encíclica “*Deus caritas est*” no n. 29 (onde cita a “*Christifideles laici*”): «O dever imediato de agir para uma justa ordem na sociedade é próprio dos fiéis leigos. Como cidadãos do Estado, eles são chamados a participar em primeira pessoa da vida pública. Não podem, portanto, abdicar à “múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover organicamente e institucionalmente o bem comum”. Missão dos fiéis leigos é, portanto, a de configurar retamente a vida social, respeitando a sua legítima autonomia e cooperando com os outros cidadãos segundo as respectivas competências e sob a própria responsabilidade. Ainda que as expressões específicas da caridade não possam se confundir com a atividade do Estado, permanece todavia verdadeiro que a caridade deve animar toda e existência dos fiéis leigos e portanto também a sua atividade política, vivida como “caridade social”».

Testemunhas no contexto hodierno

O contexto hodierno se apresenta como particularmente problemático pelos influxos do individualismo, do consumismo, do secularismo, do cientificismo e do relativismo, todos fenômenos de origem iluminista.

Deriva daí uma renovada modalidade de presença e de participação nas realidades temporais do cristão leigo para contribuir para a edificação da cidade do homem, sabendo conjugar a evangelização e a promoção humana.

Para conseguir, de fato, colaborar com os homens de boa vontade na busca dinâmica e perene do bem comum não basta mais boa vontade, generosidade, competência, busca de diálogo e mediação, tolerância, solidariedade e perdão, todas características (e poderíamos acrescentar outras) necessárias, mas não mais suficientes hoje.

Estamos num tempo caracterizado por novas e escusas modalidades de envolvimento em experiências de pecado, por inovadoras re-edições do mal, não facilmente perceptível, fascinante e aparentemente inofensiva, mas pelas consequências devastadoras para pessoas e comunidades e que poderíamos sintetizar com alguns slogans contemporâneos de segura e imediata tomada: o livre desenvolvimento da personalidade, o indivíduo e as suas necessidades, o *carpe diem*, as sempre maiores e contínuas possibilidades da ciência e da técnica, a satisfação dos desejos e dos instintos, a exigência não suprimível de autodeterminação, a primazia do bem-estar material e sexual, o alcance do sucessivo, a nova era, etc. a sua exaltação, também através da grande caixa de ressonância dos *mass media* coincide com a destruição da possibilidade de promoção integral da pessoa e das realidades comunitárias. Impõem-se sutilmente mas poderosamente o *solipsismo* e a utilização dos outros como meios para a própria realização individual.

Dever-se-ia fazer o povo exclamar “Que lindo!” e ao invés explodem a solididade, a depressão, a ânsia, a angústia, a desesperação, a raiva, a agressividade, a destruição, o rancor, a vingança. O ser humano do pós-moderno está sempre mais inclinado sobre si mesmo, num devastador impulso centrípeto, que coloca barreiras e fecha as relações de valor e afetivamente significativas com os outros.

O outro, irreconhecível, pode se tornar somente um obstáculo para o próprio caminho, um acessório a ser manipulado, um peso a ser eliminado, um peso inútil do qual se desfazer. As traduções na cotidianidade, muitas vezes, também, com justificação de vários tipos, são trágicas e perpetradas de maneira mais ou menos evidente, como por exemplo: abandono, marginalização, violência, aborto, eutanásia.

Por isso à condição de leigo cristão hoje incindivelmente «está conexas a importância de amadurecer na fé e também a capacidade de profunda análise crítica e de busca de critérios interpretativos das realidades temporais para elaborar e realizar respostas inteligentes aos problemas da humanidade e da cotidianidade, respostas cristãmente fundamentadas contendo o discernimento em mérito ao bem e ao mal e eficazes. Assim se pode exercitar uma caridade não ingênua, longe da instrumentalização.

Não podemos esconder a nós mesmos que tal maturação prossegue por todo o caminho da vida, sem manias de perfeição que não pertencem à condição terrena mas também sem render-se diante das dificuldades da vida sem se deixar envolver pelas sugestivas e fascinantes propostas mundanas».

É preciso, portanto, também, um olhar político planetário, além de não saber passar além do próprio nariz, a atenção constante para discernir entre o bem e o mal, ação não fácil mas que não se pode derrogar, e sobretudo «partir de uma razão aberta ao transcendente, de caminhos de busca num confronto estimulante entre fé e razão, pela questão do verdadeiro e do bem (substituída, hoje, pela questão do realizável), no horizonte de uma racionalidade diferente daquela hoje, amplamente dominante, segundo uma razão aberta a Deus».

Os perigos para o fiel leigo

Os perigos de consequência para o cristão e sobretudo, dada a sua condição peculiar, para o fiel leigo são muitos e exponho em síntese somente alguns:

- dizer de acreditar, mas viver como se Deus não existisse, isto é, o ateísmo prático;
- assumir compromissos torpes em nome da presumida necessidade de construir a todo custo pontes para se unir aos outros;
- permitir o predomínio na própria existência dos instintos, sempre envolventes se não forem governados pela razão à luz da fé, pelos afetos, confundidos com o exercício da caridade, pelos quais justificar também o mal;
- renunciar à educação da razão e se deixar levar pela inércia, pela preguiça, vida mansa e comodismo, pela cultura dominante burguesa e pelos seus propositores espertalhões;
- colocar diante do testemunho da caridade a própria e individual realização material, caindo no carreirismo (que não condiz com o querer se colocar à disposição da sociedade os dons e as capacidades adquiridas);
- sacrificar também a família pelo próprio sucesso pessoal;
- esquecer que os bens possuídos devem ser partilhados e colocados a serviço, especialmente das pessoas necessitadas e não para acumular e para curtir como marajás, sozinhos ou com poucos e felizes capachos;
- achar sempre autojustificações para iludir o possível reconhecimento de mal-feitos e imposições;
- camuflar as crises relacionais e familiares, a incapacidade e a confusão educativa com problemas pessoais a serem resolvidos com patologizações desviantes dos mais frágeis (que se tornam bodes expiatórios) e recursos a psicoterapias e psicofármacos e relativos grandes danos.

A complexidade não pode ser enfrentada por ingênuos ou por iludidos.

É preciso se equipar e ajudar os outros a se equiparem para serem lúcidos, conscientes, perspicazes, atentos, prontos, isto é, sentinelas na noite.

Os leigos cristãos guanellianos

Os leigos cristãos guanellianos, isto é, aqueles que querem se inspirar, na enriquecedora variedade de formas, ao carisma do Bem-aventurado Luís Guanella, que estão próximos das comunidade religiosas guanellianas, que partilham com os religiosos e religiosas os serviços aos últimos, que tiveram uma formação inspirada no fundador e uma educação a viver de forma guanelliana a caridade, são também chamados, antes de tudo e através de um gradual caminho experiencial e motivacional, a se tornarem cristãos leigos a todos os efeitos.

Podem se aproximar nos mais variados modos da Obra Dom Guanella, que os acolhe e é chamada a educá-los e introduzi-los no espírito e na vida guanelliana.

Entram a fazer parte da grande família de Dom Guanella e na projetualidade relativa, uma projetualidade dinâmica, criativa, instável, sempre propensa a inovar as modalidades de acompanhamento das pessoas em dificuldade, entrando em contato com acuidade e atenção, acolhendo com empenho e com alegria quem está escondido e abandonado e não tem voz para se fazer ouvir.

A experiência guanelliana é, sobretudo, nos lugares de miséria moral e material, psíquica e corporal, existencial e cotidiana. É no serviço aos marginalizados, aos rejeitados, sem cálculos e sem reservas, mas com projetos almeçados e consciência da proposta educativa e do seu horizonte teleológico e metafísico.

Dom Guanella mesmo nos lembra, além da embora elogiável, mas redutiva filantropia, à base do slogan “Pão e Senhor” que «o cuidado dos corpos deve servir para penetrar na alma dos assistidos; pelo simples cuidado dos corpos podiam bastar também os assistidos leigos. Nós Servos da Caridade, deveríamos chegar a tomar posse dos corações dos assistidos para fazer com que eles amassem a Deus e a torná-los bons e obedientes. Todas as outras tarefas a serem feitas na Casa são coordenadas e tem como fim a santificação dos membros das suas Congregações e a salvação dos assistidos».

Trata-se de uma resposta completa, para a real promoção integral da pessoa, respondendo às verdadeiras exigências do homem; e outras tantas de formidável atualidade no tempo não somente das dificuldades físicas e materiais, mas também de desconforto existencial, de precariedade e de fragilidade.

A peculiaridade guanelliana do estar ao lado e acompanhar no caminho da vida as pessoas em dificuldade está na opção da relação educativa de ajuda, na esperança educativa sempre, em cada condição e idade da vida, numa aproximação pedagógica nos diferentes serviços à pessoa, embora considerando também os aspectos assistenciais e sanitários.

O educativo permite construir e preparar contextos em que a pessoa possa se sentir acolhida, em que possa ser compreendida na sua globalidade, em que se possam perceber as potencialidades que certamente possui, para garantir comunitariamente o seu projeto de vida.

Qual é o estilo educativo, quais as qualidades pedagógicas do leigo guanelliano?

Eis as características principais: *fé na dignidade da pessoa e na sua educabilidade; otimismo realista; simplicidade e sensibilidade; criatividade; empatia e partilha; paciência; equilíbrio e auto-controle; dedicação e doação: espírito de serviço num clima de alegria; humildade e escuta: sentido de (co-)responsabilidade.*

O Movimento Laical Guanelliano (MLG) quer ser um elemento de conexão, de intercâmbio, de partilha, de comunhão, de síntese das várias realidades laicais guanellianas, no respeito pleno dos múltiplos dons guanellianos e da adequada autonomia de cada uma das expressões, de cada grupo e de cada pessoa, para um sempre maior conhecimento recíproco e para reforçar um espírito de pertença na valorização ao mesmo tempo e não em contraposição das diferentes e da única missão. Quer ser também um estímulo para o caminho de cada um dos leigos que se encontrou por acaso ou por opção, ou dizendo melhor providencialmente, na experiência guanelliana, para uma sempre mais plena partilha do carisma e da missão de Dom Guanella, no adequado respeito da situação e dos ritmos de cada um com propostas adequadas, com caminhos possíveis a serem percorridos, com etapas atingíveis, mas certamente com a esperança da santificação.

A formação do leigo guanelliano

Aceno por fim à possível formação do leigo guanelliano.

Devemos distinguir entre formação e educação do leigo guanelliano.

Formação é forjar a pessoa para que possa escolher de encarnar conscientemente e originalmente uma proposta.

Formação significa, antes de tudo, propor caminhos comunitários qualificados de conhecimento, de aprofundamento da vida, do pensamento e das obras do fundador, das figuras que com ele colaboraram na missão, e colher os ensinamentos de valores, ideais, missionários a serem traduzidos na nossa vida e nos nossos projetos hodiernos.

Formação quer dizer também estudar juntos e discutir, para se tornar sempre mais dinâmicos, os documentos basilares e oficiais da Obra Dom Guanella que atualizam as intuições pedagógicas do fundador, sobretudo o “Documento Base para Projetos educativos guanellianos” (melhor conhecido como PEG) e “Com fé, amor e competência. Perfil do operador guanelliano”.

Podem-se pensar em iniciativas locais ou também em nível provincial, como por exemplo já atuada há tempo, profícua e ainda hoje, acontecendo, a Escola ao Carisma, que sempre, por exemplo, na Província Sagrado Coração, já chegou ao segundo ano do segundo ciclo trienal, com notável e ativa participação.

Formação é também preparar e atualizar os operadores que colaboram nas obras de caridade guanellianas com cursos dentro das Casas, Provinciais ou In-

terprovinciais, em diferentes níveis e com várias modalidades, com a finalidade de desenvolver competências profissionais antropológicamente fundamentadas.

Formação é ainda, sempre com exemplos, dar cursos para os voluntários para evitar um serviço improvisado e meramente filantrópico; portanto substancialmente ineficazes, dadas as finalidades da Obra Dom Guanella.

E existe ainda a educação a viver com o estilo guanelliano. Os primeiros educadores eram religiosos e religiosas de Dom Guanella, mas também leigos guanellianos de longa caminhada, antes de tudo, com o exemplo de vida e com a conexa acolhida, apresentada no sistema preventivo: «Chama-se sistema preventivo de educação aquele método de caridade pelo qual os superiores circundam de afeto paterno os seus dependentes e os seus irmãos, envolvem de solicitude os próprios irmãos para que, nos trabalhos do dia, ninguém tropece em nenhum tipo de mal e no caminho da vida todos cheguem à meta feliz».

Educam-se os leigos que colaboram através também da impoção de contextos prontos para um serviço eficiente e eficaz, favorecendo preciosos hábitos caritativos. É oportuno «cultivar as sinergias e isto concretamente se realiza graças ao trabalho de equipe, um trabalho num *team* bem estruturado e organizado, com papéis claros, ligações funcionais, comunicação constante, cotidiana, periódicas reuniões, que conduzem, no seu desenvolver-se, ao coração das questões nodais numa lógica projetual».

Assim podem-se educar as pessoas em dificuldade (desabais, menores, idosos etc.) que usufruem do serviço e que vivem experiências nas comunidades guanellianas.

Assim se busca de ativar o clima de benevolência querido por Dom Guanella: «A benevolência de família é um verdadeiro sistema de prevenção. O coração precisa de benevolência como o estômago do alimento. É qualidade e sobrenatural, que consiste em mostrar todo o afeto de um coração bom que se dedica ao amor de Deus e em aliviar os irmãos mais sofredores».

Promova-se a auto-educação permanente do leigo guanelliano, exercitada dentro e fora do mundo guanelliano, vinte e quatro horas sobre vinte e quatro, trezentos e sessenta e cinco dias do ano.

Dr. VITORRE MARIANI
Presidente do MLG Italiano

2. A carta de apresentação do Documento MLG: "Fazer da Caridade o coração do mundo"

É com grande alegria e gratidão ao Senhor que apresentamos à Família Guanelliana este Documento sobre o Movimento Laical Guanelliano, conscien-

tes de que o laicato representa para nós um dom da sua misericórdia que torna mais fecunda e atual a nossa missão de caridade.

O Documento é fruto de um longo itinerário de reflexão partilhado pelas Congregações das Filhas de Santa Maria da Providência e dos Servos da Caridade, pelos Cooperadores Guanellianos e pelo Conselho Nacional do MLG italiano.

Exprimimos um *muito obrigado* a todos aqueles que colaboraram com a sua redação, de forma definitiva, como conclusão dos passos feitos a partir do I Convênio Nacional dos Grupos Laicais Guanellianos italianos realizado em Roma em 2001. Este texto é a expressão da multiforme experiência de colaboração e de comunhão efetiva, vivida nestes oitos anos da nossa história, enriquecida também pelo aporte de novas culturas e de novas sensibilidades eclesiais.

À luz das reflexões e questionários feitos nestes últimos tempos, se chegou a exprimir conjuntamente o nosso pensamento sobre a realidade do mundo laical guanelliano, na fidelidade ao Fundador e à Igreja, na qual nos sentimos inseridos com o nosso carisma específico.

Em continuidade com o que foi aprovado nos Capítulos Gerais nos quais, entre outras coisas, se pede: «*de levar em consideração a criação do Movimento Laical Guanelliano... com a finalidade de encorajar e favorecer a partilha do carisma Guanelliano e a comunicação entre os grupos*» (XVII CG SdC, proposições 55 e 56) e «*de acompanhar com atenção o caminho e o desenvolvimento do Movimento Laical Guanelliano*» (XVI CG FSMP) confirmamos com este Documento, o compromisso comum de promover o MLG para coordenar mais eficazmente as várias expressões existentes de colaboração laical e de partilha da espiritualidade e da missão Guanelliana.

Estamos certos de que juntos, religioso/as e leigos saberemos desenvolver melhor as grandes riquezas do nosso carisma, oferecendo à Igreja e ao mundo um testemunho de comunhão e de fraternidade, mostrando com alegria e transparência, o Rosto de um Deus que é nosso Pai e chama a todos a fazer parte da sua família.

Fazemos votos que este Documento reforce a identidade de cada vocação, estimule os vários Grupos e as diferentes realidades locais, que pertencem ao MLG, a uma mútua abertura e co-responsabilidade.

Que a estima e o espírito de confiança recíproca animem sempre as nossas relações, de modo que todos possamos gozar da beleza, do calor e da força do “*vínculo da caridade*”.

Em particular, encorajamos os Cooperadores Guanellianos a se tornarem fiéis intérpretes e testemunhas do espírito guanelliano na vocação laical, para que todo o MLG adquira solidez, possa “contagiar” e atrair outros homens e mulheres de boa vontade a serem portadores de amor no mundo.

Que Maria, Mãe da Divina Providência, os Bem-aventurados Luís e Clara, os ‘santos’ da família guanelliana nos acompanhem com a sua intercessão no nosso caminho de fidelidade e de santidade e no compromisso de “*tornar a caridade o coração do mundo*”.

Este é o ensino e a oração com que queremos chegar a todos e a cada um de Vocês, juntamente com as Coirmãs e com os Coirmãos membros dos nossos Conselhos Gerais.

Superiora Geral FSMP
SUOR GIUSTINA VALICENTI

Superior Geral Sdc
P. ALFONSO CRIPPA

Roma, 12 de novembro de 2009, Festa de Nossa Senhora, Mãe da Divina Providência

3. O futuro chama-se comunhão, fraternidade

Na vida comunitária quer dizer relações justas entre autoridade e obediência, superiores e coirmãos (Meditação na VI Consulta Geral dos Servos da Caridade, Guanellianos, 11 de janeiro de 2010)

Leitura

«O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da vida – porque a vida se manifestou e nós vimos e testemunhamos, anunciando-vos a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada – o que vimos e ouvimos, nós também vos anunciamos a fim de que também vós vivaís em comunhão conosco. Ora, nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo» (1 Jo 1, 1-3).

«Não rogo apenas por eles mas por todos aqueles que acreditarem em mim pela sua palavra. Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que eles estejam em nós, e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que tu me deste, a fim de que sejam um como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e o mundo conheça que tu me enviaste e que os amaste, como amaste a mim» (Jo, 20-23),

1) No princípio era a comunhão

A comunhão era no princípio; mas, é também agora e será no final (PC 15), porque a comunhão é o núcleo (o “disco duro”) da revelação e, portanto, da fé e da vivência cristã, como lembrou-nos o PdC 28-32 (cf. VFC 8-10 e passim, VC c. II 41-71, PdC 28-29, FT 18-22). A nossa vida enquanto religiosos não é, portanto, senão uma forma múltipla de viver aquele mistério de comunhão que se

manifesta no nosso viver cotidianamente a vida fraterna. Com efeito, não poucas pesquisas dizem-nos que o elemento mais em dificuldade hoje na Vida Religiosa não é o celibato (o celibato está sempre em dificuldade), mas a fraternidade, a fadiga de viver juntos. Não poucos jovens, por exemplo, vêm para a Vida Religiosa esperando poder encontrar – pelo menos aqui! – uma vida efetivamente fraterna, e não raramente ficam desiludidos com quanto nela encontram concretamente, e quem sabe se no final vão embora precisamente por isto...; e não poucos religiosos adultos e idosos seguem certas vezes adiante, mas já quase resignados a uma experiência fraterna inferior às expectativas sonhadas no noviciado ou nos primeiros anos de Vida Religiosa. Falamos tanto nestes anos de crise da Vida Religiosa e de qual futuro lhe espera: a Vida Religiosa merecerá ter e terá de fato um futuro na medida em que será testemunho de comunhão, de fraternidade evangélica, num mundo imerso no individualismo mas no fundo sedento de humanidade, que quer dizer, fraternidade.

Eis porque sabiamente diz o FT:

«O tempo dedicado a melhorar a qualidade da vida fraterna não é tempo desperdiçado, já que (...) “toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna” [VFC 54]. A tensão para realizar comunidades fraternas não é somente preparação para a missão, mas parte integrante dela, do momento que “a comunhão fraterna, enquanto tal, é já apostolado” [VFC 54]...» (FT 22; cf. VFC 55-57).

O tema da comunhão na vida fraterna, porém, é muitíssimo vasto e certamente dele já falamos e meditamos frequentemente. Aqui gostaria de deter-me somente sobre um elemento que, certamente, condiciona a comunhão: a relação entre coirmãos, concretamente entre a comunidade e quem a preside ou, dito com outras palavras, entre superiores e súditos: palavras em realidade inexatas, porque o único Superior aos outros é Deus, como o único verdadeiro Pai é somente Ele (Mt 23, 8-12), e na comunidade todos são irmãos. Curiosamente, o PC 14c, falando das relações na comunidade, nunca usa a palavra “súditos”, mas antes “irmãos”, os quais sim são filhos, mas “filhos de Deus” (cf. FT 14b).

Digo, como premissa, que quando falarei do superior, referir-me-ei em particular àquele local; mas, obviamente, penso que se possa aplicar, pelo menos em parte, àquele provincial e/ou geral.

2) A comunhão razão de ser do serviço da autoridade e a obediência: indo às raízes

Que coisa encontramos na origem da comunidade religiosa? Uma experiência de sequela de Cristo vivida em comunhão de carisma, vida e missão; em ou-

tras palavras, uma fraternidade carismática, humana e apostólica: a *com-vocação*. Explica-o muito bem o documento VFC:

«Há uma convergência do “sim” a Deus, que une os vários consagrados numa mesma comunidade de vida. Consagrados juntos, unidos no mesmo “sim”, unidos no Espírito Santo, os religiosos descobrem cada dia que seu seguimento de Cristo “obediente, pobre e casto” é vivido na fraternidade, como os discípulos que seguiam a Jesus em seu ministério. Unidos a Cristo e, portanto, chamados a serem unidos entre si. Unidos na missão de opor-se profeticamente à idolatria do poder, do ter e do prazer (cf. RPH 25). Assim a *obediência* liga e une as diversas vontades numa mesma comunidade fraterna dotada de uma missão específica a cumprir na Igreja. A obediência é um “sim” ao plano de Deus que confiou uma tarefa especial a um grupo de pessoas. Comporta uma ligação com a missão, mas também com a comunidade que deve realizar aqui e agora seu serviço; exige também um lúcido olhar de fé sobre os superiores que “desempenham sua tarefa de serviço e de guia” (MR 13) e devem tutelar a conformidade do trabalho apostólico com a missão. E assim em comunhão com eles, se deve realizar a divina vontade, a única que pode salvar» (VFC 44bcd; cf. FT 18a).

Note-se a contínua referência à vontade de Deus, à qual todos, – superiores e coirmãos – estão submetidos, como já fizera o PC 14 (cf. FT 4-12). E, entre outras coisa, diz o VC:

«...Na vida de comunidade, também se deve tornar de algum modo palpável que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, *é espaço teologal*, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado (cf. *Mt* 18,20). Isto verifica-se graças ao amor recíproco de quantos compõem a comunidade: um amor alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, purificado no sacramento da Reconciliação, sustentado pela invocação da unidade, especial dom do Espírito para aqueles que se colocam numa escuta obediente do Evangelho». (VC 42)

Na origem, portanto, da comunidade religiosa há uma *com-vocação* de alguns crentes por parte de Deus, isto é, a chamada a uma comunhão fraterna mais íntima, contínua e visível entre eles; a viverem juntos com outros discípulos de Cristo, segundo um carisma – aquele inspirado por Deus ao Fundador – que encarna e interpreta a vivência da comunhão cristã, acentuando em particular alguns dos seus aspectos.

Desta comunhão (*koinonia*) brota depois um duplo serviço (*diakonia*): 1) para o interior do grupo, isto é, a busca em comum da vontade de Deus e a convivência fraterna; e 2) para o exterior, a missão apostólica específica (cf. VFC 46, 58, VC 46, 72). Esta missão específica, por sua vez, marca o modo de viver a relação fraterna, mas também o celibato, a pobreza, a vida de oração etc. (cf. VFC 43-

46). Tudo vivido numa relação de autoridade-obediência entre os membros da comunidade, como manifestação da obediência de todos a Deus: o Único que merece e pode exigir ser obedecido: “Todos obedecem mesmo ainda que com diversas tarefas” (FT 18b; cf. 4-8). De consequência, autoridade e obediência na vida comunitária tornam-se dois momentos complementares de um processo único de obediência, isto é, de serviço à vontade de Deus. A relação autoridade-obediência em comunidade é, portanto, uma relação de “diaconia” ou “mediação” mútua, a dupla modalidade de uma mesma disposição de obediência com a qual todos os convocados pelo Senhor procuram e levam a cabo o que agrada a Deus.

Seja a autoridade que a obediência são, portanto, serviços em favor da comunhão: uns servem mandando e obedecendo; outros participando no discernimento da vontade de Deus e obedecendo. Cada um é para o outro presença de Deus: quem tem o serviço da autoridade a respeito dos outros coirmãos, os coirmãos a respeito daquele que desenvolve o serviço de presidir a fraternidade; e enfim, entre os próprios coirmãos: «O irmão e a irmã tornam-se de tal modo sacramento de Cristo e do encontro com Deus» (FT 19c).

Em síntese, a resposta de cada um à chamada de Deus (a convocação) cria a comunhão, e a comunhão leva à acolhida e ao serviço mútuo. Confiamos em Deus, na Sua chamada; acreditamos nele. E isto deve levar-nos a confiar nos coirmãos que Ele nos deu. Atrás e através dos seus valores e dos seus limites, humanos e espirituais (cf. VC 92, FT 26-28), está sempre a sombra de Deus para entrever-se na luz ou na neblina do horizonte. A obediência, por parte de todos, é mais questão de confiança que de submissão: espera e busca apaixonada do rosto do Pai na acolhida aberta e esperançosa dos coirmãos. Na obediência evangélica estão, portanto, em jogo a fé, a confiança, a esperança e o amor, a nível tanto humano como sobrenatural.

Eis porque na nossa obediência como religiosos, antes e mais que de *renúncia* à própria vontade – ainda que existirá também esta, como de resto em toda vocação cristã que queira ser coerente (cf. VC 16a, 38b, 87a) –, trata-se antes de enquadrar a obediência num horizonte novo, do qual fazem parte de agora em diante os coirmãos que Deus nos dá, um alargamento, portanto, de nós mesmos até incluir os irmãos de uma maneira que configurará de agora em diante o nosso modo humano e espiritual de pensar e de agir. Não renunciamos a pensar, a procurar, a julgar, a decidir – seria desumano –: a inteligência é um dom de Deus para o bem de nós mesmos e dos outros, um dom para partilhar; renunciamos, sim, a fazer tudo isto sozinhos: é uma renúncia à solidão em favor da comunhão, da fraternidade; mais uma vez encontramos aqui o núcleo da vivência cristã (cf. *I Jo* 1, 1-3). A relação autoridade-obediência no seio da comunidade torna-se uma constante superação da oposição *Eu-Tu*, para colocar-se a nível do *Nós* (cf. VFC 39-42). Cada um deve sentir-se *Nós*; até que não chegamos a isto, não “entramos” ainda a formar parte da comunidade. Deste modo, cada um de nós põe à disposição dos irmãos, para ser participada por ele e em favor de todos e da missão, a sua liber-

dade, a sua autonomia. A vida fraterna torna-se um “obedecer-se um ao outro”; não simplesmente uma obediência a uma categoria de pessoas (aquelas que são autoridade), mas também aos “pares”; eco daquele «sede submissos uns aos outros no temor de Cristo» (*Ef* 5, 21). Bem diverso de reduzir a obediência a um *opcional* – como se diria hoje –, algo de discricionário e facultativo, ligado à personalidade de quem comanda («Se gosto ou não gosto dele...», «Se pensa como eu ou não...», «Se é o meu tipo...») ou à esperteza de quem sabe como “enganar” – em favor do próprio modo de pensar e de agir ou das próprias comodidades – quanto é dito por quem legitimamente preside a comunidade.

O Senhor chama-nos a viver o mistério de Cristo numa comunhão de vida – já dissemos –; por vocação, por dom do Espírito, renunciamos a permanecer sozinhos para obedecer ao Senhor junto com um grupo de coirmãos que nos foram dados por Ele. Isto suporá uma limitação a nível de autonomia pessoal, mas também um enriquecimento a nível humano e espiritual, como também um testemunho profético concreto da comunhão evangélica. De agora em diante, cada um deve contar com os outros, por vontade de Deus. Vontade divina que nos alcançará não através da solidão, mas através da comunhão, da reciprocidade, do diálogo, da solidariedade, numa palavra: da fraternidade.

De consequência, não é exato falar de “mutilação” ou frustração, no caso da eventual renúncia ao próprio parecer para acolher, ao invés, aquele dos irmãos da comunidade; nas, é antes a consequência de como devemos procurar, discernir e viver a vontade de Deus – verdadeira finalidade da nossa vida de crentes –, visto que nos chamou a formar parte de uma fraternidade fundada no Evangelho. Como a vontade de Deus chega ao cônjuge cristão através das exigências da vida de família, assim chega ao religioso através da vida fraterna comunitária. Deus vai alcançado através das mediações (cf. FT 9), em particular da mediação dos irmãos: é o princípio evangélico da encarnação (cf. *Mt* 25, 31-46; *1Jo* 4, 20-21). Os outros não são um freio ou, tanto menos, um distúrbio no meu caminho para Deus (Sartre chamava-o “inferno”), mas antes o meio que o Pai dá-me para caminhar rumo a Ele. O coirmão torna-se parte da minha vida, e a minha vida parte da sua, pertencemo-nos; juntos caminhamos rumo ao Pai; por isso – dizia pouco antes – cada um deve poder dizer: «Eu sou Nós!» (cf. VFC 39-42, VC 91-92).

Em conclusão, a obediência religiosa de todos não é um fato meramente sociológico, organizacional (em vista da pura e simples eficácia na atividade apostólica) ascético ou jurídico, mas profundamente espiritual: um exemplo privilegiado da fraternidade surgida do Evangelho. Se não devemos empobrecer a pobreza religiosa reduzindo-a a questão de dinheiro (ainda que também estes são envolvidos, porque são parte da vida: eu não dou simplesmente a carteira, eu dou toda a minha pessoa!, não partilho os meus intróitos, mas a minha vida!), não devemos nem sequer reduzir a obediência a ascese ou direito, mesmo se suporá também normas e uma dose de ascese: ela é, antes de tudo e sobretudo, um fato teológico fundamental da vivência de todo cristão.

3) O serviço de quem preside a fraternidade

A este ponto, perguntamo-nos qual seja o papel, missão, ministério, serviço específico de quem preside a fraternidade.

A fraternidade para proteger, fomentar, estimular a sua coesão e fidelidade à vocação recebida, escolhe entre os coirmãos um que tenha particular cuidado dela, um que seja, além disso, como o *mediador* entre o conjunto da fraternidade e cada um dos seus componentes, entre a fraternidade local e aquela institucional (provincial, geral), eclesial e social. É verdade que a comunhão e a busca da vontade de Deus são obra de todos e não monopólio de somente alguém; mas, ao superior vem pedido de dedicar-se a ela de modo particular. O superior é por excelência o servidor da comunhão e da busca de Deus (o diácono da koinonia); ou, como diz a FT:

«Enquanto *todos*, na comunidade, são chamados a procurar o que a Deus agrada e a obedecer-lhe, *alguns* são chamados a exercitar (...) a tarefa particular de ser sinal de unidade e guia na busca coral e no cumprimento pessoal e comunitário da vontade de Deus. É este o serviço da autoridade» (FT 1c; cf. VFC 47-53).

Por isso, esta pode ser vista como “serva dos servos de Deus”; e a sua “tarefa primária” será aquela de:

«...construir, junto com seus irmãos e irmãs, “comunidades fraternas nas quais se busque e se ame a Deus antes de tudo”. Por isso, é necessário que seja, antes de tudo, pessoa espiritual, convicta da primazia do espiritual (...). Seu dever prioritário será, portanto, a animação espiritual, comunitária e apostólica de sua comunidade» (VFC 50a; cf. FT 12, 13a, 14, 17b).

Para este fim será importante que o superior, além da *autoridade* (tarefa jurídica), preocupe-se com a sua *respeitabilidade* (realidade moral). Mesmo se – repetimos-lo – a comunhão é obra de todos, e não um fardo para descarregar sobre as costas, certas vezes frágeis, de um só coirmão. Por isso, “colaboração” é o nome novo da obediência, co-responsabilidade (cf. VFC 71a), lavar-se os pés mutuamente. Quando Cristo despediu-se dos seus discípulos, não lhes deixou, como testamento naquela celebração da Quinta-feira Santa, um documento escrito diante do tabelião, nem vestiu os paramentos sacerdotais, mas um avental e uma toalha e lavou os seus pés (cf. *Jo* 13, 1-17; *VC* 75, FT 12b, 17b, 21). Segundo o Mestre e o Senhor (*Jo* 13, 14), tornar-se autoridade na Igreja (e na Vida Religiosa) não significa subir um degrau, mas antes descê-lo, colocar-se aos pés dos outros; não se tornar o chefe da cidade ou o patrão da comunidade, da paróquia..., mas ser o “servo dos servos de Deus”; não “ser servido”, mas “servir” (cf. *Mt* 20, 27-28; 23, 11). Pensar ou comportar-se diversamente, é o que fazem “os governantes das nações”, mas “entre vós não seja assim” (*Mt* 20, 26). Esta é

a verdadeira “grandeza” de quem serve os irmãos: ser imagem do Filho do Homem lavando os pés dos discípulos. Crer-se ou agir de outro modo significa não ter entendido o Evangelho, aliás, trair-lo; crer num outro Deus, mas não naquele de Cristo! O superior é chamado a ser “pontífice”, não no sentido de crer-se acima dos outros e de falar “ex cathedra”, mas no sentido de “construtor de pontes” (*pontes facere*) entre os membros da comunidade (Província ou Congregação), a Igreja e a sociedade.

E é assim que vem pedido ao superior, de modo análogo – não confuso, nem equiparado – àquele dos bispos, de ser mestre de espírito, profeta, instrumento de santificação e de governo, coirmão acompanhante (cf. MR 13, 14c, 26-27, CDC 619, VFC 50, VC 43, 93). Por um lado, é um irmão entre irmãos; por outro, ele representa e está a serviço de quanto Deus, a Igreja e a humanidade, esperam da comunidade. Ele “representa” Deus, não porque seja infalível, perfeito, nas suas decisões humanas concretas (os seus limites são aberta e repetidamente reconhecidos pelo Magistério: VC 92b, FT 10a, 11, 13d, 18a, 21c, 25a, 28, 30a); mas, porque procura fazer o melhor que pode, acompanhando os coirmãos na busca e cumprimento de quanto Deus quer, dentro do âmbito das suas competências e usando os meios (a Palavra de Deus, a Regra e as Constituições, as decisões dos Capítulos, os sinais dos tempos etc.) que a Igreja julgou legítimos. Ele é, portanto, um mediador mediado. No fundo, o que acontece é que todos – como dizíamos antes – confiamos em Deus, o qual age através da fraternidade à qual nos convocou; e por isto confiamos também nos irmãos e naqueles que nos presidem no caminho rumo a Ele.

Em poucas palavras, diante da comunidade não está o superior, mas Cristo, Deus, ao qual cada um e todos juntos procuramos servir. O superior é chamado a ser, no meio dos irmãos, memória, levedo, impulso, encorajamento (cf. PdC 14); não substitui a consciência de ninguém, mas responsabiliza todos; é escuta, serviço, estímulo, portanto, enriquecimento, não coação, não paternalista (FT 14b) porque poderia dar lugar a uma atitude de dependência infantil (cf. FT 20b, 25a).

Resumindo, não existe o superior *e* a comunidade, como se fossem duas realidades diversas ou, pior ainda, contrapostas, as duas margens da “trincheira” comunitária, cada uma pronta com a espada desembainhada na mão. Como não existe um superior sem comunidade, uma espécie de “senador vitalício”, não existe nem uma comunidade *para* o superior. Mas, todos a serviço uns dos outros e, juntos, de Deus.

4) As relações justas entre superior e coirmãos em favor da comunhão

Enfim, se me é consentido, ofereceria alguns critérios gerais, tanto a quem desenvolve o serviço da autoridade, como aquele da obediência.

O coirmão, chamado a servir a fraternidade:

- 1) Medite frequentemente quando diz FT 13, 20, 25.
- 2) Não tema o encargo; saiba desde o início que o realizará em todo caso melhor do que alguns, pior do que poucos, e mais ou menos como tantos outros.
- 3) Os seus verbos sejam: fazer, fazer fazer, deixar fazer (A. M. Larraona).
- 4) Observe tudo, dissimule muitas coisas, corrija algumas delas (João XXIII).
- 5) Lembre-se que quem governa precisa de três coisas: um copo de ciência, um barril de prudência e um mar de paciência (M. T. Cícero).
- 6) Não tenha medo de reconhecer os próprios limites: todos sabem que os têm. Por isso, procura não dramatizar os eventuais erros de governo. Engula de vez em quando um “copinho de bom humor”. Não se tome demasiado a sério, nem pretenda satisfazer todos ou resolver tudo: de “Pai Eterno” existe um só, e é mais do que suficiente. Evite o “paternalismo” (FT 14b), partindo do princípio que todos são adultos e, até prova contrária, suficientemente maduros. Assegure a todos que as suas opiniões e as decisões que deverá tomar poderão ser às vezes opináveis e discutíveis, até demonstrarem-se mais tarde humanamente erradas; mas, nunca feitas com maldade, mas antes com consciência reta: isto pode e deve assegurá-lo.
- 7) Tenha interesse por cada coirmão pessoalmente, em particular pelos enfermos, idosos e pelos incultos da comunidade. Os irmãos estejam sempre presentes na sua oração. Encontre assim, no seu serviço, uma fonte inesgotável que enriqueça a sua oração e a prática da humildade, que não quer dizer condescendência, covardia diante de alguém ou alguns (da comunidade, da Província ou da Congregação), mas simplicidade de coração e paz. Deste modo acrescentará à sua autoridade a necessária respeitabilidade, e recordará a todos que o verdadeiro “patrão” da comunidade não é ele, mas antes o Senhor.

E, por sua vez, como deve ser a obediência de cada religioso e o seu modo de ajudar para que cresça a comunhão/fraternidade?:

- 1) Deve ser humana, adulta, madura e sustentada pela fé; não individualista, egocêntrica, infantil, passiva ou secularizada, procurando obedecer somente quando vem mandado ou decidido o que lhe é cômodo (cf. FT 20b, 25a). A obediência religiosa deve ser sempre *razoável* (excluindo o absurdo); mas, não pode ser simplesmente *racional* (excluiria o papel decisivo da fé)
- 2) Tem Cristo (a vontade do Pai), homem livre (cf. FT 15), como ponto de referência.
- 3) Exprime a fraternidade congregacional; sentir que “Eu sou Nós”, o meu “Eu” não existe sem os outros, a prescindir deles (cf. VFC 39-42).

- 4) Olha para o superior não como um rival, alguém que me limita, mas como um coirmão ao qual ser gratos pelo seu serviço, pelo qual rezar, e ao qual ajudar no discernimento da vontade de Deus e no cumprimento de quanto foi legitimamente decidido, com sentido de responsabilidade e colaboração (cf. FT 19b).

5) Para um “decálogo” das relações comunitárias em favor da comunhão

A este ponto, e tendo presente quanto dito, é possível oferecer como uma espécie de “decálogo” das relações comunitárias, para que a fraternidade seja sinal visível de comunhão evangélica?

1) *Atitude “prejudicial” entre o Superior e a Comunidade uma vez conhecida a nomeação*

O *superior*, uma vez eleito, deve procurar identificar-se o mais possível com a história e a missão da comunidade confiada-lhe. “Encarnar-se” na nova realidade não significa, certamente, aprovar quanto possa ter acontecido antes, mas sim admiti-lo como parte da história do grupo. Somente assim poderá senti-la como sua e preocupar-se e dar-se sinceramente aos coirmãos, evitando ser visto como um “estranho”. Aquele, ao invés, que não consegue aceitar a comunidade que lhe foi confiada, a até a amá-la, com os seus méritos e os seus defeitos, dificilmente poderá inspirar a confiança e comunicar o encorajamento para a comunhão que o seu cargo requer.

Identificar-se, pois, com a comunidade em conjunto, e não somente com uma parte dela. Deve, portanto, estar atento (sempre, mas sobretudo no início do seu mandato) a não se deixar “capturar” por uma parte qualquer; ele está a serviço de todos e de cada um, e não de alguns ou alguém somente. E se às vezes crê inevitável dever dar razão a uma parte, indispondo-se com a outra, aceite-o como uma cruz ou como o resultado talvez de um seu modo errado de governar que dividiu a comunidade e que depois não soube reconduzir à comunhão. Com efeito, existem, às vezes, “superiores ilegítimos”, que oficialmente ocupam um lugar mais na sombra, mas que de fato ditam lei até neutralizar a influência do recém-chegado; neste caso, o novo superior procure bloquear quanto antes o “ilegítimo” com delicadeza, respeito e decisão, fazendo, por exemplo, com que nas reuniões falem efetivamente todos se por acaso alguém pretendesse falar em nome de outros.

A *comunidade*, por sua vez, como sinal de maturidade humana e espiritual, conceda um voto de confiança ao novo superior, evitando o imediato e fatal fichamento do mesmo, o qual esteriliza boa parte senão toda a boa vontade do re-

cém-eleito, semeando fofocas ainda antes da sua chegada na sede, se vem de fora («De Nazaré pode sair algo de bom», *Jo* 1, 46). Será um verdadeiro gesto de amor e respeito por este irmão, escolhido para estar a serviço de todos, e um modo de dar-lhe uma mão num compromisso nem sempre fácil e, quem sabe, nem sempre aceito com prazer.

2) *O primeiro encontro*

O *superior*, quando entre a formar parte da comunidade, não se apresente a ela como quem já sabe e entendeu tudo e tem em mãos um plano já claro e definido para aplicar («Agora vocês vão ver...!»). A reação espontânea de muitos será seguramente a recusa a priori de um plano apressado e não partilhado. Cada comunidade é diversa, assim como o é cada indivíduo. Não existem métodos pré-fabricados para aplicar igualmente em toda parte. Se o superior deve planificar o futuro junto com os coirmãos, é lógico que se apresente a eles desarmado, mesmo se bem disposto a respeito de todos, e oxalá com algumas idéias para propor ao discernimento comunitário. Lembre-se que se encontra entre adultos e, até prova contrária, supõe-se que sejam pessoas suficientemente maduras.

A *comunidade* procure não julgar o novo superior segundo quanto fizera aquele precedente, nem segundo quanto ouviu-se dizer sobre o eventual comportamento e modo ser do apenas chegado em outras comunidades. Nem sequer queira submeter o novo superior aos esquemas precedentes («Aqui sempre foi assim...!»); deixe-se a ele a possibilidade de trazer um pouco de ar fresco que enriqueça e ajude a crescer humana e espiritualmente a comunidade. Mantenha-se, portanto, a seu respeito, uma fraterna, leal, amistosa e “prejudicial” atitude de benevolência; em suma, espere-se algo de positivo.

3) *Humanidade e espiritualidade*

O *superior* procure ser, ao mesmo tempo, humano e espiritual; simples, misericordioso, compreensivo, avaliando todo sinal positivo de vida, servindo com alegria («Deus ama quem doa com alegria», *2 Cor* 9, 7), sem fazê-lo pesar («Escolhestes-me...? Arrepender-vos-eis!»). Quem não sabe brincar, ou não sabe rir de si mesmo; quem não sabe falar tranquilamente de qualquer coisa sem medo de perder autoridade, ou não sabe “suportar os golpes” sem perder a calma; quem sabe falar somente de coisas “sérias” ou espirituais, não deveria moderar uma comunidade, sobretudo depois se é juvenil. A pessoa humana precisa de contrastes, sobretudo – mas não só – nos anos da juventude; frequentemente a brincadeira entre companheiros é a melhor preparação para um momento de compromisso e seriedade.

Rir é sinal de liberdade. Quem não sabe rir é, às vezes, escravo da própria imagem. O sentido do humor, ao invés, é um típico sinal de maturidade humana («Quem não sabe rir, não é uma pessoa séria!», dizia Schumann). Há tempo para cada coisa (cf. *Qo* 3, 1-8).

Mas, não é hábil nem sequer quem não é capaz ou inibe-se (com a desculpa de que: «Cada um sabe já que coisa deve fazer...») de exortar espiritualmente os seus irmãos. Aliás, precisamente porque trata-se de uma comunidade religiosa, deve ter particular cuidado da vida espiritual e, portanto, especialmente da vida de oração comunitária (cf. VC 93-95. VFC 12-20, PdC 20-26, FT 13ab). A comunidade que não reza junta, destrói a sua razão de ser, a qual apoia-se sobre a fé aprofundada e vivida juntos. Para pertencer a um Instituto de vida comum, não bastar ter (se a se tem!) uma certa vida de oração pessoal; é preciso também rezar junto aos coirmãos: o Espírito chamou-os a uma comunhão visível, não a fazer o eremita dentro das paredes de um comum edifício. Por isso, a comunidade que normalmente não sabe ou não pode rezar junta seria melhor dissolvê-la; e o indivíduo cujo costume fosse aquele de não rezar com os outros deveria corrigir-se ou ir embora, dado que está demonstrando de não ser chamado para aquele tipo de Vida Religiosa. Não somos uma *empresa* mais ou menos *apostólica*, mas, antes de tudo, uma comunidade de fé! Concerne depois ao *quanto*, ao *como* e a *coisa* rezar, cada Instituto tem o seu espírito e estilo (cf. VFC 12-20, 46).

A *comunidade* saiba respeitar o papel do superior, além da brincadeira amistosa ou do gracejo a propósito de eventuais defeitos de quem a preside (cf. VC 92b). E tenha a humildade e o espírito de fé suficiente para deixar-se exortar humana e espiritualmente. Se é necessário, aprenda a avaliar quanto lhe vem dito, a prescindir certas vezes de quem ou como possa-lhe dizer («Fazei e observai tudo o que eles vos disserem, mas não os imiteis nas ações, porque eles dizem e não fazem», *Mt* 23, 3).

4) *O superior e o seu modo de ser*

O *superior* cuide de não fazer pesar o seu caráter e temperamento sobre a comunidade. O colérico, duro de caráter ou agressivo, crê de poder fazer tudo sozinho e escuta pouco, ou força os outros convicto que, amedrontando-os, favorece a sua obediência religiosa; no mais intimida aqueles de caráter fraco, enquanto ganha a confiança dos outros e a antipatia de todos, exceto daqueles que pensam como ele. O melancólico escuta até demasiado, porque tem muita dificuldade em decidir-se. O sanguíneo aceita facilmente qualquer nova proposta, porque é volúvel etc.. Quem governa, ao invés, deve ser capaz de escutar e de decidir (cf. Vc 43). Quem conhece os próprios defeitos e limites, com simplicidade e honestidade, é disposto a deixar-se criticar e cria em redor de si uma atmosfera de liberdade e co-responsabilidade.

A quem foi confiado o serviço da autoridade, a respeitabilidade vem-lhe não dos gritos ou, ao contrário, do consentimento sobre tudo, mas do fato de saber escutar, de ser capaz de criar comunhão, de dizer as coisas com clareza e verdade, de ser compadecido, de servir com humildade e paciência, de ser testemunha crível e coerente e seguramente também do fato de ter um mínimo de qualidades humanas de governo; mas, não do fato de ser um governante extraordinário (destes existem verdadeiramente poucos!).

Como dizíamos mais acima, saiba que, provavelmente, desenvolverá o seu cargo melhor do que alguns, pior do que poucos, e mais ou menos como tantos outros. Não pretenda, portanto, satisfazer todos ou ter sucesso em tudo e logo; e não se deprima quando isto lhe aconteça (não teve sucesso nem sequer Nosso Senhor!). Não prometa quanto não pode dar; assegure antes que quanto faz e fará pode também ser opinável e, às vezes, até humanamente errado, mas que, em todo caso, nunca será feito com maldade. Mantenha a boa vontade e o desejo de aprender. Pode aplicar a si mesmo as palavras de Bento XVI:

«...Com humildade, fará o que lhe for possível realizar e, com humildade, confiará o resto ao Senhor. É Deus quem governa o mundo, não nós. Prestamos-lhe apenas o nosso serviço por quanto podemos e até onde Ele nos dá a força. Mas, fazer tudo o que nos for possível e com a força de que dispomos, tal é o dever que mantém o servo bom de Cristo...» (*Deus Caritas est*, 35).

A **comunidade** seja consciente de que o superior algum tipo de caráter tem também que ter. E isto implica aceitar que tenha méritos e defeitos: tem “direito” a não ser perfeito, porque ninguém o é, assim como não existe a comunidade ideal (cf. VFC 26-28). Não se maravilhe quando isto aconteça. Não tenha medo, no diálogo comunitário (cf. VFC 29-34), de ajudar o superior a corrigir-se, com afeto fraterno, dos seus eventuais limites, assim como deve procurar olhar além do modo concreto de ser deste coirmão, sem se deixar arrastar nem pelo ritmo exasperado daquele que, certas vezes, quereria exigir demasiado da maior parte da comunidade, nem pela passividade ou o furtar-se de um superior com pouca personalidade ou demasiadas ausências da vida comunitária. Não se deve esquecer que a comunidade é uma responsabilidade de todos. Uma comunidade não deveria funcionar mal simplesmente porque o seu superior é pouco dotado, porque nem tudo depende dele.

5) A atmosfera para criar entre todos: discrição e serenidade, prudência e sabedoria

O **superior** esforce-se em ser *sereno* e *discreto*. Na comunidade existirão momentos de tensão, de intolerância, gestos humanamente imaturos. Saiba manter-se o mais possível acima das partes, e para isto precisa de equilíbrio e serenidade, abertura e lealdade, prudência e sabedoria. *Serenidade*, porque numa so-

cidade como a nossa, na qual todos ficamos facilmente nervosos, temos necessidade de quem possa julgar sem prejuízos intelectuais ou afetivos. E *discrição*, isto é, saber calar, porque poderão existir problemas pessoais que não devem necessariamente serem conhecidos pelos outros coirmãos; cada um tem direito à sua intimidade e reserva, à boa fama. Confiança, amizade e fraternidade, comunhão, não significam dizer tudo a todos. Por outro lado, a confiança não se exige, se merece, e infelizmente nem todos inspiram ou merecem a mesma confiança, nem sequer numa comunidade religiosa. Saber calar é, portanto, o primeiro grande recurso, o que não quer dizer que o superior se torne uma espécie de “boi mudo”, mas que sabe manter os segredos necessários.

Isto supõe uma certa solicitude em quem governa (cf. FT 28c), e quanta mais autoridade tem-se, mais solicitude experimenta-se; quantas mais confidências recebem-se, tanto mais é necessário saber calar. Aprenda, portanto, a falar de quanto possa dizer, para poder calar sobre quanto não possa comunicar. Para este fim, mantenha uma certa distância interior a respeito de quanto possa suceder em redor dele, para o seu bem e também para o bem dos outros. Temos necessidade de que os nossos superiores mostrem-se serenos. Portanto, é-lhes necessário o repouso, a higiene mental; de outra maneira, as coisas poderiam abatê-los, em vez de dominá-los. Encontrando-se no olho do furacão das tensões interpessoais, em certos momentos poderá ser difícil, para quem tem autoridade, manter a paz. Pode acontecer que seja um religioso que foi eleito precisamente pelo seu equilíbrio harmonioso, quando era súdito; e, não obstante isto, uma vez eleito para o cargo, este equilíbrio seja transtornado pela nova situação que se veio a criar. Talvez ficamos pasmados com este fato, mas na realidade demonstra que não conhecíamos bastante aquele coirmão. Por isso não é dito que qualquer súdito mais ou menos equilibrado e sábio demonstre-se depois um superior adequado: será a experiência a demonstrá-lo. Escrevia São Bernardo ao Papa Eugênio III, que fora seu discípulo:

«Peço-te não de abandonar todas as tuas ocupações, mas só de interrompê-las (...). Já que todos aproveitam-se de alguma coisa, aproveita também tu de ti mesmo. Porque deverias ser o único a ser privado desta oportunidade? Lembra-se, portanto, não digo sempre, não digo nem sequer frequentemente, mas pelo menos de vez em quando, que tu deves algo a ti mesmo. É verdadeiramente pedir-te demasiado?» (cit. por F. CHARBONNEAU, *I 60 anni*, Leumann 2005, 5).

A *comunidade*, por sua vez, saiba permanecer *serena* diante das eventuais intemperanças do seu superior; e ser *discreta*, não indo a contar aos outros ou a expor as coisas não belas dos seus componentes, inclusive aquele que a preside. E não pretenda, com a desculpa de familiaridade ou democratismo, que o superior conte quanto veio a saber sobre problemas e pessoas concretas, quando a prudência e a caridade aconselham-no o contrário. Assim como não deve pretender que o Superior seja uma pessoa humana e afetivamente asséptica, quando

também Jesus teve as suas amizades (cf. *Jo* 15, 12-17; 13, 23; 19, 26; 20, 2; 21, 7.20; *Mt* 17, 1-8; *Lc* 10, 38-42; *Jo* 11, 1-44;...).

6) A autoridade deve ser ajudada, porque não é “sobre”, mas “para”, “em favor de”

O *superior* lembre-se que é um irmão entre os irmãos, e que, portanto, a sua autoridade é um serviço em favor deles. Não tem autoridade “sobre” eles, mas antes “para” eles; não está acima, mas em favor de. Isto significa que deve fazer-se sentir quanto aconselham-no a oportunidade, a prudência ou a necessidade, e não simplesmente para que lembrem-se que há alguém que comanda. Significa, além disso, que a sua autoridade está a serviço antes de tudo e sobretudo das pessoas, não das normas, horários etc. Não foi escolhido para fazer cumprir as leis, mas para ajudar as pessoas a responderem a quanto Deus quer delas. As normas, ainda que válidas e até necessárias, são somente meios para esta finalidade. Também aqui é verdade que o sábado é para o homem e não o contrário (cf. *Mc* 2, 27). E se ele é “representante” de Deus para os irmãos, eles são “sacramento” de Cristo para ele (cf. *Mt* 10, 40-42; 25, 40.45). Esta é a razão da “cauta gubernatio” da qual falava Santo Agostinho na sua Regra (*Praeceptum* 7), e São Bento (*RB* 3, 5, 64).

A *comunidade*, ou parte dela, não ceda à tentação de provocar as intervenções do superior além de quanto as circunstâncias ou a prudência sugerem, talvez para poder assim impor-se a uma outra parte da comunidade ou a um membro dela com o qual não se é de acordo. O superior é uma ajuda, não um suplente ou uma espécie de “mulher que faz tudo”. Se ele não deve cair no defeito de querer fazer tudo, controlar tudo..., os outros não caíam na tentação de fazerem tudo para ele.

7) A autoridade, um serviço temporâneo

O *superior* lembre-se quanto dissemos, isto é, que a autoridade é um serviço, não uma honra, e tanto menos uma questão de poder (cf. *Mc* 10, 42-45). Segundo o Evangelho, a autoridade não é um poder, disfarçado de serviço; mas, um serviço: lavar os pés (cf. *Jo* 13, 2-17). Deve-se evitar escolher ou nomear um superior por motivos de prêmio devido a atividades desenvolvidas precedentemente, antes que olhar para as qualidades que favorecem o desenvolvimento do seu novo dever. Deve-se evitar também a tendência a fazer do superiorato uma carreira vitalícia, pelo qual quem chegou lá, não pode mais deixar o cargo, porque seria para ele uma desonra. Não deveria existir algo como os “senadores vitalícios”, e os eternos “presidentes”, mesmo quanto não têm mais o cargo.

Tenha-se, portanto, a coragem de terminar com dois fatos que aconteceram frequentemente na Vida Religiosa: aquele do giro de pessoas, mais ou menos sempre as mesmas, que permutam por anos e anos os cargos no fim do mandato (ninguém é imune do desgaste do tempo!); e aquele do infausto costume do

“promoveatur ut removeatur” (promover para poder remover), que frequentemente significa senão levar a uma outra situação, talvez mais delicada ainda, pessoas que se demonstraram incompetentes no seu papel precedente. É um contra-senso humano, mas sobretudo religioso, sacrificar a comunidade a um indivíduo. Voltar a ser simples religioso, ou a cargos menos em vista, não é uma desonra, mas voltar às condições comuns depois de um serviço desenvolvido segundo o espírito e as palavras do Evangelho:

«Quando tiverdes feito tudo o que vos mandaram, dizei: Somos simples servos; fizemos o que devíamos fazer» (Lc 17, 10).

O superior deve estar sempre pronto a retirar-se, mas não para descarregar sobre outros os problemas ou para ter uma vida mais livre e tranquila, mas pelo bem dos irmãos a serviço dos quais fora chamado. Com efeito, sucede também que alguns não querem aceitar os cargos, não por uma presumida humildade ou reconhecida incompetência, mas por egoísmo ou esperteza pessoal; quem não tem particulares ambições de poder se dá conta que é muito mais cômodo hoje ser súdito que superior, obrigando assim a quem deve decidir certos cargos a dar “saltos mortais” para encontrar alguém disposto a assumi-los (e depois talvez lamentamo-nos de quem foi escolhido).

Os membros da **comunidade** devem estar prontos, com simplicidade e espírito de serviço, a aceitarem os cargos de superior e outros, quando os coirmãos o os superiores peçam-lhe. Caridade para com os outros significa ser capazes de sacrificar muitos interesses pessoais e até apostólicos, quando exige-o o bem comunitário ou congregacional, ao qual se comprometeu por vocação cada membro quando respondeu à chamada do Espírito para formar parte do grupo.

8) Servir e obedecer quer dizer: ter tempo para os irmãos, dar a vida

O **superior** deve ter tempo para cada um dos coirmãos. Se o seu cargo é um serviço, deve estar disponível. Aquele que não está disponível para todos, porque faz diferenças entre os irmãos, ou porque tem demasiadas atividades que o tornam inalcançável, deve saber limitar-se quanto seja necessário em favor do serviço que lhe é pedido. Certamente não se deve aprovar o superior que, porque é tal, não faz nada, e desde a sua escrivaninha finge observar tudo, quando talvez na realidade perde tanto tempo folheando jornais ou revistas, assistindo a televisão ou passando o tempo com algum instrumento técnico (por exemplo, internet), na espera de algum possível pedido de intervenção. Tenha, portanto, uma atitude constante de acolhida, escuta, benevolência e interesse por cada coirmão, sem medo de “perder tempo” na sua escuta; a pressa é uma tentação demasiado comum hoje! O bom pastor conhece as suas ovelhas e estas o conhecem (cf. Jo 10, 3.14). Nem sequer ceda à tentação de julgar facilmente os coirmãos e as suas intenções; faça antes sua a sabedoria evangélica:

«... Com o juízo com o qual julgais sereis julgados, e com a medida com a qual medis sereis medidos. Por que observas o cisco no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho?...» (cf. *Mt* 7, 1-5).

E não confunda a psicologia com a moral, o doente com o pecador.

Se alguma preferência deve ter, seja pelo coirmão mais pobre física (os doentes), cultural ou espiritualmente (cf. VC 44, VFC 68); e não pelo mais forte de caráter, pelo mais culto o por quem traz mais dinheiro para a caixa. Certas vezes quem tem autoridade corre o risco de ser fraco com os fortes e forte com os fracos, em vez de ser, como deveria, o contrário.

A nível pessoal, não conceda a si mesmo (a não ser que o requeira o bem da comunidade ou a sua saúde) quanto não é concedido normalmente aos outros; nem exija dos outros quanto não exige a si mesmo.

Escutando com paciência e perguntando com habilidade, procure encorajar os fechados a se abrirem e os superficiais a olharem-se dentro. No diálogo comunitário, no início aja como ponto de coligação das intervenções; e depois procure unir os pareceres realizando o papel de catalisador. Não encoraje otimismo infundados, para não ser ingênuo; não acelere demasiado o ritmo, para não perder algum irmão pelo caminho; mas saiba mas saiba dar sempre esperança e confiança razoáveis. Santo Agostinho dizia: Deus nos livre do desespero sem saída e da esperança sem fundamento! (cf. FT 20).

A sua tarefa é aquela de ajudar a comunidade e cada um a encontrar a si mesmo e os outros, a servir juntos melhor o Senhor. Mesmo se não raramente deverá “tampar buracos”, não dê a sensação de ser ele a levar o peso da organização e da ação da comunidade, não se faça o “mártir”; mas, insista antes sobre o fato de que é o grupo a ser responsável de si mesmo e que cada um seja fiel aos seus compromissos. Conheça a capacidade de cada um, e dê-lhe responsabilidades segundo as suas possibilidades; não deixe ninguém, ou porque jovem, ou porque idoso, sem nenhuma responsabilidade, de outro modo o indivíduo pode sentir-se desvalorizado ou marginalizado.

Duas tarefas características de quem governa são aquelas de “pontífice” e de bombeiro: isto é, construir pontes entre os indivíduos, apagar fogos, cercar aluviões e avalanches, tirar fora pessoas dos destroços e das ruínas, desinchar tensões etc. É irmão, acompanhador, aquele que é disponível por excelência. Não aquele que está diante dos outros (diante está somente Cristo!); mas, no meio dos outros para dar uma mão, e atrás para empurrar e cuidar que ninguém fique atrás ou saia da estrada (se fosse adiante, não se daria conta!), É um pai que não diz que o é; um irmãos que não se impõe, mas oferece; um amigo que não faz pesar a sua presença, mas continua a doá-la. Não é o guarda de trânsito atento a fazer muitas multas; mas, o guia que indica o caminho, quando ocorre. Não canse os irmãos com contínuas reuniões. E se, assim fazendo, chega o momento no qual a comunidade praticamente sob muitos aspectos funciona so-

zinha, não creia fracassado, ou de não ter sabido impor-se; aliás, pode ser o sinal que conseguiu na finalidade da sua missão.

Enfim, lembre-se sempre que foi súdito, e que, provavelmente, voltará a sê-lo ainda.

A **comunidade**, por sua parte, procure, na medida do possível, de não fazer perder tempo ao superior com problemas falsamente criados ou inchados, ou com minúcias. A comunidade caminhará do modo justo se cada um é responsável pelo seu lado e leva-a adiante com seriedade. Esforce-se, de modo particular, de não criar o vazio em redor do superior nos momentos de diálogo ou na vida cotidiana: existem aqueles que falam sempre, exceto nas reuniões de comunidade. Com efeito, sucede, às vezes, que um superior seja mandado a uma comunidade ou eleito e ali apresente-se cheio de boa vontade; mas, porque não é o indivíduo que, talvez, a comunidade ou parte dela desejava, escavam-lhe um fosso em redor ou declara-se a ele, mais ou menos abertamente, a guerra; ou trate-se de um religioso ainda inexperto no cargo e durante um certo período não consiga agir no modo adequado. Se os irmãos são convictos que o superior não é humanamente infalível, significa que devem ajudá-lo, acolhê-lo positivamente e eventualmente dar-lhe uma mão na sua experiência. E um modo eficaz de ajudá-lo é seguramente aquele de levar adiante cada um os próprios cargos com sentido de responsabilidade. Obedecer significa colaborar.

9) O superior e os superiores mais no alto

O **superior** pratique, a respeito dos seus superiores, a mesma espontânea obediência que ele deseja dos seus coirmãos. O superior que com a comunidade critica os outros superiores mais no alto, está cortando a grama sob os seus pés. Com efeito, aqueles que, sem se dar conta, podem deduzir que, se ele não respeita os seus superiores, nem sequer eles têm a obrigação de respeitá-lo. Se bem que isto não quer dizer que não se podem discutir, de modo construtivo e sério, as ordens recebidas, se o julgar oportuno ou necessário. Estamos entre adultos, e supõe-se pessoas maduras.

A **comunidade** não aproveite das incoerências do seu superior, as suas críticas a outros superiores, para repagá-lo com a mesma moeda, e crer-se dispensados do respeito e da obediência devidos tanto a ele como aos outros superiores. Não se responde a um gesto ofensivo ou não maduro com um gesto do mesmo calibre. Se necessário, os irmãos dêem um exemplo de seriedade e caridade ao seu superior; é um modo de ajudá-lo.

10) A comunhão e o testemunho é obra de todos

Se é verdade que cada coirmãos representa a comunidade para o externo, isto é ainda mais a respeito do **superior**. É ele, em tantas ocasiões, a fachada da

comunidade para o externo. Com efeito, corresponde a ele estabelecer as boas relações com a gente, a paróquia, as outras comunidades religiosas, a diocese..., fomentando o conhecimento mútuo, os encontros e a colaboração, segundo a missão específica da sua comunidade (cf. VC 48-56, 74, 84-95; VFC 58-70; PdC 30-32; FT 25). E como primeiro responsável do grupo, não se esqueça de pôr em prática, com prudência e generosidade ao mesmo tempo, a exortação de Paulo: «Prossegui firmes da prática da hospitalidade» (*Rm* 12, 13). A comunidade não deve, certamente, aparecer nem como um hotel barato para parentes e amigos, nem como uma fortaleza inexpugnável. Se por um lado, ela precisa encontrar-se muitas vezes sozinha e cumprir as leis de Estado, por outro, certos fechamentos fazem pensar se não serão motivados, mais do que pelo respeito do ambiente religioso, pelo egoísmo pessoal ou coletivo, pela falta de contato com a realidade que a circunda, ou pelo fato que é uma comunidade pouco “apresentável”.

Mas, a fachada da **comunidade** depende de todos. Hoje mais do que nunca, devido ao fato que as comunidades à força são mais abertas, e porque tantos leigos entram e saem da nossa casa por motivos de trabalho (cozinha, limpeza, portaria, colaboradores nas escolas, hospitais ou paróquias... etc.). Somos continuamente observados; e não devemos pensar que quem nos vê e constata algo de pouco evangélico, depois esteja calado e não fale disso com ninguém...

6) Conclusão

Em conclusão, a vivência e o testemunho de comunhão evangélica (cf. *1 Jo* 1, 1-3), depende de todos, superiores e coirmãos. O **superior** aplique a si mesmo as palavras de São Pedro:

«Aos anciãos, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também ancião com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória» (*1 Pd* 5, 1-4).

E a **comunidade** ame, reze e colabore, com espírito grato, junto com este coirmão chamado a estar a serviço de todos, em favor da escuta e da obediência comuns à vontade de Deus, verdadeira finalidade de toda a nossa vida. Se queremos que o mundo creia, segundo as palavras de Cristo (*Jo* 17, 20-23; VC 84ss), não há um caminho diverso daquele de ser profetas e testemunhas de comunhão (*1 Jo* 1, 1-3), num esforço contínuo, incansável, além de todas as nossas fragilidades, de ser “um só coração e uma só alma” (*At* 4, 32).

P. J. ROVIRA, cmf.

4. Incarico di Assistente generale dei Cooperatori a don Umberto Brugnoli

Prot. n. 57/07-09

Rev.da Superiora generale
Sr. Giustina Valicenti
Figlie S. Maria della Provvidenza
SUA SEDE

Rev.di Superiori/Superiore di Provincia
e Delegazione Famiglia Guanelliana
LORO SEDI

Ai Sigg. Presidenti
Associazione Cooperatori Guanelliani
Famiglia guanelliana
LORO SEDI

OGGETTO: Nomina dell'Assistente generale dei Cooperatori Guanelliani.

Il Superiore generale, nell'intento di dare incremento all'Associazione dei Cooperatori guanelliani, terzo ramo della famiglia guanelliana, come richiesto dal CG18, e per dare una certa linea di unità al cammino che l'Associazione sta portando avanti da diversi decenni, in accordo con il Consiglio generale delle FSMP, udito il suo Consiglio, ha nominato don Umberto Brugnoli come Assistente generale dei Cooperatori Guanelliani.

Sarà lui stesso nei prossimi giorni ad indicare il suo ruolo, con una sua lettera di presentazione.

Sicuri di aver dato un valido aiuto nel procedere della nostra cara Associazione verso mete sempre più carismatiche e impegnative, assicuriamo anche la nostra vicinanza e solidarietà specie nella preghiera.

Don PIERO LIPPOLI
Segretario generale

Roma, 29 luglio 2009

COIRMÃOS DEFUNTOS

1. Pe. Josef Lorenz Sgier
2. Irmão Arnaldo Della Bella
3. Pe. Gianni Battista Piatti
4. Pe. Antonio Filippi
5. Pe. Luigi Reali
6. Pe. Emilio Canosi
7. Pe. Giuseppe Rossi
8. Pe. Emidio Di Nicola
9. Pe. Romolo Cogliati
10. Pe. Ruggero Baldan
11. Pe. Paolino Bonomo
12. Pe. Mario Uglietti
13. Pe. Gaetano Ghinaglia
14. Irmão Luigi Pisoni
15. Pe. Giuseppe Marangi
16. Pe. Salvatore Guida

1. Pe. Lorenz Josef Sgier

Nascido em Lumbrim (Canton Grigioni - Svizzera),
aos 4 de julho de 1932

Entrado em Pollegio (Canton Ticino - Svizzera),
aos 1 de março de 1955

Noviciado em Barza d'Ispra (Varese), aos 12 de setembro
de 1955

Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro
de 1957

Profissão perpétua em Chiavenna (Sondrio),
aos 24 de setembro de 1961

Sacerdote em Como-Cattedrale, 23 de junho de 1963

Morto em Porto Alegre - Hospital, aos 9 de janeiro de 2009

Sepultado no Cemitério de Porto Alegre



Pe. Lorenz no dia 31 de dezembro de 1993 após ter passado por muitos sofrimentos, pensando que provavelmente tinha poucos meses de vida, e estando

pronto para voltar à casa do Pai Celestial, se despede desta vida e escreve, como introdução ao seu diário, esta página: *“Escrevo esta página para agradecer a Deus pelo dom da vida e a graça de ser guanelliano. A minha vida foi uma aventura que tem o seu valor porque foi doação.*

Principalmente os anos vividos no Brasil, a maior parte são um testemunho de como Deus age através de criatura como nós, homens limitados e fracos. A Providência divina está acompanhando passo a passo a minha vida. Soa páginas de gratidão a Deus Pai. A minha família também está sempre presente com a oração e a ajuda.

Agradeço a tantos coirmãos que encontrei no caminho da formação e da atuação. Uns foram como pais, muitos como irmãos e amigos.

Agradeço ao povo brasileiro! Recebi muito em generosidade, carinho e hospitalidade.

Chego ao fim de meus dias contente por ter doado meus esforços, a minha vida, o pouco que sou para a Província brasileira de Santa Cruz”.

Pe. Lorenz nasceu na Suíça no dia 4 de julho de 1932, no lugarejo de Lumbrein, numa bela paisagem dos Alpes Suíços no Cantão Grisões a 1405 metros de altura. Neste Cantão fala-se a língua Romanche.

Pe. Lorenz foi ordenado sacerdote na cidade de Como no dia de junho de 1963. A maioria do seu ministério sacerdotal de Servo da Caridade o passou no Brasil aonde chegou em 1965. Ficou no coração dele a Sicília, aonde no Instituto São Calogero – Naro – passou poucos meses, mas foram suficientes para se apegar ao afetuoso povo siciliano.

No dia 11 de setembro de 1965 iniciou seu ministério sacerdotal no Patronato São José em Itaguaí – Rio de Janeiro – e ficou lá por 5 anos. Frequentemente recordava a bela experiência feita em Itaguaí. Sabe-se que deixou marcas de muito bem e até hoje as pessoas se lembram dele com muito carinho.

Nos anos 1970 a 1974 trabalhou em São Paulo na Paróquia Santa Cruz e lembrava com muita saudade sobretudo o trabalho pastoral que fez com os jovens. Após ter assumido o cargo de ecônomo provincial ao longo de quatro anos, voltou para o Pão dos Pobres Santo Antônio aonde já tinha trabalhado 10 anos. Pe. Lorenz esteve no Pão dos Pobres por quase 23 anos, ocupando vários cargos, todos exercidos com grande paixão e com estilo, típico suíço, isto é, com muito método, de fato era um homem extremamente metódico, pontual, ordenado.

Cultivava um profundo espírito de oração, mas vivido com muita simplicidade. O passatempo dele era jogar baralho e um dia me revelou que quando jogava baralho sozinho ele rezava, recitando várias jaculatórias. Nos últimos anos que passou na Casa provincial em Porto Alegre, levantava de madrugada e descia para a Igreja às 5h30, ficava lá rezando até às 7h, quando celebrava a Santa Missa.

Recordamos sua simplicidade, seu desapego das coisas e do dinheiro, de fato tudo o que recebia de seus parentes e benfeitores, o usava para a casa aonde

trabalhava e temos que lembrar que sempre trabalhou em casa aonde se atendiam crianças e adolescentes pobres.

Era muita firme em seus princípios, mas, ao mesmo tempo tolerante com os outros; fiel aos seus compromissos, puntualíssimo e gostava viver em comunidade.

Tinha um grande amor pela vida, mas estava desapegado dela. Nos seus múltiplos sofrimentos queixava-se somente em casos extremos.

Uma vez me contou o que lhe aconteceu quando, no dia 1º de setembro de 1974 o Superior geral lhe deu a obediência de ir a Nápoles no nosso Colégio, Fundação Elisa Fernandes. Na Casa Divina Providência em Como depois do almoço se despediu de todos e o superior da Casa lhe deu o bilhete do trem, ele pegou o bilhete e o colocou no bolso. O superior lhe disse: “Você não olhou o bilhete?” Pe. Lorenz respondeu: “Para que olhar, sei que devo ir a Nápoles”. O superior disse: “Olha”. Ele olhou e leu que o bilhete era para a cidade de Canigattí, uma cidade da Sicília, perto de Naro. Então Pe. Lorenz disse: “Mas o Superior geral me disse que devia ir a Nápoles. O superior respondeu: “O Superior geral mudou de idéia”. E Pe. Lorenz então embarcou para Canigattí. Era deste modo que se obedecia naquele tempo.

No mês de novembro de 2008 veio visitá-lo um sobrinho e sua esposa, junto com uma outra parente. Ficou muito feliz e decidiu de mostrar aos parentes os lugares aonde ele trabalhou. Embarcou no avião e foi para Rio de Janeiro, no Patronato São José e São Paulo, estava feliz. Assim também de carro foi para Santa Maria, no Pão dos Pobres e aproveitou uma passagem por Carazinho. Chegou a Porto Alegre muito cansado, mas contente. Praticamente se despediu das pessoas e das casas aonde ele trabalhou em prol do Reino de Deus, em benefício de tantos irmãos e irmãs pobres.

Nos últimos tempos parecia estar muito bem de saúde. Estava animado, alegre, disposto. Mas no dia 8 de janeiro de 2009 sentiu-se mal e foi levado no Hospital da Santa Casa, aonde tinha seu médico particular, no qual tinha uma profunda confiança.

Foi diagnosticado: “aneurisma abdominal”. Pelo seu estado de saúde, pelos seus problemas cardiovasculares não era possível fazer cirurgia.

Pe. Ivo Catani, no dia 9 de janeiro, estando à cabeceira da cama, lhe falou: “Pe. Lorenz, o senhor sabe a sua situação de saúde e tem aneurisma abdominal, se prepare para partir”, ele olhou fixo e falou: “Obrigado Pe. Ivo”. Chegou o capelão do Hospital e lhe deu a unção dos enfermos que recebeu com fé e devoção.

No pavilhão São Francisco, aonde sempre foi internado, naquele dia não tinha cama disponível, então o transferiram para o pavilhão São José. Ele que por muitos anos, seja em São Paulo, como em Porto Alegre, trabalhou na Pia União de Orações a São José pelos Agonizantes, significativamente passou os últimos momentos de sua vida no pavilhão São José no Hospital da Santa Casa.

Alguns momentos depois que chegou ao quarto do pavilhão São José, Pe. Lorenz agradeceu ao Pe. Ivo e falou: “Agora estou bem”. Estas foram as suas últimas palavras. Ele que no dia 31 de dezembro de 1993 já tinha se despedido de tudo e de todos estava pronto para partir e assim tranquilamente se entregou nas mãos de Deus.

Assim morrem os justos!

Obrigado Pe. Lorenz por ter estado em nosso meio, realmente a sua presença tornou este mundo um pouco melhor, reze por nós.

Pe. CIRO ATTANASIO

2. Irmão Arnaldo Della Bella

Nascido em Chiavenna (SO) aos 27 de fevereiro de 1926

Entrado em Chiavenna, Casa don Guanella,

aos 12 de março de 1942

Noviciado em Barza d’Ispra (VA), aos 12 de setembro

de 1942

Primeira profissão em Barza d’Ispra, aos 12 de setembro

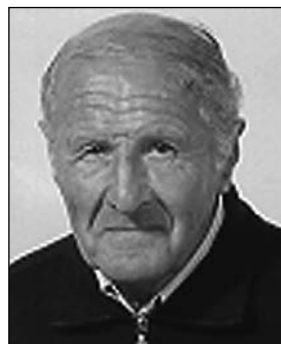
de 1944

Profissão perpétua em Barza d’Ispra, aos 12 de setembro

de 1949

Morto em Barza d’Ispra, aos 9 de março de 2009

Sepultado no Cemitério de Ispra



Caríssimos coirmãos, coirmãs e leigos, estamos imergidos no caminho quaresmal que tem a tarefa de acompanhar-nos ao encontro com o Cristo Ressuscitado, encontro que deverá mudar a nossa vida em “criaturas novas”, “que procuram as coisas do alto, onde encontra-se Cristo sentado à direita do Pai” (cf. Paulo aos Cl. 3,1-4) assim desejar-nos-á Paulo na Epístola da manhã de Páscoa. No caminho da quaresma faz de precursor ao nosso proceder a Palavra de Deus cotidiana. Também hoje, juntos espiritualmente ao nosso coirmão Irmão Arnaldo Della Bella, queremos pedir à Palavra a porção de alimento cotidiana, a proposta de vida para o trecho de estrada que concerne a este 11 de março de 2009.

A primeira Leitura profética apresenta-nos Jeremias como figura do futuro Messias. Como Cristo, também o profeta Jeremias escolhe o caminho mais seguro da obediência à vontade de Deus e da humildade. Como Jesus, o Servo sofredor por excelência, também Jeremias intercede pelos rebeldes e torna-se disponí-

vel a levar sobre si o peso das suas culpas. É certamente uma bela e completa imagem de solidariedade com o povo de Deus que Cristo Senhor viverá depois em primeira pessoa no mistério da sua paixão, morte e ressurreição. Tudo isto pelo bem do povo que pertence ao seu Pai. Não vim para condenar, mas para salvar!

Eu veria precisamente aqui a característica que queremos perceber na vida do Irmão Arnaldo como herança para a nossa.

Um homem apaixonado no trabalho cotidiano para sustentar a sua comunidade; um religioso que oferece a Deus a disponibilidade da sua vida de consagrado para que onde não chegam os seus braços para fazer o bem, cheguem os seus lábios com o proferir a oração do seu coração.

O Pe. Guanella diria: *Laboremus et oremus!*

«*Até que tenhamos um dia de vida, trabalhemos. Ó como é nobre o piloto que não deixa o seu governo também numa velhice laboriosa! Como entenece o soldado que cai com as armas nas mãos, o camponês que morre com o arado que guia! Cristãos feitos assim quer o Senhor para os seus seguidores...*» (Pe. Luís Guanella).

Numa carta encontrada no arquivo da Cúria generalícia, a única que o Irmão Arnaldo enviou ao Superior geral, em data 25 de fevereiro de 1990, quase a modo de telegrama, exprimindo a sua gratidão, por ter recebido as felicitações por ocasião do seu aniversário, exprime-se com estas simples e profundas palavras: «*Agradeço com todo o coração, pela ocasião do meu aniversário, o Senhor e os Coirmãos Superiores da Casa generalícia. A oração é o nosso sustento para continuar nos caminhos do bem até que o Senhor quiserá.*»

Aconteceu-me duas vezes nestes anos, passando por Barza, de ir encontrá-lo, encontrei-o com o terço nas mãos a responder ao Rosário junto com os outros idosos. Continuou a fazer o bem até quando o Senhor quis! Antes no serviço material para que a sua comunidade pudesse estar melhor com o fruto do seu trabalho no curral e nos campos, depois com o terço na mão. A mesma intenção e solicitude: pelo bem da sua comunidade!

Defendia-se quando faziam-lhe algum elogio pelo seu trabalho bem sucedido: eis o homem que não quer apontada sobre si a atenção e o louvor, mas tudo nele devia ser reconhecido como presente, como dom de Deus. Ele era só um colaborador, um transmissor das atenções de Deus, até «quando o Senhor quiserá».

Também o Evangelho proclamado nesta liturgia (*Mt* 20, 20-28) é quase uma sublinha, com aspectos guanellianos, de quanto já acolhemos na primeira leitura. A Mãe dos dois irmãos Zebedeu que perora a causa dos seus dois filhos diante de Jesus pode ser vista neste contexto como a imagem do nosso Fundador, Pe. Guanella, que como pai acolhe e apresenta a Jesus cada um dos seus filhos, hoje o Irmão Arnaldo que, depois de ter testemunhado a caridade no serviço aos pobres sobre a terra, prepara-se para receber como prêmio o dom da presença

eterna da Caridade que é o próprio Cristo: *«Aquele que quererá tornar-se grande entre vós faça-se vosso servo»*.

Os sacerdotes e os irmãos da nossa Congregação foram chamados pelo Pe. Guanella *Servos da caridade*. O modelo por excelência é, portanto, o próprio Cristo, que o Evangelho hodierno define como *«o Filho do homem que veio para servir e dar a sua vida em resgate por muitos»*.

Foi apenas publicada a nova *Ratio Formationis* dos Servos da Caridade, com o título *«Pelos caminhos do coração»*. Certo, o Irmão Arnaldo não pôde nem sequer lê-la, mas quanto do seu conteúdo esteve já presente e celebrado na sua vida. O n.º 34 do texto da *Ratio* afirma com força que: *«Cristo Senhor é para nós o modelo de plenitude da humanidade ao qual tender. O seu modo de ser e de agir, de pensar e julgar, de amar e servir, de rezar e sofrer, de entrar em relação e viver a comunhão, revela-nos o mistério do amor e da vontade salvífica do Pai e revela-nos plenamente a nós mesmos»* (GS).

O Irmão Arnaldo, como bom Servo da Caridade, serviu os seus irmãos através das diversas incumbências a ele confiadas pelos seus superiores, tendo sempre fixo o olhar da fé sobre Jesus Cristo servo do Pai. Nunca se retirou do campo? Disse não alguma vez? Quem o conheceu, nos anos de noviciado nesta Casa, sabe como o despertador no seu quarto tocava cedo nas primeiras horas da madrugada: esperava-o cotidianamente o trabalho da ordenha das vacas para poder oferecer o leite fresco na cozinha quando, depois das orações da manhã, íamos ao refeitório para o café da manhã. Também estes são gestos de caridade, de carinho para com a sua comunidade. E depois os trabalhos no curral, o trabalho pesado nos prados, nos campos. O bom servo da Caridade que queria a toda custa levar a cabo a tarefa que o seu Senhor, através da obediência, confiara-lhe. A toda custa, isto é, sem se deixar parar pelas fadigas, pelas dificuldades, pelos impedimentos que, em todo caso, também na sua vida estiveram presentes.

Hoje realiza-se para ele quanto rezamos nesta liturgia com o Salmo 30 *«salva-me, Senhor, em ti confio»*. Hoje o Irmão Arnaldo e a nossa Congregação recolhem os frutos da sua sementeira cuidadosa, amada, sofrida. O Irmão Arnaldo, por ter feito fecundo o campo da nossa grande Família guanelliana, com o seu coração enamorado de Deus e a sua dedicação apaixonada ao trabalho pelo bem dos seus irmãos, ouvirá as palavras consoladoras e benditas de Jesus: Muito bem servo bom e fiel, entra na alegria eterna do teu Senhor.

Mas também a inteira Congregação poderá, desde hoje, perceber a herança do seu precioso testemunho: no céu, desde hoje, teremos um mediador a mais em nosso favor, junto ao Pai.

É o nosso fundador que no-lo recorda nos seus Escritos:

«Os mortos são os nossos irmãos. Ó quantas vezes encontrando-se em muito perigo de corpo e de alma, recorrendo aos defuntos, fomos ouvidos! Percorreram aqui na terra uma carreira de fadiga como nós recentemente, e eles con-

hecem as nossas necessidades e socorrem-nos» (Don Guanella, Scritti, vol. III, pag. 993).

Obrigado, Irmão Arnaldo, por todo o bem que nos comunicaste com a tua vida serena e virtuosa, hoje nós tua família, orgulhosos de ti, apresentamo-te a Cristo Ressuscitado, como uma obra-prima da sua graça, para que introduza-te para sempre na Vida dos Santos.

E soem para todos nós de grande consolação, neste momento da separação deste querido coirmão, as palavras que o Papa Bento XVI fez pronunciar ao Ressuscitado na Homilia de Páscoa de dois anos atrás: *“Ressuscitei e agora estou sempre contigo, diz a cada um de nós. A minha mão sustenta-te. Em toda parte tu possas cair, cairás nas minhas mãos. Estou presente até na porta da morte, onde ninguém pode mais acompanhar-te e onde tu não podes levar nada, lá espero-te eu e transformo para ti as trevas em luz...”* (Bento XVI, Homilia na Vigília pascal de 2007.

Esta liturgia pascal celebre-se para ti, hoje, querido Irmão Arnaldo! Amém!

Da Homilia do Pe. Umberto Brugnoli

3. Pe. Gianni Battista Piatti

Nascido em Lurate (Como), aos 28 de junho de 1920

Entrado no Internato S. Gerolamo de Fara Novarese,
aos 3 de outubro de 1938

Noviciado em Barza d’Ispra (VA), Casa don Guanella,
aos 12 de setembro de 1940

Primeira profissão em Barza d’Ispra, aos 12 de setembro
de 1942

Profissão perpétua em Barza d’Ispra, aos 12 de setembro
de 1945

Sacerdote em Milão, Catedral, aos 22 de maio de 1948

Morto em Como, Casa Divina Providência,
aos 12 de março de 2009

Sepultado no Cemitério de Lurate Caccivio (Como)



Pe. Gianni Piatti nasce em Lurate Caccivio (Como) aos 28 de junho de 1920 e é batizado na Igreja paroquial aos 04 de julho seguinte. Na mesma paróquia recebe o sacramento da confirmação aos 31 de agosto de 1929. Mostrando boa inclinação para o caminho do sacerdócio, o seu pároco quis endereçá-lo ao Seminário de Venegono: o Reitor define-o muito bom, piedoso e diligente, mas um pouco escasso nos estudos, tanto que aconselha-o a deixar o seminário.

Gianni permanece um certo tempo na família e depois bate na porta da Obra Pe. Guanella e abrem-se para ele as portas do Seminário de Fara Novarese: tinha 18 anos de idade. Conclui o ginásio em dois anos, com resultados não brilhantes, mas suficientes e vem admitido ao noviciado, onde entra em 1940.

O juízo dos seus superiores é sempre concorde: “muito sério, ajuizado, assíduo ao dever. É rígido por caráter, ainda que justo com todos”. E estes dotes levará sempre consigo nos vários encargos que os superiores confiar-lhe-ão no curso da sua longa vida.

É primeiramente prefeito de disciplina e professor em diversas Casas: em Cassago, no S. Gaetano de Milão, na Casa Divina Providência de Como, em Roma no Seminário: no seminário de Anzano del Parco (Como), em Perugia-Montebello; depois, de 1961 a 1973, por doze anos, em Nuova Olonio. Em 1973, transfere-se para Castano Primo, onde transcorrerá outros 10 anos, dos quais oito como ecônomo.

A idade avança e as doenças começam a fazerem-se sentir, todavia o “não recuso o trabalho” foi sempre um dos seus valores mais característicos e transcorre, então, outros 9 anos no santuário da Beata Virgem de Tirano, como colaborador no ministério pastoral deste importante santuário. Com o retiro da Obra de Tirano, já quase octogenário, oferece ainda a sua colaboração pastoral no santuário do Sagrado Coração de Como. É aqui que o Senhor chama-o ao prêmio dos Céus na bela idade de 89 anos.

Estamos aqui diante de Deus contigo, querido Pe. Gianni, para dar-te a última saudação, nesta Casa Mãe que te acolheu nos últimos dez anos, e neste Santuário do Sagrado Coração que te viu praticamente até pouco tempo atrás desenvolvendo o teu ministério sacerdotal.

No ano passado tiveste a graça de celebrar um jubileu que a maioria inveja: o 60º de sacerdócio. Tantos anos transcorridos em diversas funções na congregação, como já ouvimos: os primeiros anos como prefeito de disciplina; depois, como professor nos seminários e como conselheiro e ecônomo em diversas casas; enfim, cerca de vinte anos diretamente no ministério pastoral, em Tirano e aqui. Tudo realizado com aquela clareza e obstinação que te distinguiram, fruto de uma inteligência prática; ofuscado só pelo teu temperamento e pelas tuas reações críticas e frequentemente pungentes. E digo-o com simplicidade, mesmo se um caráter assim não é nem o defeito nem o pecado mais grave de uma pessoa; basta olhar o Pe. Guanella. Por isto são-nos úteis as palavras de Paulo: “cada um de nós dará contas a Deus de si mesmo”.

Os teus últimos anos foram marcados por uma solidão procurada, às vezes sofrida, própria das pessoas idosas, mas que te ajudou a ver a tua vida com a sabedoria dos velhos.

E sobretudo, viveu estes anos como um morrer contínuo: a morte do teu irmão menor e de outros familiares, a diminuição das forças físicas e o aumento das doenças, o sofrimento, nunca aceito, de dever-te colocar de lado, e enfim o

retiro na casa de repouso...: tudo foi para ti uma preparação para a morte; sempre lúcido na mente até o último momento, que nos chegou um pouco de improviso, mas tu te deixaste ir, desde muito tempo te rendeste.

E agora, Pe. Gianni, alcançaste os teus queridos e os coirmãos, lá onde Deus espera-nos todos. Pensamos a ti nos braços da misericórdia divina, aquele mesmo abraço que esperamos para todos nós. E pensamos em ti partícipe daquela expectativa dinâmica da ressurreição final, que é a finalidade de todo o nosso viver.

E precisamente, a propósito do viver e do morrer, agradecemos a Deus pela página de Paulo na primeira leitura de hoje: «Porque nenhum de vós vive para si mesmo (*menos um sacerdote*), como nenhum de vós morre para si mesmo. Pois, se vivemos, é para o Senhor que vivemos (*sobretudo um sacerdote*), e se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor» (*Rm 14, 7-8*).

Eis o ponto: viver para Cristo para morrer por Cristo. Como se vive, assim se morre.

Aqui pode ajudar-nos a narração daquele velho e sábio sacerdote que perguntava a um estudante: – O que farás no próximo ano? Irei ao liceu. E depois? À universidade. E depois! Casarei. E depois? Terei filhos. E depois? Aposentarme-ei. E depois? Ficarei velho. E depois? – Aqui o nosso não sabia mais responder, mas entendera. O que conta é o depois do depois, é o último depois. O momento mais importante da vida é a morte.

E então bela também a página do evangelho desta missa, ou melhor, a oração de Jesus, que é oração eterna, infinita, porque do Filho de Deus: «Pai, quero que também aqueles que me destes, estejam comigo onde estou eu... O mundo não te conheceu... estes sabem que tu me mandaste. E eu fiz conhecer-lhes o teu nome» (*Jo 17, 24-26*). Jesus veio, viveu, morreu e ressuscitou para que vivêssemos para sempre com Ele. Eis a resposta aos “porquês” da consagração religiosa: para estar agora e depois eternamente com Ele.

É a Palavra do Deus dos vivos e dos mortos.

Como conclusão, são apropriadas as expressões pronunciadas por ti, Pe. Gianni, para a revista *A Divina Providência*, por ocasião do teu 60º, numa entrevista improvisada, com a tua resposta improvisada, e precisamente porque improvisada, mais autêntica, menos refletida, porque vinha do profundo do teu coração, onde era já amadurecida, entre experiências positivas e sacudidas, a verificação sobre a tua vida: «*Ao longo do caminho encontram-se muitas dificuldades, mas se alguém faz um programa de vida, progride sempre e seguramente. Na vida aprendi a não me preocupar... se as coisas vão como eu quero ou não. Sempre segui adiante. Depois, o bem que fazes, conhece-o só Deus*».

Pe. ANGELO GOTTARDI

4. Pe. Antonio Filippi

Nascido em Capizzone (BG), aos 8 de outubro de 1922

Entrado em Como, Casa Divina Providência,

aos 12 de outubro de 1945

Noviciado em Barza d'Ispra, Casa don Guanella,

aos 12 setembro de 1946

Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1948

Profissão perpétua em Milão, Instituto S. Gaetano,

aos 29 de junho de 1951

Sacerdote em Clusone (BG), aos 12 de agosto de 1951

Morto em Roma, Casa S. Giuseppe, aos 29 de março de 2009

Sepultado na Capela dos coirmãos no Cemitério Prima Porta (RM)



Pe. Antonio Filippi nasce aos 08 de outubro de 1922, de Battista e Maria Pagnoni, em Capizzone, vivaz e laboriosa cidadezinha da região de Bergamo, de uma família não abastada, mas permeada de sentimentos de genuína fé cristã.

Capizzone encobria, então, um passado de lutas muito cruentas com os habitantes de Brembilla, vizinhos de casa, que, penetrados na cidade fortificada, séculos atrás, tinham destruído a sua igreja paroquial, provocando a intervenção de São Carlos Borromeo, para a resolução das muitas questões pendentes. Os habitantes do burgo adquirirão no tempo um acentuado caráter de pessoas laboriosas e comprometidas, tanto no campo da caridade como naquele do compromisso social.

O pequeno Antonio, dois dias depois do nascimento, recebe o S. Batismo e, aos 06 de setembro de 1936, no idade de 14 anos, a Confirmação.

Aos 12 de agosto de 2001, enquanto celebra o 50º ano de Sacerdócio, confia à página de uma agenda as datas principais da sua vida. É um escrito sóbrio, essencial no estilo do seu caráter, mas externa toda a gratidão que quer dar ao Senhor pelas «coisas grandes que atuou nele».

«O meu pároco, Pe. Giuseppe Zamboni, aos 12 de outubro de 1936, mandou-me como coroinha para uma casa de formação, para o ginásio, no Instituto dos Padres Missionário do Sagrado Coração, em Albino (BG) e depois, para Como, na Casa Mãe da Obra Pe. Guanella.

Aquele número 12 foi um prognóstico nas etapas mais significativas da minha vida. Aos 12 de outubro de 1945, entrei como postulante na Casa Divina Providência do Pe. Guanella. Aos 12 de setembro de 1946, iniciei o Noviciado em Barza d'Ispra. Aos 12 de setembro de 1958 professei entre os Servos da Caridade.

Aos 12 de março de 1949, o Beato Cardeal Ildefonso Schuster conferiu-me, na Catedral de Milão, a sagrada Tonsura, as quatro Ordens menores e o Subdiaconato com outros 76 candidatos ao sacerdócio.

Esquecia um preliminar: consagrei-me para sempre na Congregação dos Servos da Caridade, com a profissão perpétua no Instituto S. Gaetano, de Milão, na recorrência da festa dos Santos Pedro e Paulo, aos 29 de junho de 1951.

Do Bispo de Vigevano (PV), Dom Antonio Picconi, recebi o Diaconado, aos 25 de julho de 1951. Na presença de Mons. Domenico Bernareggi, irmão do então bispo de Bergamo, fiz o “exame de síntese” de toda a teologia, completada com os quatro anos de estudo no Instituto S. Gaetano, de Milão, enquanto estava empenhado na educação das crianças. Mons. Clemente Gaddi apresentou-me ao Arcebispo de Bergamo, Mons. Adriano Bernareggi, para a ordenação sacerdotal.

Aos 12 de agosto de 1951, em Clusone (BG), na Basílica de Santa Maria, o Espírito Santo desceu sobre mim, com toda a sua força e potência, fazendo-me ministro de Deus.

Dois meses depois, aos 12 de outubro de 1951, – ia à descoberta da América! –, deixei Levate (BG), onde residiam os meus parentes, para alcançar o porto de Gênova, de onde teria partido para a América Latina. Sobre um navio estrangeiro – os nossos tinham sido vendidos para pagar as dívidas de guerra – chegava a Buenos Aires. Na Argentina permaneci 12 anos, durante a perseguição de Perón e a sua sucessiva dramática tomada do poder num país moralmente desfeito.

Em síntese, tanto na Itália com no exterior, sempre trabalhei na Obra Pe. Guanella, como Promotor Vocacional, ora “atrás dos bastidores”, em progressões aritméticas, ora “no proscênio” em progressões geométricas nos seminários menores de Tapiales na Argentina e Alberobello e Roma, na Itália, conseguindo, ao mesmo tempo, o diploma em S. Liturgia e Psicopedagogia.

Pelo qual é mais do que justo, neste meu 50º ano de sacerdócio, tão carregado de favores, dar graças por tudo e por todos à Divina Providência, à Mãe dos sacerdotes, a S. José tutor das vocações religiosas e sacerdotais na realidade do selo divino: “O Senhor jurou e não se arrepende: Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 110, 4)».

Para tornar mais completo o conhecimento da vida do religioso Pe. Filippi, é justo traçar as suas etapas e os seus movimentos. Desenvolveu a sua missão na Argentina: de 1951 a 1953 em Buenos Aires, como educador junto ao Instituto S. José; de 1953 a 1955 em S. Fé, na Paróquia Nossa Senhora do Transito; de 1955 a 1962, em Tapiales, junto à paróquia Nuestra Señora de Lujan y San Luis Gonzaga.

Tendo voltado para a Itália, por um decênio, dedicar-se à pastoral vocacional no Seminário de Alberobello: são anos de frutuosa sementeira que dará abundantes frutos com o dom de numerosos sacerdotes para a obra, que ocuparam e ocupam ainda hoje lugares de responsabilidade.

Em 1972 volta para Milão, onde é educador no Instituto S. Gaetano até 1977. Nos anos 1977-1981, anima o seminário menor de Roma e aquele de Nossa Senhora da Civita (LT), para continuar, de 1982 a 1987, no Centro de espiri-

tualidade de Barza (VA) e, de 1987 a 1989, no Santuário do S. Coração na Casa Mãe de Como.

Depois daquela data, por 12 anos atua na Paróquia Nossa Senhora do Trabalho, em Bolonha, como vice-pároco. Tem ainda energias e vontade de trabalhar quando pede para voltar à Paróquia S. José, no Centro Sul, e precisamente em Marsciano (PG) para interessar-se da pequena igreja de S. Elena, em contato com dos benjamins do Pe. Guanella, os bons filhos.

Em março de 2006, pede para voltar para Roma, na Casa S. Giuseppe, em busca de qualquer alívio, na idade que avança inexorável, carregada de dores e também da doença do século, o tumor. Nesta casa reunir-se-á a Deus Pai, dador de todo bem, na noite de oito de março de 2009, no idade de 87 anos. Concluíra assim uma vida espiritual elevada e intensa.

São, portanto, muitos os aspectos interessantes para assinalar na sua vida. Foi, antes de tudo, um formidável trabalhador, constata-se também pelos muitos encargos que desenvolveu com entusiasmo e gastou energias físicas e morais. Cumpriu sempre com mérito o encargo de educador dos menores, de modo específico com aqueles a ele confiados para a preparação para a escolha e seguimento de uma vocação específica como aquela sacerdotal. Possuía, naqueles casos, um discreto saber e uma fé firme, diria rochosa, às diretrizes da Igreja e à fidelidade à nossa Regra.

Convicto de que a preparação que possuía fora superada pelos novos ditames, depois do Concílio Vaticano II, aos 54 anos de idade, enfrentou um curso de atualização e adequação relativo à sua principal missão de educador, junto à Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Salesiana de Roma. Lê-se com satisfação o juízo positivo que lhe foi entregue em relação à tese por ele apresentada: «A ajuda psicopedagógica e ascética do sacerdote na orientação vocacional», que soa como um belo elogio.

«O trabalho demonstra uma atenta e inteligente leitura dos estudos essenciais, em língua italiana, relativos ao desenvolvimento psicológico e ao cuidado educativo das vocações sacerdotais e religiosas, tendo presentes as metas indicadas nos documentos antigos e recentes da Igreja».

Sac. Prof. Albino Ronco da Universidade Pontifícia Salesiana, em Roma, aos 24 de junho de 1976.

Vai-lhe, como segundo mérito, o dote de sacerdote escrupuloso cultor da Sagrada Liturgia, bem persuadido de quanto se lê na *Gaudium et spes* que: «Cristo está sempre presente na sua Igreja e sobretudo nas ações litúrgicas. Está presente no Sacramento da Missa... está presente com a sua virtude nos sacramentos... está presente na sua palavra... está presente quando a Igreja reza e canta os salmos».

Escavou estas soberanas verdades dentro de si e eram uma nota diretriz que algumas vezes colocou-o em contraste com pessoas que se revelaram, em diversas circunstâncias, não à altura da preparação litúrgica que ele possuía.

Tinha um sentido de respeito dos livros santos e tratava com explícito ciúme qualquer texto sacro e não, que dissesse respeito ao seu mundo de interesse pela sagrada liturgia. Amava a solenidade dos ritos sacros, apreciando a perfeição na sua execução. Também na celebração cotidiana da Eucaristia, era seu compromisso preparar as leituras mais indicadas para a eventual festa ou memória que se ia celebrar. Recusava o desmazelo e a excessiva preocupação para apressar o tempo do rito, ainda que impelidos por compromissos urgentes.

Nos últimos anos de vida, debilitado pela idade, não cessou nunca de continuar a ser o fiel ministro de Deus, amante da sua palavra e guardião do louvor perene à Trindade.

Condiz com ele, por último, o mérito também de ter sido um devoto da Virgem. Confessou, em alguma ocasião, que nunca recusou uma peregrinação ou uma procissão, quando tratou-se de um evento que concernisse à Nossa Senhora. Enumerava todos os Santuários marianos visitados e, às vezes, uma tênue lágrima descia dos seus olhos quando sentia falar de Maria com entusiasmo e amor filial, aprovando com acenos da cabeça quanto ia escutando. Tinha a Virgem Maria como sua válida guardiã, em sintonia com quanto escrevera numa página e que conservava no Breviário: «Ipsa duce non fatigaris, ipsa propitia pervenis» (S. Bernardo).

Sac. TARCISIO CASALI

5. Pe. Luigi Reali

Nascido em Ferentino (Frosinone), aos 20 de junho de 1929

Entrado em Roma Seminario, aos 22 de janeiro de 1946

Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 12 de setembro de 1947

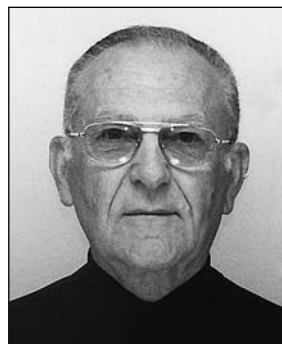
Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1949

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1954

Sacerdote em Milano - Duomo, aos 26 de maio de 1956

Morto em Curitiba, aos 30 de março de 2009

Sepultado no Cemitério de Parque Iguazu di Curitiba.



Nasceu em Ferentino (Frosinone) nel Lazio, uma cidade antiga atravessada da Via Casilina, (uma via consular que de Roma ia até Nápoles) no dia 20 de

junho de 1929. Batizado na sua paróquia, Santa Maria dei Gaudenti, no dia 29 julho do mesmo ano. Quando criança mostrou desejo de se tornar Padre e foi então encaminhado pelo próprio pároco para o Seminário de Ferentino. Esta cidade naquela época era diocese.

Alguns anos depois simpatizou para os Padres Guanellianos que atendiam e atendem, a Paróquia de Santa Agueda. Recebeu-o o Pe Armando Budino que era prefeito das crianças naquela instituição e depois se tornou, em certo sentido, protetor do novo seminarista.

Alguns meses depois foi enviado para a Casa São José, em Roma, onde funcionava o “Seminarietto”.

No ano de 1946 foi noviço em Barza D’Ispra onde fez a sua primeira profissão religiosa. Fez o segundo grau em Barza e mais tarde a teologia em Anzano del Parco e Chiavenna e no dia 26 de maio de 1956, na Catedral de Milão, pelas mãos do Cardeal daquela época, foi ordenado Sacerdote.

Fez o seu tirocínio em Gatteo – Instituto Dom Guinelli. Depois de Padre trabalhou alguns meses na nossa casa de Pollegio, na Suíça. E daqui foi convidado para ir missionário no Brasil.

Era o ano de 1957. Sua primeira atividade na terra de Santa Cruz, foi Itaguaí, no Estado de Rio de Janeiro. Não se adaptou, pois a vizinhança do cemitério da cidade que fazia divisa com a nossa instituição, deixava no jovem padre uma certa tristeza misturada a muita saudade. Um dia passou por aí o Pe Mario Versé, que já faleceu e o convidou para ir no Rio trabalhar com ele, na Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Não deixou repetir o convite e foi com ele. Acontece que ficou poucos dias aqui, pois um dia apareceu Pe Alexandre Cengia de feliz memória, que periodicamente do Sul, vinha ao Rio para acompanhar os processos de ajuda com os deputados federais e quase brincando disse para o Pe Versé: Ficaria muito contente se deixasse este padre vir trabalhar comigo em Porto Alegre, pois ai estamos precisando muito e o Pe Mario respondeu, pensando em uma brincadeira: pode leva-lo.

O Pe Cengia comprou a passagem e o levou consigo no Sul, no Educandário São Luiz, em Porto Alegre. Era o ano de 1957. Aqui se achou bem, pois era um bom motorista e disso aproveitou Pe Bruno Granchi para facilitar o vai-vem da burocracia com referencia a construção da Igreja Nossa Senhora do Trabalho, a casa de Capão da Canoa e o Seminário Guanelliano de Canela. Nunca teria pensado, o Pe Luiz, que quando pronto o Seminário, no ano de 1964, teria que deixar Porto Alegre para ir trabalhar como Prefeito dos Seminaristas em Canela.

Não se adaptou, ficou uns dois anos. Diríamos que Deus tinha “outros planos” para o jovem missionário. O fato é que o nosso Pe Luiz se afastou da Congregação para alguns anos.

No ano de 1994 pediu humildemente para ser readmitido. Foi aceito e estabeleceu sua morada em Curitiba (PR), onde tínhamos o Seminário Teológico.

Um dia, no enquanto estava fazendo limpeza na casa, deu-se um imprevisto incêndio. Foi atingido pelo fogo. Levado para o hospital de Curitiba, não resistiu. No dia 30 de março de 2009 entregava sua alma a Deus. Foi enterrado no Cemitério Parque Iguaçu em Curitiba (PR).

Era um coirmão de muita companhia, diríamos até de um bom espírito religioso. Absorveu com o tempo o carisma guanelliano. Talvez era um pouco inconstante. Deus o tenha.

Pe. CÉLIO MATTIUZZO

6. Pe. Emilio Canosi

Nascido em Pieve Porto Morone (PV), aos 9 de abril de 1921

Entrado em Fara Novarese, aos 27 de dezembro de 1939

Noviciado em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1941

Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1943

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1947

Sacerdote em Como - Catedral, aos 26 de junho de 1949

Morto em Barza d'Ispra, aos 30 de março de 2009

Sepultado no Cemitério de Pieve Porto Morone



Conheci o Pe. Emilio quando entrei no seminário, em Gatteo. Era o seu primeiro encargo depois da ordenação sacerdotal de 26 de junho de 1949. Ele me acolheu e fiquei impressionado por duas situações: o modo diverso do padre que está no meio dos jovens com os quais partilha a jornada e depois a sua figura magra e decidida. Às vezes também muito decidido, assim como eram os métodos educativos de então.

Ficou em Gatteo 4 anos. Até 1953, quando foi encarregado da direção espiritual no seminário de Roma e, em seguida, responsável disciplinar daquele de Civita. Depois de um triênio de colaboração na Casa S. José de Roma (1956-1959) entrou na atividade pastoral que levou adiante por bem 30 anos, primeiramente em Bari-Mungivacca e depois em Pádua.

Aqui reencontrei-o, uma vez sacerdote, quanto fui enviado para Pádua e comecei o meu percurso na atividade pastoral das paróquias.

Como padre, era do estilo do padre de uma vez: pouca conversa mas fatos, as coisas são claras e não tem necessidade de mudanças de como sempre se fez.

Liquidava as mulheres com duas palavras: «elas se perdem com besteiras». Pela sua simplicidade a gente aprendera a amá-lo.

Da sua maneira, tinha um forte sentido da Igreja ligado à figura do bispo: «o que diz o bispo é sempre justo». E o bispo (no caso específico Dom Bortignon) retribuía-o procurando mantê-lo o mais possível na paróquia de S. Estêvão da Hungria, em Pádua. Sentir com o Bispo, para ele que não se considerava ser um pensador, era sentir “cum Ecclesia”.

Por ser um homem simples que não amava as complicações demasiado pensadas, assumiu um compromisso muito pesado quando foi enviado, em 1962, como pároco em Pádua, para que construísse a igreja paroquial. Começou com a clássica barraca para depois, com o tempo, construir a bela igreja de S. Estêvão da Hungria (tinha acontecido desde pouco os fatos sangrentos da Hungria e o bispo quisera dedicá-la ao rei que levava à fé cristã o seu povo). Neste trabalho foi muito ajudado pelos seus primeiros paroquianos que ele recordava sempre com muito reconhecimento. Estes, de quando em quando, passavam pelas famílias para pedirem a contribuição para a nova igreja; fazendo assim um duplo serviço: amalgamar as pessoas à comunidade paroquial e torná-las partícipes das despesas para a nova construção. Deste movo começavam a sentir a igreja como própria.

O seu era um modo sempre ativo de ser pároco: “fazer” era o seu lema. «Vós – dizia aos capelães – perdeis demasiado tempo sobre os livros». E os paroquianos acostumaram a vê-lo em giro pela paróquia com o carrinho, a pá e a picareta... a inventar sempre alguma das suas iniciativas práticas de “padre operário”.

Estimava os seus capelães (os padres do Concílio Vaticano II!) aos quais deixava muito liberdade de ação nas atividades pastorais por eles programadas, que encorajada e das quais falava com favor a todos os paroquianos. Com eles, pouco a pouco, abriu uma série de realidades na paróquia: o oratório, em S. Vicente, os escoteiros, o grupo dos coroinhas, os grupos esportivos... Como bom guanelliano, acolheu com favor o jardim de infância que as Filhas de S. Maria da Providência abriram ao lado da paróquia. Ele ia visitar os doentes (mas de manhã cedo, porque depois tinha o que fazer). Lembrava-se também frequentemente do seu coirmão guanelliano Pe. Enrico Sordi, prematuramente chamado ao Céu, porque seu conterrâneo.

Quando veio o momento da transferência da paróquia para uma nova destinação, para ele que crescera a “sua criatura” por bem 24 anos, foi um momento difícil. Mas também para os paroquianos que se tinham habituado ao seu estilo simples e prático. Depois de um certo tempo, na nova destinação de Verdello, na qual permaneceu por 20 anos, reconhecerá que fora oportuno aquela mudança.

Pe. MARIO BALDINI

7. Padre Giuseppe Rossi

Nascido em Sabbioneta (Verona), aos 25 de fevereiro de 1930

Entrado em Fara Novarese, aos 20 de setembro de 1949

Noviciado em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1952

Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1954

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1959

Sacerdote em Como - Catedral, aos 26 de junho de 1960

Morto em Borgomanero - Hospital, aos 14 de abril de 2009

Sepultado no Cemitério de Gozzano



Pe. Giuseppe Rossi nasceu em Sabbioneta, (Verona) no dia 25 de fevereiro de 1930. Entrou no aspirantado de Fara Novarese (Novara) no dia 20 de setembro de 1949. Emitiu a profissão perpétua no dia 12 de setembro de 1959 em Barza d'Ispra (Varese) e foi ordenado sacerdote no dia 26 de junho de 1960 na Catedral de Como. Pe. Giuseppe passou quase toda sua vida sacerdotal no Brasil, de fato chegou na Terra de Santa Cruz no dia 23 de setembro de 1962, mesmo que não temos certeza absoluta desta data.

O Pe. Giuseppe Rossi passou no Brasil toda sua vida de Servo da Caridade. Quem o conheceu sabe que atrás de uma casca dura, escondia um grande coração.

Ao longo de sua vida sacerdotal como Servo da Caridade assumiu várias responsabilidades. Por muitos anos colaborou na formação seja no Seminário Menor de Carazinho, como também no Seminário Menor de Canela.

Assumiu a administração da economia dos Seminários de Canela e do Patronato Santo Antônio de Carazinho, com muitos alunos internos e seminternos e inclusive com o Ensino Fundamental.

Foi Pároco da Paróquia São José do Patrocínio em Santa Maria. Destacou-se, como pároco e, sobretudo, como vigário paroquial, ao longo de mais de 23 anos, no atendimento aos doentes. Tinha uma predileção especial pelas pessoas enfermas e as visitava frequentemente, dando a possibilidade de se reconciliar com Deus através do sacramento da Reconciliação e levando o conforto da Eucaristia.

Pe. Giuseppe ao longo de sua vida demonstrou-se extremamente fiel aos vários cargos que assumiu.

Exigente consigo mesmo e exigente com os outros. Por este motivo, talvez, os superiores o colocaram várias vezes como responsável da disciplina nos seminários e nos colégios. Um Servo da Caridade fiel em todas as suas coisas.

Quando recebeu a responsabilidade da economia da casa, era muito atento às despesas, mesmo sem deixar faltar nada ao que era necessário para os semina-

ristas e as crianças. Lembro que no ano 1978, quando deixou de ser ecônomo na Casa São José em Canela, nosso antigo seminário, deixou uma boa quantia de dinheiro como reserva, tendo presente que naqueles anos quem sustentava o seminário era o economato provincial, mesmo que a casa tivesse suas entradas relacionadas com o setor agrícola.

Pe. Giuseppe, após um período em que esteve doente, em consequência do uso excessivo do cigarro, quis voltar para a Itália, isso aconteceu no ano 2004.

Nos últimos 4 anos de seu ministério sacerdotal na Itália trabalhou em Barza d'Ispra (Varese) como auxiliar no ministério, em Fratta Polesine na Casa Sagrada Família, como capelão das Filhas de Santa Maria da Providência; assistente espiritual na casa São José em Gozzano, aonde faleceu no dia 14 de abril de 2009.

Pe. Giuseppe amava o Brasil. Permaneceu junto ao povo brasileiro ao longo de mais 40 anos. Quando foi para a Itália não agüentou a saudade, sobretudo porque não tinha se despedido do povo de Santa Terezinha de Itaipu, porque quando esteve doente passou do hospital da cidade de Cascavel (Paraná) diretamente para o Hospital Divina Providência na cidade Porto Alegre (Rio Grande do Sul) mil km longe de Cascavel. De Porto Alegre foi diretamente para a Itália.

Pe. Giuseppe Rossi foi um fiel Servo da Caridade por isso mereceu as palavras de Jesus: “Venha você, bendito do meu Pai. Receba como herança o Reino que meu Pai lhe preparou desde a criação do Mundo”.

Pe. CIRO ATTANASIO

8. Pe. Emidio Di Nicola

Nascido em Penne (PE), aos 13 de dezembro de 1912
Entrado na Paróquia S. Giuseppe al Trionfale de Roma,
aos 18 de março de 1933
Noviciado em Fara Novarese (NO), Instituto S. Gerolamo
e em Barza d'Ispra (VA), aos 8 de setembro de 1933
Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro
de 1935
Profissão perpétua em Chiavenna (SO),
aos 12 de setembro de 1938
Sacerdote em Como, Santuário S. Coração,
aos 8 de março de 1941
Morto em Bari, Centro Idosos don Guanella, aos 30 de abril de 2009
Sepultado no cemitério de Bari (BA).



Na noite de 30 de abril de 2009, morria o Pe. Emidio Di Nicola, com a venerável idade de noventa e sete anos, estimado patriarca da Congregação e da Província Romana S. Giuseppe.

A sua morte premiou-o com singulares primados vividos na Congregação: maior idade, sessenta e oito anos de sacerdócio, diversificados e múltiplos encargos ocupados, tanto no campo educativo como naquele pastoral, como: formador no seminário, educador em institutos para menores, ecônomo nas várias casas da Obra, pároco por muitos anos, superior de comunidades religiosas e educadoras, estimado e procurado confessor, professor nos seminários menores.

Por ocasião da celebração do 60º ano de sacerdócio, Pe. Emidio quis recordar o evento com um escrito com o qual quis percorrer todo o trajeto da sua vida até aquele momento. Data a essencialidade e a completude, merece ser transcrito para um conhecimento mais exato da pessoa, do sacerdote e do religioso, porque com o escrito ele não avança nenhum desejo de “colocar-se em mostra”, mas revela a imensa gratidão ao Senhor por ter feito dele um vaso profundo de eleição e um dócil instrumento de sincera colaboração.

«Pe. Emidio nasce em Penne (PE), aos 13 de dezembro de 1912; é batizado aos 15 de dezembro, III domingo de Advento, na Catedral de Penne. Aos 16 anos entra no Seminário de Penne e, no outono de quatro anos depois, inicia o seu caminho como postulante entre os Filhos do Pe. Guanella, em Roma, na Paróquia de S. Giuseppe al Trionfale. De Roma, vai para Fara Novarese para iniciar o Noviciado que concluirá em Barza d’Ispira (VA) aos 12 de setembro de 1935, dia em que emite os votos na Obra Pe. Guanella. Por seis anos cumpre os estudos filosóficos e teológicos, trabalhando no entanto também com educador nos institutos: Casa Divina Providência de Como, Beato Bernardino Tomitano de Vellai di Feltre (BL), e Casa don Guanella de Chiavenna al Deserto (SO).

É consagrado sacerdote aos oito de março de 1941 no Santuário do Sagrado Coração, na Casa Mãe da Obra, em Como, pelo Mons. Alessandro Macchi. Do berço da Obra, inicia a sua aventura missionária em toda a Itália; nos Institutos Manzoni de Lecco (LC) e no Deserto de Chiavenna (SO); nos Santuários Madonna Ss.ma della Civita em Itri (LT) e San Calogero de Naro (AG); nos Seminários Mons. Bacciarini de Roma (RM), S. Clemente de Velletri (RM), S. Antonio de Alberobello (BA); nas Paróquias S. Ciro de Bari, S. Giuseppe Benedetto Cottolengo de Valle Aurelia (RM) e Maria Ss.ma Addolorata (BA); no Centro Idosos don Guanella de Bari. Estes os encargos desenvolvidos: formador, educador, ecônomo, pároco, superior, professor, confessor...».

Nestas sóbrias, ainda que pormenorizadas anotações da sua vida, não há todo o mundo do Pe. Emidio. Ele, relendo os apontamentos numerosos, confiados também a folhas de nenhum significado, encontrados entre os seus papéis, repetidamente fala e narra da sua vida de guanelliano e das muitas datas importantes para ele e isto também nas cartas que envia aos Superiores, por ocasião de felicitações de todo tipo e circunstância.

Destas transparece alegria plena e saborosa por ter tido a sorte de ter sido acolhido pelos sacerdotes do Pe. Guanella, partindo de uma cidade gloriosa de história e de arte, mas pobre como miseráveis eram um pouco todos os italianos

daqueles anos e amargurado pelo fato de ter sido afastado do Seminário Diocesano de Penne, dirigido pelo Cônego Fileno De Luca Ravocchia (al qual, entre outras coisas, os seus pais pagavam uma onerosa pensão mensal de 200 liras), por pequenas insuficiências nos exames para a quinta série ginásial. Era o ano de 1932!...

É consolador, em todo caso, quanto transparece do seu ânimo pela chegada à Obra Pe. Guanella.

«Conheci o Pe. Guanella pelo testemunho direto dos seus primeiros sacerdotes colaboradores: Pe. Mazzucchi, Pe. Salvatore Alippi, Pe. Filisetti, Pe. Guglielmo Bianchi e Pe. Martino Cugnasca. O Fundador subira ao céu desde cerca de dez anos. Eu era estudante da quarta série ginásial; tinha cerca de vinte anos, quando entrei no Pe. Guanella, na Paróquia S. Giuseppe al Trionfale, como assistente dos jovens do Oratório. À força de insistir, consegui convencer o Pe. Alessandro Zaffaroni, que cuidava de mim, a fazer-me retomar os estudos no Asilo de Via Aurelia Antica, onde o Pe. Preatoni dava aulas para um grupo de jovens aspirantes.

Eu, –pobrezinho de mim!– mas feliz pela solução que me foi oferecida, cada manhã levantava-me às 05:30 h, participava da meditação e ajudava a santa Missa do sacerdote de turno na semana, colocava a sintaxe de Zenoni debaixo do braço e, a pé, beirando os Muros Vaticanos, através da Rua Madonna del Riposo e da Praça Carpegna, entrava na Rua de Torre Rossa, indo e voltando da Via Aurelia Antica para ter uma hora de aula, durante a qual me davam os exercícios que teria que fazer até o dia seguinte. Ao Trionfale voltava para assistir os meninos do Oratório e os jovens da Paróquia até uma hora muito tarde.

Do programa da quarta série ginásial, fui admitido ao Noviciado antes em Fara Novarese e logo depois em Barza d’Ispra (VA), onde desde alguns anos a Congregação adquirira uma grande vila imersa num parque imenso. Deixei aquele belo lugar apenas professo para terminar os estudos do liceu em outra parte.

Tive a sorte de conhecer o Bispo Mons. Aurelio Bacciarini, que vinha a Barza para encontrar-se com o seu sobrinho Pe. Michele. Foi um conhecimento breve, porque o monsenhor bispo morria em junho de 1935, indo recolher o prêmio que o Senhor lhe preparara. Digo de ter tido a sorte, mas é mais exato afirmar que o considerei sempre como um grande dom de Deus para a minha vocação ao sacerdócio e à vida religiosa, sempre na Obra Pe. Guanella.

Os superiores encontrados e também os companheiros de estudo e de trabalho consideraram-me sempre religioso convicto do caminho empreendido e ajudamo-nos mutuamente a realizar os projetos que o Senhor traçara para cada um de nós.

Comprometi-me desde sempre a não separar-me nunca do Pe. Guanella, qualquer obstáculo se fosse entreposto no meu cotidiano. Não quero passar por um herói. Sou orgulhoso da minha fidelidade à palavra dada e digo-o com orgulho, agora que sou o mais idoso coirmão da Congregação, como Servo da Caridade, com 73 anos de vida religiosa, 63 de vida sacerdotal e 93 anos desde o

nascimento. Posso dizer, com profunda sinceridade, que sempre trabalhei pelo bem da Obra, sem deixar de lado o fim principal: a minha salvação.

Agradeço Jesus Filho de Deus e a sua Mãe, Nossa Senhora, pelo dom da vida». Estes acenos foram escritos aos 13 de dezembro de 2005.

A vida do Pe. Emidio não aceita nenhum tipo de anotação, dadas a intensidade e a plenitude com que foi intensamente vivida. Foram muitas as pessoas que caminharam em sintonia com ele, muitíssimos os episódios interessantes que floresceram ao longo do seu caminho, suavizados pelo espírito franciscano do Fundador. Uma irmã beneditina do Mosteiro de Santa Maria del Monte, de Bevagna (PG), quis compor a sua inteira vida com um cântico oferecido ao Pe. Emidio, já nos umbrais dos noventa anos. Na poesia é o Pe. Emidio que repercorre ao contrário a sua vivência, aceitando os tempos da sua doação, da fidelidade e das dolorosas dificuldades comuns a todo religioso fiel à Regra e ao Fundador.

«Oitenta e nove anos: um sopro de vento... - Um sim doado, vivido entre os guanellianos, - um sim renovado na amada comunidade, - um sim cantado com trépida espera, com fiel abandono - que hoje, nos meus oitenta e nove anos, - ofereço-te como dom - retorno-te com frêmito jubiloso - com passo talvez incerto - vacilante, talvez, lento... - mas com a alegria da minha escolha.

Oitenta e nove anos: uma vida que brota das asas sem idade; - que atravessa tempo e eternidade, - que tece motivos sempre novos, - de tantos sim sofridos, pronunciados, - rezados, lançados, amados com total dedicação, - fruto do meu coração para ti, meu Senhor. Muitas vezes o meu sim chocou-se com obstáculos rochosos, - muitas vezes ventos impetuosos desaceleraram o meu caminho; - muitas vezes impotentes gritos fizeram prisioneiro o meu coração em infinitas redes de dor, - mas semeiei, semeiei amor. Pobre, com a pobreza do Pe. Guanella doe-te. - Simples, com a simplicidade do Pe. Guanella preguei-te. - Humilde, com a humildade do Pe. Guanella procurei-te. - Livre, com a liberdade do Pe. Guanella encontrei-te. - Irmão e amigo de todos como o Pe. Guanella dediquei-te - a inteira vida minha - e com o espírito do Pe. Guanella - compus para ti sinfonias de amor - que só tu conheces, meu Senhor. E, no entanto, o teu amor ainda espera amor - e eu tenho tanto para oferecer ainda - e renovo-o para ti com o entusiasmo de então, - porque a tua vontade não tem ocaso: - tem só o amanhecer da minha escuta, - a alegria no meu anoitecer, - e a plenitude da minha oração.

E hoje que fiquei velho - devo confessar-te, meu Senhor que tu és - meu companheiro e condutor; - tu estás nos meus pensamentos, nas minhas ações, - nas minhas lembranças, nos meus sonhos, nos meus cantos, - nos meus silêncios, na minha alegria, - na minha dor, tu eterno estás no meu coração. -

Sou-te reconhecido - pelo meu tanto e pelo meu nada. - Obrigado, meu Senhor, pelos meus oitenta e nove anos de amor. -

Ofereço-te a minha idade e não é só poesia: é a inteira vida minha!».

Sac. TARCISIO CASALI

9. Pe. Romolo Cogliati

Nascido em Terrazzano di Rho (MI), aos 11 de janeiro de 1924

Entrado em Fara Novarese, aos 14 de outubro de 1942

Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 12 de setembro de 1943

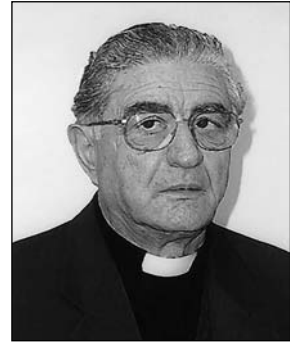
Primeira Profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1945

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1949

Sacerdote em Como - Catedral, aos 29 de junho de 1942

Morto em Caidate (VA), aos 16 de maio de 2009

Sepultado no Cemitério de Terrazzano (MI)



Nasce em Terrazzano Rho, cidade vivaz e ativa da grande região de Milão. Aqui foi batizado, recebeu a primeira Comunhão e a Confirmação. Seus pais, de são sentimentos cristãos e bons trabalhadores, notaram logo nele os germes da vocação e com a ajuda do seu pároco endereçaram-no ao Seminário diocesano de S. Pedro Mártir, onde cumpriu os estudos médios e ginásiais. Uma certa fadiga nos estudos e, seguramente, também a dor pela perda do pai não lhe fizeram superar o 4º ano do ginásio no ano escolar de 1941-1942, pelo qual foi demitido do seminário. Mas os caminhos da Providência são diversos, aliás, ela às vezes prepara satisfações e vitórias inesperadas, depois de uma aparente derrota. Foi assim para o jovem Romolo, que persistindo na vocação, pediu e obteve entrar no seminário guanelliano de Fara Novarese. Com efeito, em setembro de 1942, encontramos-lo na Casa a repetir o 4º ano do ginásio. Em setembro de 1943, ultrapassa os umbrais do Noviciado, na Casa de Braza d'Ispra, onde professa pela primeira vez aos 12 de setembro de 1945, e depois em perpétuo, aos 12 de setembro de 1949. Será finalmente sacerdote na Catedral de Como, aos 29 de junho de 1942.

A sua vida de sacerdote guanelliano inicia, como para a maior parte dos novos sacerdotes, com o papel de educador na Comunidade de Como - Casa Divina Providência.

Recordam-no como um bom educador, preocupado pelo crescimento integral daqueles meninos a ele confiados, mesmo se um pouco reservado, quase podendo parecer um pouco esquivo... Em setembro de 1952, é enviado para Gozzano - Pia Casa S. José, com o mesmo encargo. Mas já os seus sonhos eram para outros lugares, sentia a atração da missão e pediu e foi enviado para o Brasil, onde o vemos já em janeiro de 1954, como responsável da disciplina do Educandário São Luiz de Porto Alegre. Em 1955 entrará no campo da pastoral, tornando-se o primeiro Pároco da nova paróquia de Nossa Senhora do Trabalho, sempre

em Porto Alegre, até dezembro de 1959, quando será transferido para a Paróquia de São Francisco Xavier de Itaguai, como vice-pároco, para tornar-se ainda pároco da mesma paróquia até 1967.

Nos inícios de 1971, transcorreram-se já 18 anos da sua vinda para o Brasil, sente a necessidade de voltar para a Pátria e pede humildemente ao Superior geral, que o seu pedido seja acolhido. Mesmo compreendendo as suas motivações, tanto os Superiores maiores, como os coirmãos do Brasil, procuraram entretê-lo ainda por algum ano, mas a decisão fora já tomada. Deixou uma boa pegada de servo fiel no trabalho tanto educativo como pastoral, com dedicação total, sem poupanças para o bem das almas. Ainda é lembrada a sua afabilidade e o seu compromisso sobretudo pela juventude.

Reentrado na Itália, vem logo designado ao campo pastoral, primeiramente na Paróquia de Nossa Senhora do Trabalho, de Bolonha, depois naquele de S. Gaetano de Milão, onde torna-se Prepósito de 1984 a 1989, depois ainda pároco em Cerano, para voltar, enfim, já com mais de setenta anos, a Milão, como colaborador paroquial.

São anos de intensa atividade. Quem trabalhou com ele, recorda-o como um sacerdote que sabia pôr à sua vontade a pessoa que tinha diante. Sobretudo em Milão, muitas pessoas iam encontrá-lo, no seu escritório, e apresentavam-lhe os seus problemas. Para todos encontrava sempre alguma boa solução. Um cuidado particular, de resto já amplamente experimentado no Brasil, foi pelos doentes, especialmente os mais graves, aos quais conferia com a sua alegria e a deles os sacramentos. O seu confessionário tinha sempre a luz acesa, sinal da sua contínua presença.

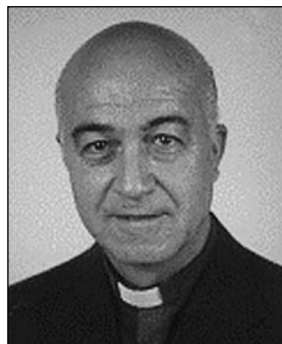
Também a sua vida comunitária foi exemplar: sempre presente nos momentos de oração, era visto frequentemente na igreja em adoração também sozinho. Um cuidado especial, como o Pe. Guanella ensinou-nos, tinha, com efeito, pela adoração eucarística e convidava a gente a tomar parte dela com fidelidade, assegurando especiais graças de Jesus sacramentado sobre a s famílias. Muitos lembram-se dele e veneram-no ainda.

Em 2006, tendo alcançado a veneranda idade de 82 anos, deixa a atividade direta, para retirar-se em paz e serenidade na Casa de Repouso de Caidate (Varese), donde a irmã morte bate na sua porta, aos 16 de maio de 2009, para levar a sua alma para gozar do prêmio preparado para o servo fiel e bom.

Pe. ATTILIO MOLTENI

10. Pe. Ruggero Baldan

Nascido em Stra (VE), aos 20 de dezembro de 1927
Entrado no Seminário S. Giuseppe de Anzano del Parco (CO), aos 30 de outubro de 1951
Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 12 de setembro de 1954
Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1956
Profissão perpétua em Chiavenna (SO), aos 12 de setembro de 1960
Sacerdote em Stra (VE), aos 24 de junho de 1962
Morto em Naro (AG), Casa S. Calogero, aos 19 de junho de 2009
Sepultado na tumba dos sacerdotes do Cemitério de Stra (VE)



Stra é um município de 7.668 habitantes, na província de Veneza. Teve no passado uma história muito diversificada pelas múltiplas alianças que os seus habitantes teceram ora com Pádua, ora com a Sereníssima. Veneza fez dela uma sua jóia quando, tendo-a possuído definitivamente, ofereceu-a à sua nobreza como lugar de repouso ideal. Foi então adornada de esplêndidas vilas ao longo da Riviera del Brenta.

Entre estas, ainda hoje, domina majestosa e magnífica a Vila Pisani, nascida no século XVIII e pintada a fresco pelos dois Tiepolo. Não perdeu o seu esplendor e a sua singularidade arquitetônica nem sequer hoje, que se tornou “Museu dos Calçados”, desde quando o seu concidadão, o Cav. do Trabalho Luigi Voltan, no final de 1800, transformou a cidadezinha, então prevalentemente dedicada à agricultura, numa cidade industrial de calçados de primário prestígio.

A cidade doou à Congregação guanelliana bem cinco sacerdotes. Pe. Ruggero Baldan, do qual se fala no presente necrológio; Pe. Antonio Bettini, sacerdote em bênção pela doação que fez de si por quase toda a vida entre os deserdados da Obra no grande centro de Roma, em Via Aurelia Antica; Pe. Ermes Boran, religioso estimado pelas suas virtudes humanas e religiosas; a ele vai o mérito de ter gerido com sabedoria e paciência a Casa de Gino in Lora, de Como; enfim, os dois irmãos Giorgio e Vincenzo Simion, ainda agora ativos nas casas do Pe. Guanella.

Em Stra, aos 26 de abril de 1951, decidido a tornar-se algo bem diverso do que um fabricante de calçados, como a maior parte dos seus concidadãos, um jovem de vinte e quatro anos, apresenta-se ao Pe. Romolo Cavazzane e pede-lhe que o apresente a algum instituto religioso, porque tem o desejo de consagrar-se ao Senhor e está disposto a recomeçar o curso dos estudos, abandonados desde diversos anos. Pe. Romolo conhece a Obra Pe. Guanella de Como, com a qual ativa o seu interesse. Tem dela uma resposta positiva, com o pedido de pôr-se em contato com o Seminário S. Giuseppe de Anzano del Parco (CO).

É interessante a anotação que o pároco põe no rodapé da carta de apresentação do seu paroquiano: «É um jovem maduro. A sua vontade levou-o a este ponto. O mundo não é feito para ele. É a minha primeira flor. Fazei-o sacerdote. Conquistará tantas almas».

Preocupa-se também de elencar as suas virtudes. «Ótima conduta. Muito reflexivo, decidido, generoso. É exemplo de piedade e modelo de virtude. É inteligente e apto ao estudo. Goza de uma ótima constituição física e é são de mente. Não tem problemas na família de nenhuma maneira ou de preocupação por parte dos pais».

Pe. Antonio Fontana, responsável do seminário, é bem feliz em acolhê-lo, tranquilizado pelo fato, pela sua cultura, que o aspirante frequentou alguns anos da escola de segundo grau, mesmo se não conseguiu nenhum título. É neste singular tecido da Providência que Ruggero Baldan chega até os guanellianos.

Pe. Ruggero nasceu aos 20 de dezembro de 1927, de Giuseppe Attilio e Maria Prior. Foi batizado na Igreja Santa Maria de Stra e recebeu ali tanto o sacramento da Eucaristia como aquele da Crisma. A família, modesta e digna, vivia quase na periferia da cidadezinha: era um núcleo ligado à vida cristã vivida com forte apego à fé dos pais e às tradições próprias do lugar. Ruggero absorveu de modo pleno todas as convicções da família e foi sua testemunha desde sempre, seja no tempo dos estudos como naqueles do trabalho. Os anos da infância foram vividos num clima que certamente não era aquele que facilitava o seu viver cristão.

Foi sócio ardente da Ação Católica e associou-se ao muitos outros ferventes seus coetâneos no combater, nos obscuros anos de 1945 a 1950, as tentativas de eversão que o Partido Comunista Italiano estava realizando para desarraigar também do catolicismo vêneto a cultura e a fé cristã. Foi-lhe sempre companheiro de luta um outro jovem de Stra, Antonio Bettini, que o seguirá no seminário, arrastado como ele pelo carisma do Pe. Guanella pela atenção aos sofredores e deserdados.

Em 1954, deixa o Seminário S. Giuseppe de Anzano – onde foram-lhe facilitados os estudos com a escola então chamada de fogo, reduzindo-lhe os anos de ulterior espera – e alcança o noviciado em Barza d’Ispra (VA). Leva consigo um juízo dos Superiores encorajante: «Oferece acentuados sinais de percepção para a vida religiosa e é de encorajante conduta sob todo pondo de vista». Eram, portanto, desaparecidas todas as perplexidades que o jovem de vinte e quatro anos fizera nascer com a sua idade madura, entrando no seminário.

Na Cada Pe. Guanella, de Barza d’Ispra, sobre o Lago Maior, tem a sorte de encontrar dois válidos sacerdotes formadores: Pe. Olimpio Giampedraglia e Pe. Armando Budino. Do primeiro haure tudo o que se pode conhecer que é próprio da regra e da tradição dos Servos da Caridade e do Pe. Budino o espírito da piedade e da mansidão. Tinha verdadeiramente tanta precisão disto, porque tinha-se dado conto que era exageradamente “impulsivo e cabeçudo”.

Pela necessidade de ter educadores capazes nos vários instituto da Obra, o Pe. Ruggero termina os seus estudos de liceu no Instituto S. Luigi de Albizzate

(VA) por três anos. Depois chega, em 1960, à Casa Pe. Guanella, em Chiavenna (SO), onde completa a sua formação teológica, selando-a com a consagração perpétua à Congregação, aos 12 de setembro de 1960. Recebe as ordens menores e aquelas maiores na Casa Mãe de Como, é consagrado sacerdote pelo Mons. Gerolamo B. Bortignon, em Stra (VE), lugar desde o qual iniciara a sua aventura na Obra Pe. Guanella, aos 24 de junho de 1962, na idade de trinta e cinco anos.

Chegara o tempo da missão. Inicia-a no Instituto S. Gaetano de Milão e continua-a na longa permanência na terra de Sicília. Esta ilha tornar-se-á a sua segunda pátria e a ela ligará o resto da sua vida de religioso e sacerdote. Brevemente: primeiramente desce ao Instituto S. Calogero de Naro (AG) por seis anos como assistente espiritual e educador dos menores; depois, de 1969 a 1981, é Pároco da Paróquia B. V. da Providência em Agrigento. Volta, em 1981, ao Instituto de Naro como superior local. Em 1987 está de novo na Paróquia guanelliana de Agrigento e, em 1994, é Superior no Instituto S. Calogero de Naro.

Deixa a Sicília por cinco anos, para chegar ao Instituto Madonna della Civita em Gaeta (LT) como diretor das atividades. É um momento difícil para a nossa presença: o Pe. Ruggero, sábia e pacientemente, procura reparar tudo o que era possível. Depois, levanta o último vôo para a Sicília, no Instituto S. Calogero, que terá o seu fim aos 19 de junho de 2009, depois de anos de sofrimento, obstinadamente por ele combatido e vivido à luz da purificação que toda dor leva no mundo do sofredor. Os múltiplos encargos desenvolvidos na congregação revelam o Pe. Ruggero como uma pessoa de muitas facetas, cuja enumeração poderia trair-se numa santificação que não é tarefa deste necrológio.

Poucas coisas podem resumir tudo isto. Pe. Ruggero foi um padre de grande serenidade e seriedade, um homem, senão sempre jubiloso, certamente carregado de humanidade. Revelou sempre um desapego das coisas materiais, ligadas ao prestígio e à riqueza. Foi obstinado e apegado às suas tarefas do momento e aos seus deveres de qualquer teor que eles fossem. Revelou uma atitude livre, mesmo se algumas vezes traída com gente da política do lugar. Teve atitudes de acolhida com todos os que voltaram ao S. Calogero ou na Paróquia para uma permuta de notícias ou de felicitações.

Evangelizou com o olhar e confortou com a palavra. Escutava, sugeria o melhor, colocava-se de lado de conclusões fora do seu pensamento. Pe. Ruggero evangelizava caminhando, organizando as festas comprometedoras para a solenidade anual de S. Calogero e intervindo na igreja da paróquia para torná-la mais bela e decorosa. Os seus gestos de cada dia eram impregnados de fé autêntica, que brotava borrifando os corações sensíveis e pondo em crise tanta gente que estava em redor dele, habituada a bem outras coisas.

Em conclusão, não está longe da verdade afirmar que o Pe. Ruggero escreveu uma parte da história da congregação na terra da Trinacria, onde morou por quarenta anos, sem rumor, com simplicidade e com discrição. Na Sicília, foi feito muito pela Obra Pe. Guanella, no entanto, ninguém nunca ouvia um golpe de

canhão provir das suas margens. A Obra Pe. Guanella é orgulhosa destes sacerdotes que forjaram para a fé e para a caridade inteiras gerações de jovens, às quais foi doado o amor de Cristo através do amor do Pe. Guanella. Disso deve ser dado mérito também ao Pe. Ruggero, que chegou à recompensa prometida por Jesus a todos os que teriam dado “pão e paraíso” no seu nome: «Dou graças àquele que me deu forças, a Cristo Jesus, Nosso Senhor, porque me julgou digno de confiança e me chamou ao ministério» (1 Tm 1, 12).

Sac. TARCISIO CASALI

11. Pe. Paolino Bonomo

Nascido em Cazzano di Tramigna (VR),
aos 16 de setembro de 1931

Entrado no seminário de Fara Novarese,
aos 15 de setembro de 1941

Noviciado em Barza d’Ispra (Varese), aos 12 de setembro
de 1947

Primeira profissão em Barza d’Ispra, aos 12 de setembro
de 1949

Profissão perpétua em Barza d’Ispra, aos 12 de setembro
de 1954

Sacerdote em Roma, Igreja do Seminário, aos 28 de abril de 1957

Morto em Caidate (Varese), aos 9 de setembro de 2009

Sepultado na tumba dos coirmãos no Cemitério de Como



Tantos são os coirmãos guanellianos originários do Vêneto. Para descobrir as razões desta numerosa fileira devem ser, talvez, enumerados diversos motivos: sou desde sempre convicto que esta região tenha sido uma terra que afunda as raízes da sua fé cristã numa cultura sólida que se formou em diversos séculos, que a viram protagonista de numerosas empresas, mesmo se na simplicidade e modéstia dos seus habitantes laboriosos e capazes. Fez-se notar no tempo por ter dado à Igreja numerosos personagens que caracterizaram as várias épocas, elevados também a importantes empenhos; não se podem esquecer, entre os últimos, os Papas S. Pio X e João Paulo I, ambos originários um de uma pequena cidade da região de Pádua (Riese) e o outro da região de Belluno (Canale d’Agordo). Terra de numerosas vocações, sobretudo em Pádua, com diversos seminários (o último grandioso na periferia de Pádua e agora já abandonado).

Estas considerações devem ter passado também na mente do nosso Fundador que, porém, por causa de particulares circunstâncias, dirigiu-se principalmente à zona de Rovigo, onde até hoje existem duas grandes obras das nossas Irmãs.

Agora também esta terra sofreu a grande crise de vocações que se verificou um pouco em todas as partes. Do Vêneto não nos vêm mais vocações, talvez também porque a nossa presença adelgaçou-se e é representada só pela paróquia de Pádua, depois do abandono da grande obra de Vellai di Feltre (BL)

Do Vêneto é originário também o nosso coirmão Pe. Paolino Bonomo, o qual, nascido em Cazzano di Tramigna a pouco mais de vinte quilômetros de Verona e no confim com a província de Trento, aos 16.09.1931, não amava muito falar de si e, portanto, poucos sabem como moveu os primeiros passos para chegar ao nosso seminário de Fara Novarese.

O seu percurso de preparação ao sacerdócio não deixa muito a dizer, não tanto porque privado de ímpetos especiais ou de particulares anedotas, mas porque foi realizado com uma tensão e aplicação constante e regular, que o fez apreciar por todos, especialmente os superiores que cuidavam do seu empenho no estudo, a sua seriedade, o seu caminho na vida religiosa. Não faltam acenos ao seu sentido crítico, que o acompanhou um pouco em toda a sua vida de estudioso, e de professor.

Depois do noviciado em Barza d'Ispra (VA), a primeira profissão e as renovações, sempre acontecidas na mesma Casa, inclusive a profissão perpétua aos 12 de setembro de 1954, frequentará com ótimos resultados o curso do liceu.

Dados os seus bons dote de caráter e de inteligência, de seriedade e de preparação no estudo, os seus superiores enviam-no, para a preparação próxima para o seu ministério sacerdotal e guanelliano, para completar os seus estudos de teologia em Roma, onde frequentará a Pontifícia Universidade de Propaganda Fide. No entanto, receberá, ano por ano, os ministérios, até a consagração sacerdotal, no Seminário Teológico Mons. Bacciarini, aos 28 de abril de 1957.

E assim vem o tempo de fazer frutificar todo este trabalho de preparação: continuará a sua permanência no Seminário de Roma, até 1961 e depois prestar-se-á no ensino, sobretudo na Casa de Barza d'Ispra, onde, salva uma breve interrupção, ficará até 1976. Deve dizer-se que como complemento da sua preparação para a ordenação sacerdotal e durante os primeiros anos de ensino em Barza, encontrará o tempo para obter o doutorado em teologia e em filosofia.

Em seguida, os superiores empregá-lo-ão na missão e assumirá a direção da Casa Pe. Guanella, de Lecco, até 1982, quando é nomeado Vigário provincial, indo a morar em Como, na Casa Divina Providência. Sem se deter demasiado sobre a história das suas atividades, que um pouco todos conhecem, atuará intensamente também no campo da economia: conselheiro e ecônomo local e provincial, procurador geral da Obra, por muitos anos válida ajuda do Pe. Piero Pellegrini na gestão da Província, quando a sua saúde ia agravando-se.

Diz-se dele que tenha feito até o voto de não perder nunca tempo. E eis que nos perguntamos: qual lugar tinha nele a sua espiritualidade, no meio de tal montão de trabalho? Não sofreu talvez por isto? De nenhuma maneira, depois de uma jornada tão intensa e comprometedora, não podia faltar um altar lateral iluminado da igreja e ele que completava a sua jornada na oração. Exemplo lumi-

noso porque, infelizmente, não é mais tanto espontâneo, quando precisam de nós, procurar também a igreja!

Faltava-lhe só o sofrimento que chega pontual, aos 22.01.2002, levado com grande dignidade: um derrame cerebral acometia-o e reduzia-o ao repouso forçado, por dois anos em Como e depois em Caidate (VA). Aqui, aos 09.09.09, alcançava-o a grande chamada à qual ele pôde responder tranquilamente: Eis-me aqui!

Pe. GUIDO DALL'AMICO

12. Pe. Mario Uglietti

Nascido em Momo (Novara), aos 7 de março de 1916

Entrado em Fara Novarese, aos 18 de janeiro de 1931

Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 8 de setembro de 1934

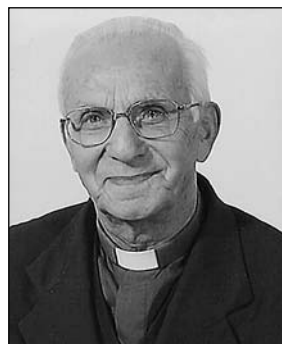
Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1936

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1939

Sacerdote em Como - Catedral, aos 14 de maio de 1942

Morto em Caidate (VA), aos 23 de setembro de 2009

Sepultado na tumba dos coirmãos no Cemitério de Como



Originário de Momo, na província de Novara, tendo-se transferido depois com a família para Domodossola. Menino bastante vivaz, desde criança queria ser padre. Por ocasião da procissão anual ao Santuário de Re, tinha então 10 anos, durante a peregrinação foi-lhe pedido para levar o ostensório, enquanto a uma menina, de origem francesa, a píxide com as hóstias para consagrar.

Mário, naquela ocasião, prometeu à Nossa Senhora que, quando homem, seria padre, e assim será; a menina, ao invés, tornar-se-á freira Rosminiana: «uma coincidência que parece um milagre», afirmava nas suas lembranças de padre idoso, acrescentando: «o mérito de toda a minha vida sacerdotal guanelliana vai à Nossa Senhora de Re, que veio de modo particular e à qual devo a minha vocação...». Com efeito, entra no seminário diocesano de Miasino, mas por motivos imprecisos, depois de alguns anos, deixa-o. O seu pároco, o arcepreste de Domodossola, Pe. Raffaele De Giuli, com um bilhete muito cortês, pede que o jovem seja aceito no seminário e precisa «não posso dizer que o menino tenha índole religiosa, mas é certo de boa índole e a educação ajudar-lhe-á imensamente». E assim, aos 18 de janeiro de 1931, Mário, na idade de quase 15 anos, entra em Fara para terminar o ginásio. Três anos depois entra no Noviciado em Barza d'Ispra, onde professa aos 12 de setembro de 1936 e em perpétuo aos 12 de setembro de

1939. A sua ordenação aconteceu na Catedral de Como, aos 14 de maio de 1942. Está pronto para a grande aventura da missão, sente-se um fervoroso guanelliano, disposto a levar no mundo o carisma do Fundador, em qualquer parte que os superiores o queiram colocar. E inicia com o ensino, primeiramente no nosso seminário de Fara Bivarese, depois aos clérigos teólogos de Milão, no Instituto S. Gaetano, depois àqueles de Cassago Brianla e, enfim, em Gozzano. Em 1951, envia-o ao Centro da Itália, em Velletri, como responsável da Casa e também aqui professor no pequeno seminário. Ali fica 17 anos e depois volta para o Norte como Superior da Casa de Gino (Como - Lora), depois ecônomo da Comunidade de Albizzate (VA) e depois ainda ecônomo por oito anos da Casa de Barza d'Ispra. Chega enfim a Gozzano, em 1989, e ali fica por bem 18 anos, quando as suas forças esvanecem e precisa de uma cuidadosa assistência para a sua saúde. A casa para os Idosos de Cainate parece que seja apropriada para ele e aqui transcorre os últimos dois anos da sua longa vida: a Irmã morte leva-o consigo para o céu aos 23 de setembro de 2009, com a idade de 93 anos.

Homem de um coração grande não se poupava no vir em ajuda para qualquer necessidade de tanta gente que encontrava no seu caminho. O seu caráter afável e doce, unido à sua grande vivacidade de espírito e arrojo, procuravam-lhe tantos amigos aos quais não se criava problema em pedir para a Obra. Amigo de muitos industriais da Brianza, pelo menos uma vez por ano passa para encontrá-los, com o prévio aviso telefônico no qual especificava as coisas das quais tinha necessidade. Em compensação, não se apresentava nunca com as mãos vazias. Tinha desejo de gratificação pelas coisas que fazia, queria que aparecessem, mas, ao mesmo tempo, era de extrema humildade. De caráter batalhador, não faltavam situações de tensão, às vezes alguma “briga” da qual saía quase sempre vitorioso.

Lembrava-se com muita paixão dos anos nos quais, em Velletri, era responsável pela POA, a mandato do Cardeal Micara. Com esta Associação benéfica, além de prover leite e comida, sobretudo para as crianças do após-guerra, organizava colônias marítimas e tudo o que pudesse fazer esquecer àquelas criaturas o flagelo da guerra.

A sua paixão foi certamente Macugnaga. Vivido entre os montes, precisamente onde está posta esta célebre localidade de montanha, amante ele mesmo da montanha, até os 92 anos tinha esquiado e tinha depois encerrado esta sua atividade esportiva fazendo-se tirar uma fotografia de lembrança. Por muitos anos abrira a casa no primeiro período estivo para os jovens de Gozzano e depois, no coração do verão, para a gente que já encontrava-se lá acima verdadeiramente de boa vontade pela sua disponibilidade à companhia e a vir em ajuda a qualquer pequena exigência. Ciumento dos seus encargos, raramente concedia-os a outros senão depois de mil recomendações e especificando sempre que era ele o titular.

Com os jovens, nossos hóspedes, tinha uma relação de verdadeiro avô, interessando-se pelas situações e passando também o tempo a entreter os jovens com as suas histórias de vida e com a suas piadas.

As suas homilias, no final do seus anos, eram frequentemente muito longas, ma a gente ficava contente porque vivazes e embelezadas com episódios da sua vida. Nos anos de Gozzano, fazia serviço pastoral na comunidade de Invorio e em particular no arraial de Mescia. No sábado do período estivo, descia de Macugnaga, celebrava e depois voltava para ali, gabando-se do brevíssimo tempo no qual percorria a estrada. Com efeito, era um pouco temerário e tal ficou até quando guiou, ou seja, além dos 90 anos! Mas aquilo que de risco punha na guia, colocou-o igualmente sempre na vida que jogou por Cristo, que via nos irmãos para servir, nos pobres para ajudar, nos benfeitores para implorar.

Também em veneranda idade, o espírito era em todo caso sempre dirigido ao futuro. Mesmo se com as palavras dizia ter chegado ao fim, todavia plantava continuamente oliveiras na terra, como se fosse seguro de ver os seus frutos. E os frutos do seu trabalho de bom Servo da Caridade certamente viu-os e os verá ainda melhor desde o Paraíso.

Pe. GIUSEPPE POZZI

13. Pe. Gaetano Chinaglia

Nascido em Costa di Rovigo, aos 3 de setembro de 1935
Entrado em Anzano del Parco (Como), aos 21 de novembro de 1950

Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 12 de setembro de 1955

Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1957

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 24 de setembro de 1963

Sacerdote em Como - Catedral, aos 28 de abril de 1965

Morto em Agua Boa (Brasile), aos 1º de outubro de 2009

Sepultado no Cemitério de Agua Boa



Pe. Gaetano Chinaglia nasceu em Costa de Rovigo, Itália, no dia 3 de setembro de 1935. Emitiu sua primeira profissão religiosa entre os Servos da Caridade no dia 12 de setembro 1957 em Barza d'Ispra (Varese). Foi ordenado sacerdote na Catedral de Como no dia 28 de abril de 1965.

Pe. Gaetano viveu todos os anos de sua vida sacerdotal fora de sua pátria, de fato chegou no Brasil no dia 5 de dezembro de 1966. Estava planejando voltar para a Itália, no ano 2010, enquanto tivesse ainda forças para trabalhar. Ao longo de 20 anos exerceu seu ministério de religioso e sacerdote Servos da Caridade entre os prediletos de Jesus: as crianças pobres, desamparadas material, moral e espiri-

tualmente. Estes 20 anos, com uma pequena interrupção, os passou na Cidade dos Meninos, primeira Casa que a Congregação aceitou no dia 24 de outubro de 1947.

Os outros 23 anos foram vividos nas paróquias, a serviço do povo de Deus, nas mais diferentes regiões, inclusive no Nordeste brasileiro, na cidade de Salgueiro, no Estado de Pernambuco, aonde a chuva é raridade, no meio de um povo profundamente bom, religioso e sofrido.

Pe. Gaetano de temperamento introvertido por natureza, queria bem a todos e se deixava querer bem. Pessoa muito reflexiva, mas de poucas palavras. Sabia fazer amizade com o povo, de fato em todos os lugares em que passou, deixou muitos amigos, que se lembravam dele, com saudade, após muitos anos.

A sua vida religiosa e sacerdotal foi de extrema fidelidade à sua consagração religiosa, ao ministério sacerdotal, à oração e à missão. Podemos sintetizar sua vida com as palavras do Fundador, o Bem-aventurado Luís Guanella: um bom servo da caridade. O povo dizia que Pe. Gaetano: “não tinha boca para nada”, quer dizer que foi um homem que não se queixava da vida, tranquilo, sereno, não dava trabalho para ninguém, sempre disponível, para ele estava sempre tudo bem.

Um sacerdote de profunda e diuturna oração. Pe. Gaetano rezava muito. Nos anos que passou, sobretudo em Água Boa, no Mato Grosso, encontrou o que ele sempre desejou: uma vida sossegada de silêncio, de oração, de colaborador na pastoral paroquial, sempre a disposição para atender em qualquer hora as confissões ou qualquer pessoa que pedisse algo referente ao seu ministério sacerdotal.

Não se discute a bondade do Pe. Gaetano, realizou sempre aquele “pouco de bem” que o Fundador queria que nós fizéssemos neste mundo. Um bem feito no silêncio, sem se projetar, sem pedir aplausos, sem desejar aparecer. A sua bondade, a sua tranquilidade, a sua serenidade, como já foi dito acima, o levou a ter grandes amigos, por isso deixou grande saudade em vida, quando deixava uma instituição ou uma paróquia e mais ainda quando deixou este mundo. Muita gente chorava no seu funeral. Homens, mulheres, crianças, religiosas, choraram no dia da última despedida. Era amado e estimado por todos.

O silêncio, uma das características do seu temperamento o levou a viver uma vida interior profunda e o pessoal o admirava e o estimava assim mesmo. Quando falava dizia coisas refletidas e profundas. São Tiago na sua carta afirma que: «Quem não peca com a língua é santo». Pe. Gaetano, homem, religioso, sacerdote de profunda reflexão e de poucas palavras. A sua última homilia no dia 27 de setembro de 2009 nós confirma tudo isso. Nesta homilia ele deu seu recado final para os seus ouvintes, abordando à luz do Evangelho do dia, o tema da tolerância num mundo pluralista. Ele tinha um espírito muito tolerante, paciente.

Era devotíssimo de Nossa Senhora. Parece que rezava o rosário inteiro, todos os dias. Muitos o viam rezar o terço sentado fora da sacristia, no fundo da Igreja ou caminhando embaixo das árvores da casa paroquial, sempre em profundo recolhimento. Segundo testemunhos de paroquianos, frequentemente falava do Fundador, de sua espiritualidade e de seu carisma, fazia questão que dom

Guanella fosse conhecido pelos paroquianos para que assumissem a vivência do carisma, como leigos pertencentes à Paróquia mantida pelos Servos da Caridade.

Na última vez que encontrei Pe. Gaetano aos meados de agosto de 2009, estava um pouco preocupado e parecia que estava com depressão, porque a minha chegada lhe lembrava que, como estabelecido no início do ano ele devia ser transferido para a cidade de Caranara, próxima a Água Boa, mas a transferência foi adiada porque Pe. Odair Danieli, o superior da comunidade, se acidentou. Falei com ele e lhe perguntei se ele queria ainda ir para Canarana. Respondeu que gostaria ficar em Água Boa e que no ano 2010 estava pensando de voltar definitivamente para a Itália. Eu lhe perguntei: «Padre, há quanto anos está no Brasil?» Ele respondeu: «43 anos». Então eu lhe disse: «O senhor não poderia doar mais dois anos para a nossa Província e assim completar 45 anos?». Ele respondeu: «Se Deus me dá saúde e vida aceito de ficar mais dois anos».

No final do diálogo, o agradei e aceitei o seu desejo; permaneceu em Água Boa até o dia 1º de outubro, quando nos deixou para a vida eterna.

No dia 2 de outubro no final da Missa de corpo presente, presidida por Dom Protógenes José Luft, SdC, Bispo de Barra do Garças no Mato Grosso, falei, entre outras coisas, que Pe. Gaetano com sua presença, com seu testemunho deixou o mundo um pouco melhor, cumpriu sua missão, como cristão, Servo da Caridade e sacerdote na Igreja de Cristo.

Pe. CIRO ATTANASIO

14. Irmão Luigi Pisonli

Nascido em Castelletto Ticino (NO), aos 2 de julho de 1924

Entrado em Gozzano, em setembro de 1930

Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 12 de setembro de 1939

Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1941

Profissão perpétua em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1945

Morto em Barza d'Ispra, aos 26 de outubro de 2009

Sepultado no Cemitério de Ispra



Hoje a Igreja faz-nos celebrar a festa dos Apóstolos Simão e Judas. Dois nomes de uma lista de doze que todos os evangelistas nos transcrevem; dois discípulos dos quais sabemos bem pouco, dois do grupo dos apóstolos, o grupo que empenha toda a noite de oração de Jesus para que a sua escolha esteja em sintonia com a vontade do Pai.

A página evangélica de hoje não nos fornece só um árido elenco de nomes. Porque, para Deus, nós não somos números. Ele chama cada um pelo nome, faz emergir do nada, dando um rosto bem definido. Cada um é ele mesmo: único, não repetível. Desde sempre Deus sonhou-o assim. E naquele nome uma chamada, que é a minha, só minha. “Escolheu doze deles aos quais deu o nome de apóstolos”. Doze. E, no entanto, a vocação de Pedro não é aquele de André, porque Simão Pedro desde a eternidade estava no coração de Deus como Simão Pedro, aquele Pedro impulsivo cheio de impulsos e, no entanto, tanto frágil, aquele Pedro que renegará o Mestre, mas que depois será capaz de derramar o sangue pelo Senhor. Aquele Pedro, ó, terá a tarefa de confirmar os outros e ao qual serão confiadas as chaves do Reino... Assim para cada homem... para mim, para ti, para cada um de nós, para o Irmão Luigi. Chamados desde sempre, porque desde sempre sonhados assim, com aquele rosto, com aquela específica tarefa para desenvolver na vida, que não pode ser distinta daquilo que somos.

Eu não tenho uma vocação: eu sou a minha vocação. Aquela voz que me tirou do nada, que me deu um rosto no momento mesmo no qual, num ato de infinita ternura, pronunciava o meu nome, aquela voz chamava-me a “ser para”.

É estupendo, meus queridos amigos, deter-se, mesmo por um só momento, a pensar com certeza que cada um de nós foi *querido por Deus porque amado por Deus assim como cada um de nós é*.

Como podemos, então, não nos amarmos, não nos aceitarmos também nos nossos limites, como podemos não amar a nossa vocação? Como podemos não explodir de alegria? Sim, aquela da qual conservamos no coração o eco com profunda saudade, aquela voz que nos chamou para segui-lo, aquela voz que, como diz o profeta, nos seduziu, mas também que criou dentro de nós a vontade de deixar-nos seduzir por Ele, pois bem, aquela voz continua a chamar-nos para a alegria, para a plenitude da nossa existência. E também quando esta voz convida-nos, como hoje para o Irmão Luigi, a abandonar tudo e partir para a viagem da eternidade, esta voz não é voz de falência, de destruição, de aniquilamento, de um tudo já terminado, mas é, ao invés, uma voz de serenidade, de paz, de perfeição, de vida que continua nele e com Ele que é o Eterno. É a tranquilidade da qual fala Santo Agostinho quando alcançamos o Senhor, perdemo-nos nele.

A oração de Jesus sobre a montanha, e por toda a noite, diz muitas coisas sobre o estilo de Deus, que ama a empresa impossível, que propõe um modelo de apostolado para as nossas comunidades. A cruz fundirá os corações destes homens diversos, a ressurreição torná-los-á um único, aceso anúncio de luz para todo homem.

Pois bem, parece-me que a vida do Irmão Luigi possa convergir sobre este ideal. Celebrou a sua consagração toda nesta casa, por bem 70 anos; com efeito, entrara em Barza aos 12 de setembro de 1939 para o noviciado. Não quis fazer-se homologar a ninguém e a nada, exceto que ao Senhor e ao seu Evangelho. Um homem poliédrico e rico nas suas capacidades e dotes que do bom Deus recebe-

ra: carpinteiro, apicultor, músico, mestre de coro e de banda, professor de flauta. A multidão de clérigos que passaram para a sua formação por esta casa de Barza encruzaram por uma etapa da sua vida o belo testemunho do trabalho assíduo e da dedicação generosa à sua missão deste Servo da caridade exemplar.

Dele nos arquivos da Congregação não se encontra nada, exceto alguma pequena anotação dos seus formadores no início do seu itinerário na Congregação dos Servos da Caridade do Beato Luís Guanella. Todos, porém, aqueles que o conheceram, levam esculpidos no coração lembranças, palavras, exemplos do Irmão Luigi que edificam e impelem para o bem.

O seu Padre Mestre de noviciado, Pe. Carlo De Ambroggi, diz dele: «*O noviço leigo Pisonli Luigi demonstra espírito de piedade sentida, ótima conduta moral, diligência na observância das Regras, caráter aberto e dócil, amor pela Congregação, laboriosidade, constituição física um pouco grácil mas sã*».

Era o dia 3 de julho de 1941; passaram-se 68 anos daqueles apontamentos, mas a mim parece-me que descrevam bem o Irmão Luigi ao longo de todo o percurso dos seus 68 anos de consagrado. Certamente a fragilidade da saúde destes últimos anos e a constrição a uma inatividade sempre mais prolongado, tornaram-nos mais tenso, mais severo no comportamento e nas suas relações.

Com o Irmão Luigi encerra-se também uma página histórica da vida desta casa, de Barza, uma presença significativa e de verdadeira promoção no trabalho, na oração e no testemunho apaixonado dos numerosos “Irmãos leigos” que aqui, mais do que em toda outra comunidade da Congregação, incidiram de modo excelente sobre a missão da Casa.

Damos graças a Deus que, através destes coirmãos da primeira hora, traçou um sulco profundo de caminho para a nossa Família religiosa dentro do qual caminhar com a certeza de chegar à meta, no final da nossa consagração: a Cristo Senhor!.

O Papa Bento, na Encíclica “*Caritas in veritate*”, repropõe para toda a Igreja este estilo de vida: «O desenvolvimento tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus em atitude de oração, cristãos movidos pela consciência de que o amor cheio de verdade — *caritas in veritate* —, do qual procede o desenvolvimento autêntico, não o produzimos nós, mas é-nos dado. Por isso, inclusive nos momentos mais difíceis e complexos, além de reagir conscientemente devemos sobretudo referir-nos ao seu amor. O desenvolvimento implica atenção à vida espiritual, uma séria consideração das experiências de confiança em Deus, de fraternidade espiritual em Cristo, de entrega à providência e à misericórdia divina, de amor e de perdão, de renúncia a si mesmo, de acolhimento do próximo, de justiça e de paz. Tudo isto é indispensável para transformar os “corações de pedra” em “corações de carne” (Ez 36, 26), para tornar “divina” e consequentemente mais digna do homem a vida sobre a terra» (n. 79).

Seguindo o exemplo dos santos apóstolos o Simão o zelote e Judas Tadeu que o Senhor quis como seus seguidores na experiência da construção do Reino,

seguindo o exemplo dos nossos Irmãos leigos que, especialmente nesta casa, testemunharam sempre a alegria de “pertencer a Deus”, peçamos a Cristo Senhor que as nossas comunidades religiosas e cristãs abram-se sempre mais à tolerância e à acolhida mútua, à lógica da riqueza na diversidade e à capacidade de passar das nossas lógicas só humanas, às desconcertantes lógicas divinas onde Deus, o Pai bom e misericordioso, ama todos, acolhes todos, ajuda todos a alcançarem a santidade.

A ti, Irmão Luigi, confiamos hoje a tarefa de mediar-nos junto ao Pai estes desejos de bem. Repousa em paz! Amém.

Da Homilia do Pe. Umberto Brugnoni

15. Pe. Giuseppe Marangi

Nascido em Ceglie Messapica (BR), aos 8 de abril de 1946

Entrado em Roma Seminario Minore, em setembro de 1959

Noviciado em Barza d’Ispra (VA), aos 24 de setembro de 1964

Primeira profissão em Barza d’Ispra, aos 24 de setembro de 1966

Profissão perpétua em Roma, Seminário teológico, aos 19 de março de 1973

Sacerdote em Alberobello (BA), aos 19 de dezembro de 1973

Morto em Bari - Clínica Mater Dei, aos 9 de novembro de 2009

Sepultado no Cemitério de Bari



O Evangelho apenas proclamado sublinhou também para nós um dito cristão forte e rico de significado: qualquer coisa façamos na vida, consideramo-nos no final “servos inúteis”. É certamente uma palavra de ordem que se deve entender antes e depois para viver sem o medo de que com isto venha diminuído o valor da nossa dignidade, da nossa personalidade. É um voltar sobre o valor que o Pe. Luís Guanella quis dar a este título escolhido e querido para os seus filhos: Servos da Caridade. Fazemo-lo esta manhã, nesta circunstância, enquanto somos convocados para saudar o Pe. Giuseppe, um Servo da Caridade que o Pai chamou para a eternidade.

A tradução que lemos no Evangelho «Somos servos inúteis» (v. 10), dizem os exegetas, não é exata, porque o escravo que cumpre o seu trabalho não é inútil e porque Deus não criou nada de inútil. Tudo tem um sentido, tudo tem um fim. Os estudiosos da Bíblia preferem, ao invés, um segundo significado deste termo:

somos servos sem útil, isto é, sem ganho. Isto significa que os cristãos não fazem o seu trabalho apostólico para ganhar, para um útil pessoal, mas por dever e fazem-no gratuitamente: não por vergonhoso interesse (*1 Pd 5, 2*), mas impelidos pelos amor de Cristo Senhor que morreu por todos (*2 Cor 5, 14*).

Todavia, em outras partes do Evangelho, o mesmo Senhor não deixa de exortar-nos ao bem, também em vista do prêmio final. Aos seus apóstolos, ele diz: “Em verdade vos digo: vós que me seguistes, na nova criação, quando o Filho do homem sentará sobre o trono da sua glória, sentareis também vós sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel”. Fala-nos, repetidamente, do prêmio reservado àqueles que lhe permanecem fiéis, mas tudo isto confirma que só da bondade divina brote o incomensurável prêmio. Pois bem, parece-me, caríssimos, que podemos tentar de reatar a este ideal a vida e o testemunho que o Pe. Giuseppe deixa hoje para continuar, a nós, seus coirmãos, parentes e amigos.

É também verdade que, talvez, fazendo isto, estamos indo um pouco contra a vontade do Pe. Giuseppe, que não amava que se falasse dele. Lembro-me que, num seu escrito de alguns anos atrás, referindo-se à morte de um coirmão que ele conhecia bem, dizia-me que refletia, naquele seu escrito, aquela que era também a sua posição. Escrevia: *«Não é tarefa de ninguém fazer os elogios, mas é caridade refinada sacerdotal pedir ao Senhor a paz para ele: “Repousa em paz!”»*. Era o seu desejo como oração de sufrágio, e basta: *«O que foi, foi da minha vida; o importante é que, no dia da morte, alguém reze por mim e recomende a minha alma ao Senhor»*.

É, certamente, esta caridade que todos nós queremos fazer hoje também ao Pe. Giuseppe, apresentando-o ao Senhor na Eucaristia, que é a ação de graças por tudo aquilo que o Bom Deus doou-nos também através dele, da sua presença, do seu coração, da sua inteligência e da sua generosidade, e com ele, pedir a Deus misericórdia também dos seus limites, das suas necessidades, das sus fragilidades que, como homem, cruzaram a sua vida. Junto a isso, desejamos captar da sua vida uma mensagem para todos nós. *«Somos servos sem úteis, sem interesse»*. Não é talvez a nota que emerge também da vida do Pe. Giuseppe?

Um dos formadores do clérigo Giuseppe Marangi escreveu depois do seu pedido para a profissão religiosa: *«Apoiamos e recomendamos este pedido. Parece-nos que o interessado tenha alcançado um bom grau de maturação e de clareza nos seus projetos de vida. Demonstra muita seriedade e compromisso. É um elemento particularmente precioso no dar o tom à nossa vida comum pela clareza das suas idéias e a agudeza das suas reflexões. Diz que não tem particulares propensões, mas de ter-se encontrado bem em todas as experiências feitas nas várias atividades da Congregação. Uma piedade sóbria, mas parece-nos sincera e profunda. A sua vocação tem sempre encontrado dificuldade na família. Também isto pode ser-nos de garantia»*.

São todos elementos que se colocados juntos dão exatamente uma exata descrição da vida do Pe. Giuseppe.

Com efeito, como não lembrar a clareza das suas idéias e a agudeza das suas reflexões nos âmbitos de estudo, de pesquisa que a Congregação viveu em referência às nossas Constituições e ao nosso Projeto educativo?

Quem não se lembra, na celebração dos Capítulos gerais e provinciais ou em alguma assembléia dos coirmãos a sua capacidade de pôr em vinheta espirituosa, uma frase, uma sublinha inteligente e arguta que emergira na assembléia e que também naquele seu modo de recordá-la detinha-se assim na mente com mais incisividade. Pelo seu caráter essencialmente tímido, tinha sempre pronta uma frase espirituosa ou uma forte risada para não pôr o outro em mal-estar ou não deixar silêncios e incompreensões no diálogo. Era um homem essencialmente aberto à alegria, generoso, atento, acolhedor, carinhoso, delicado para com os outros, especialmente para com os leigos. Foram vários os encargos que a obediência designou-lhe no curso da sua vida, e todos sempre desempenhados com grande competência e dedicação: gasta as suas primícias sacerdotais entre os prediletos do Pe. Guanella, os bons filhos da Via Aurelia Antica, em Roma, atividade que realizará de 1974 a 1981.

Nos dois anos sucessivos, até 1983, desenvolve a tarefa de educador no Instituto Matteo Torriani, em Roma, com os menores em situação difícil social e familiar: enquanto que nos cinco anos sucessivos, até 1988, a obediência envia-o a Bari, como diretor do nascente “Centro para idosos”.

De 1988 a 1993, em Ceglie Messapica, é superior da comunidade, com a tarefa nada fácil de estudar a factibilidade de um projeto alternativo ao Instituto para jovens, fechado por motivo de graves dificuldades econômicas.

Em 1994, por um ano é superior do Centro de reabilitação de Perugia; com efeito, a obediência chama-o para a Província, para desempenhar o papel de Ecônomo provincial, encargo que terá até o ano 2000.

Do ano 2000 até o dia da sua morte, viveu na comunidade de Bari, desempenhando papéis diversos: de vigário paroquial, de conselheiro, de ecônomo da Casa. Era sensível com o pessoal que colaborava com ele e com os amigos. Era capaz de dizer “obrigado” a quem lhe fizera um favor ou colaborara com ele para qualquer experiência de animação ou de trabalho.

Era, portanto, um homem aberto, a não ser sobre si mesmo, sobre o seu sofrimento, sobre as suas doenças. Neste aspecto, o Pe. Giuseppe não amava deixar transparecer mesmo a verdade, quase como se quisesse viver na solidão as suas vicissitudes pessoais, levar sozinho a sua cruz, aquela que o Bom Deus pedira-lhe que levasse nas costas na sequela do Filho.

O seu formador falou também de uma “piedade sóbria”: certamente o Pe. Giuseppe não era amante das coisas complicadas, das longas liturgias, das manifestações públicas, mesmo se depois, quando delas participava, era contente. Piedade sóbria, mas sincera e profunda. Duas lembranças simples do Pe. Giuseppe.

Tinham-no mandado para a Índia, como representante da Província, para a ordenação de um coirmãos e, no momento da imposição das mãos, o palco cons-

truído para o evento, no momento no qual o Pe. Giuseppe subiu, caiu rumorosamente no pânico geral. Tendo voltado para Roma, com uma sua fragorosa risada, disse-nos: vistes o que quer dizer mandar-me a estas celebrações?!

Lembro-me ainda que, passando juntos diante do cemitério de Martina Franca, um dia confiou-me que ali estava sepultada a sua mãe. Obriguei-o a parar o carro e levamos uma flor para a capela da confraria onde a mãe estava sepultada. O tempo de um réquiem e embora... mas, desde aquele dia, cada vez que passávamos por aquele cemitério, tornara-se obrigatória aquela breve parada, precisamente o tempo de um réquiem!

Querido Pe. Giuseppe, te oferecemos a última saudação como coirmãos, parentes e amigos, na vigília da Festa de Nossa Senhora da Divina Providência, que o nosso Beato Fundador quis padroeira das suas Congregações. Tu que sempre operaste no âmbito administrativo nas nossas comunidades e sabes quanto seja necessária a providência de Deus para a nossa vida e a nossa missão, obtém-na para nós do Bom Deus com quem te encontras e em cuja presença vives.

Cumpra-se também para ti quanto a nossa Ratio Formationis descreve para todo Servo da caridade: «*Alegres pela presença de Cristo e confiantes na providência, sentimo-nos acompanhados pela virgem Maria nossa Mãe, para que, tendo chegado à meta da vida, quereríamos entregar o nosso espírito nas mãos do Pai e cumprir a nossa páscoa pessoal. Tudo concluir-se-á como louvor peregrino que ressoará na harmonia celeste*» (RF SdC n. 316).

Da Homilia do Pe. Umberto Brugnioni

16. Pe. Salvatore Guida

Nascido em Lagonegro (PZ), aos 2 de dezembro de 1919

Entrado em Fara Novarese, aos 23 de setembro de 1936

Noviciado em Barza d'Ispra (VA), aos 12 de setembro de 1938

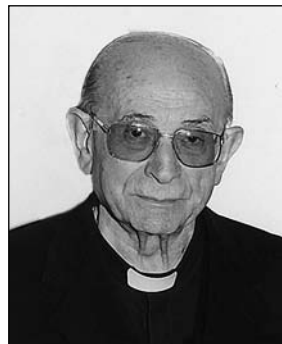
Primeira profissão em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1940

Profissão perpétua em Pollegio - Colégio S. Maria (Suíça), aos 12 de setembro de 1943

Sacerdote em Lugano - Catedral, aos 16 de março de 1946

Morto em Roma, S. Giuseppe al Trionfale, aos 26 de novembro de 2009

Sepultado em Roma, no Cemitério de Prima Porta



Chegamos, com a Palavra de Deus deste sábado, da 34ª semana do Tempo Ordinário, no final do longo discurso apocalíptico e também no final do ano li-

túrgico. Desta noite entraremos no caminho de um novo Ano litúrgico com a primeira etapa: o Advento que é a preparação imediata do Natal do Senhor, mas é também espera rica de esperança da sua última vinda, no final dos tempos, quando o Senhor julgará a nossa vida digna de felicidade eterna ou de infelicidade.

Jesus, na página evangélica apenas escutada, dá um último conselho que será também a ponte de combinação com o próximo tempo do Advento. Jesus faz-nos um explícito convite à vigilância (Lc 21,34-35) e à oração (Lc 21,36). Põe-nos em guarda para ter atenção, cuidado para não perder a capacidade de construir uma consciência crítica da vida, e apresenta-nos depois um apelo explícito a rezar no nosso cotidiano como motor de busca da fonte mais viva e segura para possuir uma cultura de esperança.

«Estai atentos, para que o vosso coração não fique insensível por causa da gula, da embriaguez e das preocupações da vida, e aquele dia não vos pegue de surpresa. Pois ele cairá como uma armadilha sobre todos os habitantes de toda a terra».

Um conselho semelhante Jesus tinha-o já dado quando os seus apóstolos perguntaram-lhe sobre a vida do Reino (Lc 17, 20-21). Ele respondeu que a vinda do Reino acontece como um relâmpago, de improviso, sem advertência. As pessoas devem estar atentas e preparadas, sempre (Lc 17, 22-27).

Jesus, no seu Evangelho, pede-nos que estejamos atentos a estas situações, que não as subestimemos, que testemunhemos aos irmãos a nossa capacidade de firmeza, de ir contracorrente, não por indiferença ou negligência do que vive o mundo que nos circunda, mas por amor da verdade, para educar o homem de hoje para a verdade, para os valores irrenunciáveis para um cristão, para um consagrado.

Depois, junto a esta atenção, Jesus recomenda-nos também a oração, como fonte de uma consciência crítica aberta à esperança. *«Vigiai sempre e orai para escapardes a tudo que há de vir e ficardes de pé diante do Filho do homem».* A oração constante é um meio muito importante para não perder a presença de espírito. Aprofunda no nosso coração a consciência da presença de Deus no meio de nós e, assim, dá-nos força e luz para suportar os dias menos belos, mais difíceis e crescer na esperança. No estudo do professor *Carlo Laudazi* sobre a espiritualidade do Pe. Luís Guanella, afirma-se: *«Para uma justa compreensão da forma de oração de uma família religiosa é necessário conhecer o carisma que deu origem à mesma família religiosa».* O carisma do Pe. Guanella, que está como fundamento da sua oração, é a convicção de que *«Deus é Pai e que nós somos os seus filhos».* A oração do Pe. Guanella, os seus escritos, a sua espiritualidade, a sua missão... tudo está centrado neste dinamismo: a busca e o desejo de encontrar o rosto do Pai. *«Pai, eu quero vir a vós... não posso estar sem vos ver».*

Para o Pe. Guanella rezar significa caminhar rumo a Deus, mas também deixar-se avizinhar, por Deus. No opúsculo *Vamos ao Pai*, ele escreve: *«Eu sou*

vosso Pai e vós sois os meus filhos; e sois os meus filhos diletos... Aproximai-vos, ó filhos, para que eu vos abrace».

Este ir ao Pai, para o Pe. Guanella, não pode senão acontecer junto com os irmãos, nunca sozinhos! As nossas Constituições, no nº 30, afirmam a este respeito: «*Vamos ao Pai enriquecidos pela presença dos irmãos, especialmente dos mais pobres; tornamo-nos partícipes dos seus sofrimentos e aspirações, estamos e rezamos com eles, alegres de partilhar fraternalmente a fé, a esperança, o amor*».

Pois bem, queridos coirmãos, parece-me que estes pensamentos, que a liturgia da Palavra de hoje e a vida do Fundador sugeriram-nos ter bem em evidência e sob controlo na nossa vida, bem adaptam-se e descrevem alguns traços da existência serena e cheia de paz interior do Pe. Salvatore. Muitos não conhecem as tantas etapas da sua vida de Bom Servo da caridade e, portanto, é bom enumerá-las, para dar completude à sua figura:

Pe. Salvatore Guida nasce em Lagonegro, na Província de Potenza, aos 02 de dezembro de 1919, de seu pai Nicola e sua mãe Maria Maddalena Marino. Aos 06 de janeiro de 1920, recebe o Santo Batismo, na Paróquia de S. Nicola, em Lagonegro e aos 10 de março de 1932, no idade de 13 anos, a Confirmação na igreja do trânsito de S. José, em Buenos Aires, aonde emigrara com a família. Depois do período de Postulantado, vivido na casa guanelliana de Fara Novarese, no Instituto S. Jerônimo, entra no Noviciado entre os Servos da caridade, em Barza d'Ispra, aos 12 de setembro de 1938 e aqui, dois anos depois, emite a primeira profissão religiosa, confirmando-a em perpétuo aos 12 de setembro de 1943, em Pollegio, na Suíça, no colégio Santa Maria.

Depois de ter recebido as ordens menores em Lugano, na Suíça, é ordenado sacerdote aos 16 de março de 1946, sempre em Lugano.

Volta para a Argentina e aqui gasta as suas primícias sacerdotais, de 1946 a 1970, bem 24 anos de sacerdócio:

– de 1948 a 1951 em Buenos Aires (Argentina), no Instituto S. José, como prefeito;

– de 1951 a 1955 em Tapiales (Argentina), no Seminário S. Pio X, como Padre espiritual; de 1955 a 1964 em Ciudad Madro (Argentina), na Paróquia S. José Obrero.

Em 1970 volta para a Itália e a obediência manda-o por um triênio a Nápoles Miano, como Assistente espiritual.

De 1973 a 1976 será Superior local no Centro para idosos de Bari.

Daqui voltará para Nápoles, onde terá o encargo primeiramente de Vigário paroquial (nos anos 1976-1977) e depois de Superior local de 1977 a 1980.

No ano seguinte (1981) será em Naro, como Superior local antes de volta a Bari por um biênio.

A partir de 1983 faz parte da comunidade de São José al Trionfale, exercendo, de 1983 a 1994, o encargo de Capelão da clínica “Columbus”. A partir

de 1994 gastará as últimas energias aqui, na Paróquia de S. José al Trionfale, com um companheiro de viagem excepcional: o confessorário.

Nestes últimos meses foi visitado pela doença, a qual teve o mérito de fazer nascer uma competição de generosidade em tantos paroquianos que o acudiram cotidianamente com carinhoso cuidado.

E morreu serenamente, assim como vivera, quinta-feira passada, na vigília do seu nonagésimo aniversário.

Lendo a correspondência que aconteceu entre ele e os vários Superiores gerais da sua história e confrontando-as depois com as numerosas relações dos seus formadores e com as simples e pequenas confidências que também eu pude receber numa visita canônica do Pe. Salvatore, especialmente como narração apaixonada da sua longa experiência de missionário na Argentina, pode-se concluir que o Pe. Salvatore foi um Servo da caridade simples, bom, exemplar, obediente e de grande espírito, de nobreza de ânimo e capaz de uma relação tanto delicada e respeitosa com os outros que certas vezes podia parecer também um pouco ingênuo.

Era um sacerdote humilde e consciente da imerecida vocação para a qual o Senhor, pelo seu amor misericordioso, chamara-o a segui-lo. No santinho de lembrança da sua Ordenação sacerdotal, onde cada sacerdote escolhe a frase bíblica ou espiritual que mormente reflita a sua expectativa, o seu compromisso sacerdotal, o Pe. Salvatore escolhera precisamente de cantar, com as palavras do salmo 88, a misericórdia do Senhor para com ele: “Misericórdias Domini in aeternum cantabo” (Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor). E não vos parece, queridos coirmãos, parentes e leigos que conhecestes o Pe. Salvatore, que este canto da misericórdia e da humildade tenha sido, verdadeiramente, o canto continuado de toda a sua vida no belo e rico testemunho que ele nos deixou?

O Pe. Guanella sublinha muitas vezes nas suas intervenções sobre a oração a característica da humildade. Pedir não diminui a nossa personalidade, mas exalta-a e indica-nos Maria como o modelo por excelência da oração vivida nesta dimensão humilde: «Eis aqui a serva do Senhor. Aconteça comigo segundo a tua palavra» (Lc 1, 38).

Também o Catecismo da Igreja Católica releva que a humildade é a disposição necessária para receber gratuitamente o dom da oração, porque, no fundo, o homem é o mendicante de Deus. Não tendes medo, exorta-nos Jesus, «Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos abrirão. Pois quem pede, recebe; quem procura, acha; e a quem bate, se abre. Quanto mais o Pai do céu saberá dar o Espírito Santo aos que pedirem!» (Lc 11, 9-13).

Pe. Salvatore era engenhoso na suas intervenções e nas suas frase espirituosas que manifestavam claramente como pensava. Com efeito, não escondia o seu ponto de vista, mas fazia-o com uma tal caridade ou com uma espirituosa e quanto mais precisa frase que acho que ninguém se tenha nunca ofendido com as suas sublinhas e com o seu relevar aspectos, fatos e defeitos da vida.

Era o homem do sorriso no rosto, do bom dia no encontro da manhã, do “como está a saúde”, quando cruzava contigo; um interessar-se verdadeiramente sentido, não de conveniência. Sim, um homem, um coirmão das simples e comuns manifestações de educação e de afeto, que tantas vezes são precisamente aquelas que faltam nas nossas comunidades religiosas e paroquiais, entre nós, quase que as considerássemos supérfluas ou até inúteis. O grande padre mestre, Pe. Carlo Bernareggi, teria dito: que nós nos queremos bem, sim, mas da cabeça para baixo, como se a mente, o coração, o corpo não devessem ser envolvidos!

Obrigado, Pe. Salvatore, por este teu passar entre nós por 90 anos com esta sabedoria do coração, com delicadeza e nobreza, sem pretensões e reivindicações das quais se fazer paladino, comunicando, ao invés, a alegria e a serenidade do homem que em Deus pôs toda a sua confiança e então não temes mais nada, mas por todos e sobretudo sente-se interpelado a oferecer a sua pequena contribuição, a simples mas salutar porção do azeite da sua consolação e do vinho da sua esperança.

Obrigado, Pe. Salvatore, por ter-nos recordado que, frequentemente, complicamos a nossa vida por nada, ficamos com raiva por coisas fúteis, porque o que vale é querer-nos bem porque somos todos filhos de Deus-Papai e entre nós irmãos, plenos de fragilidade sim, mas habitados pelo espírito do Senhor que nos faz por isto templo da sua presença.

Repousa em paz, Pe. Salvatore, naquela paz que muitos leram e apreciaram sobre o teu rosto, também nesta última etapa da tua vida feita de dor e de espera; aquela paz que, mesmo sem palavra, anunciava a tua intensa fé, o teu amor maduro e fecundo por Cristo; aquela paz que hoje torna-se canto de Aleluia pela tua Páscoa que se cumpre.

Vive, Pe. Salvatore, eternamente na paz e na alegria do Ressuscitado, daquele que é o Alfa e o Omega, o Princípio e o Fim. Amém!

Da Homilia do Pe. Umberto Brugnoni

Fotocomposizione di

3F PHOTOPRESS

Viale di Valle Aurelia, 105
00167 Roma - Tel. 06.3972.4606
E-mail: tipo@3fphotopress.it